

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS – *CAMPUS* SOROCABA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E BIOLÓGICAS

GABRIELA ACEITUNO

O PROJETO “CRECHE & VIDA”: História do  
atendimento a bebês e crianças pequenas na Educação Infantil  
pública de Sorocaba, SP.  
(1989 a 1992)

SOROCABA -SP  
2023

Gabriela Aceituno

O projeto “Creche & Vida”: História do atendimento a bebês e crianças pequenas na Educação Infantil pública de Sorocaba, SP.  
(1989 a 1992)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Linha de pesquisa: Formação de Professores e Práticas Educativas.

Orientação: Profª. Dra. Maria Walburga dos Santos

Sorocaba – SP  
2023



Aceituno, Gabriela

O projeto "Creche & Vida": História do atendimento a bebês e crianças pequenas na Educação Infantil pública de Sorocaba, SP. (1989 a 1992) / Gabriela Aceituno -- 2023.  
155f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de São Carlos, campus Sorocaba, Sorocaba  
Orientador (a): Maria Walburga dos Santos  
Banca Examinadora: Lucia Maria Salgado dos Santos  
Lombardi, Roseli Gonçalves Ribeiro Martins Garcia  
Bibliografia

1. "Creche & Vida". 2. Educação Infantil. 3. Formação Docente. I. Aceituno, Gabriela. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática  
(SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Maria Aparecida de Lourdes Mariano -  
CRB/8 6979

**GABRIELA ACEITUNO**

O PROJETO “CRECHE & VIDA”: História do atendimento a bebês e crianças pequenas  
na Educação Infantil pública de Sorocaba, SP.  
(1989 a 1992)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação  
em Educação para obtenção do título de Mestre em  
Educação. Sorocaba, 14 de fevereiro de 2023.

Orientadora

---

Profª. Dra. Maria Walburga dos Santos  
UFSCar - Campus Sorocaba

Examinadora

---

Profª. Dra. Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi  
UFSCar - Campus Sorocaba

Examinador(a)

---

Dra. Roseli Gonçalves Ribeiro Martins Garcia  
Prefeitura Municipal de Sorocaba  
Pesquisadora do CRIEI

*Dedico esta dissertação a todas as crianças do passado, do presente e do futuro  
que estiveram, estão e estarão nas creches. Que elas sejam sempre  
consideradas prioridade.*

## AGRADECIMENTOS

*À minha querida orientadora, Profa. Dra. Maria Walburga dos Santos, pela confiança, pelas orientações, pela estruturação da pesquisa e pelo incentivo à profissão docente e acadêmica.*

*Aos meus pais, Sérgio e Silmara, por todo amor e apoio que me deram durante toda a vida, principalmente pelo encorajamento aos estudos desde minha infância.*

*Ao meu marido, João, por ser meu ponto de apoio e equilíbrio nos momentos ruins e bons, e pelo estímulo mútuo na vida acadêmica.*

*Ao meu irmão, Sérgio, e sua esposa, Bianca, pela amizade e pelo apoio, bem como por me darem o maior tesouro da vida, meu sobrinho Ozzy, que me inspira a cada dia a lutar pela infância, pela qualidade da educação e por um futuro melhor.*

*À minha madrinha, Cristina, que está sempre disposta a ajudar no que for preciso, minha segunda mãe e incentivadora de todos meus projetos.*

*Às participantes desta pesquisa, que contribuíram para a história e educação sorocabana, e com muito afeto deixaram seus fascinantes depoimentos.*

*À querida Kátia Pinho, diretora da escola em que minha mãe atuou por 20 anos, que me ajudou com os contatos das entrevistas e me inspira na persistência de oferecer educação infantil pública e de qualidade.*

*Às professoras Lucia Maria Salgado dos Santos Lombardi, Luciane Muniz Ribeiro Barbosa e Roseli Roseli Gonçalves Ribeiro Martins Garcia, pela leitura atenta da pesquisa e pelas recomendações feitas na banca de qualificação.*

*Às crianças que passaram e passarão por minha vida na docência, que muito me inspiram a continuar na busca pelo conhecimento, a aprimorar minha prática e a me dedicar cada vez mais na nobre profissão de professora.*

*Por fim, agradeço à UFSCar - Sorocaba, universidade pública onde me formei pedagoga, e aos professores do Programa de Pós Graduação em Educação - Sorocaba, por todo conhecimento, pelo carinho e dedicação à profissão docente, assim como pelo incentivo à visão crítica do mundo e à vida acadêmica.*

## RESUMO

ACEITUNO, Gabriela. O projeto “Creche & Vida”: história do atendimento a bebês e crianças pequenas na Educação Infantil pública de Sorocaba, SP. (1989 - 1992). 2023. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2023.

Esta dissertação recupera o contexto histórico de atendimento a bebês e crianças pequenas após a Constituição Federal de 1988, em Sorocaba, São Paulo, Brasil, e analisa o projeto “Creche & Vida”. O objetivo é conhecer, reconhecer e comunicar as dimensões da formação continuada e do trabalho pedagógico com bebês e crianças bem pequenas nesse projeto, além de documentar a atenção à infância nesse período. Como objetivos específicos, temos: mapear e documentar a história da educação infantil em Sorocaba a partir do projeto “Creche & Vida”; relacionar e reconhecer a história valorizando a formação continuada; conhecer as concepções de creche, de criança, de educação e de assistência para o projeto “Creche & Vida”; apurar rupturas e permanências do processo histórico da constituição da profissão docente em creche. A pesquisa, em sua organização metodológica, é de ordem qualitativa, bibliográfica e documental, e é realizada a partir de leitura de teses, artigos, livros e documentos referentes à história da creche no país, com atenção ao processo em Sorocaba, incluindo as leis federais, estaduais e municipais de educação e infância, sendo analisadas também notícias de jornais veiculados na cidade. Além disso, reforçando o cunho qualitativo, a pesquisa também tem como fontes entrevistas episódicas, com pessoas que trabalharam em creches durante a vigência do projeto “Creche & Vida”, ou seja, entre os anos de 1989 e 1992. A pesquisa bibliográfica documental e as entrevistas realizadas permitem identificar avanços alcançados pela creche ao longo dos anos e ainda provocam a reflexão acerca de diversos temas relevantes para a qualidade do atendimento a bebês e crianças pequenas, como a formação de professores, as políticas e o investimentos públicos, a creche como espaço educativo, considerado o educar e cuidar, bem como a infraestrutura e o trabalho pedagógico atentando para o respeito às infâncias e as crianças, o brincar e a presença do professor na instituição creche.

**Palavras-chave:** “Creche & Vida”. Educação Infantil. Infância. Formação Docente.



## **ABSTRACT**

This dissertation recovers the historical context of care for babies and young children after the Federal Constitution of 1988, in Sorocaba, São Paulo, Brazil, and analyzes the “Creche & Vida” project. The objective is to know, recognize and communicate the dimensions of continuing education and pedagogical work with babies and very young children in this project, in addition to documenting childhood care during this period. As specific objectives, we have: to map and document the history of early childhood education in Sorocaba from the project “Creche & Vida”; relate and recognize history by valuing continuing education; get to know the conceptions of nursery, children, education and assistance for this project; to investigate ruptures and permanences in the historical process of the constitution of the teaching profession in day care centers. The research, in its methodological organization, is of a qualitative, bibliographical and documental nature, and is carried out from the reading of theses, articles, books and documents referring to the history of the day care center in the country, with attention to the process in Sorocaba, including the laws federal, state and municipal education and childhood, also analyzing news from newspapers published in the city. In addition, reinforcing the qualitative nature, the research also has episodic interviews as sources, with people who worked in daycare centers during the term of the “Creche & Vida” project, that is, between the years 1989 and 1992. the interviews carried out make it possible to identify advances achieved by the day care center over the years and also provoke reflection on various topics relevant to the quality of care for babies and young children, such as teacher learning, public policies and investments, the day care center as a educational space, considering educating and caring, as well as the infrastructure and pedagogical work, paying attention to respect for childhood and children, playing and the presence of the teacher in the day care institution.

**Key-words:** “Creche & Vida”. Child education. Childhood. Teaching Learning

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Mapa localização de Sorocaba - SP	46
Figura 2 - "Prefeitura vai admitir creches domiciliares"	51
Figura 3 - "Conselho da Mulher luta por creches na indústria"	51
Figura 4 - "Exigência de concurso pode prejudicar mães crecheiras"	52
Figura 5 - "Fim do projeto de creches domiciliares levam apreensão aos bairros das periferias"	53
Figura 6 - "Prefeitura apresenta na terça novos projetos de creche"	54
Figura 7 - "Creche & Vida quer derrubar tabus"	55
Figura 8 - "Creche & Vida vai ser lançado hoje"	56
Figura 9 - Inauguração das creches da Vila Barão e Vila Angélica	56
Figura 10 - Edital para preenchimento de vagas nas creches municipais	57
Figura 11 - Creches foram pioneiras na educação	67
Figura 12 - Fusão das PEM-Sos e creches causa temor de demissões	70

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 - Pesquisas encontradas na BDTD defendidas entre 1989 e 1992	29
Quadro 2 - Pesquisas encontradas BDTD defendidas entre 1993 e 2022	30
Quadro 3 - Entrevistas realizadas	45

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Admin.	Administrativo
Assist.	Assistente
Aux.	Auxiliar
BDTD	Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações
CEDES	Centro de Estudos Educação e Sociedade
CEI	Centro de Educação Infantil
CF/88	Constituição Federal de 1988
CLT	Consolidação das leis de trabalho
CMESO	Conselho Municipal de Educação de Sorocaba
CRIEI	Grupo de pesquisas a respeito das crianças, educação infantil e estudos da infância
DCHE	Departamento de Ciências Humanas e Educação
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
Desenv.	Desenvolvimento
DNCr	Departamento Nacional da Criança
Dra.	Doutora
ECA/90	Estatuto da Criança e do Adolescente de 1990
EM.	Escola Municipal
FAEL	Faculdade Educacional da Lapa
FUA	Fundação Ubaldino do Amaral
FUNDEB	Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação
HTP	Horário de Trabalho Pedagógico
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
ICRE	International Conference on Research in Education
IDEB	Índice de Desenvolvimento da Educação Básica
LAPPLANE	Laboratório de Políticas Públicas e Planejamento Educacional
LDB/96	Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996
N.	Nível
nº	número
OP	Orientador Pedagógico
Orient.	Orientador

PEB	Professor de Educação Básica
PEM-So	Pré-escola Municipal de Sorocaba
PESCD	Programa de Estágio Supervisionado de Capacitação Docente
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
Planej.	Planejamento
PMDB	Partido do Movimento Democrático Brasileiro
PPGED-SO	Programa de Pós Graduação em Educação - Sorocaba
Prof.	Professor
Profã.	Professora
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
RCNEI	Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
Scielo	Scientific Electronic Library Online
SEDU	Secretaria de Educação
SP	São Paulo
Superv.	Supervisor
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TCLE	Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
Tec.	Técnico
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
UNICAMP	Universidade Estadual de Campinas
USP	Universidade de São Paulo

## Sumário

1 INTRODUÇÃO	13
2 PERCURSO FORMATIVO DE UMA PROFESSORA-PESQUISADORA	19
3 BREVE INVESTIGAÇÃO ACERCA DA INFÂNCIA BRASILEIRA E SOROCABANA	26
3.1 Considerações prévias sobre infância	30
3.2 Metodologia	40
4 A CIDADE DE SOROCABA	45
4.1 Atendimento a bebês e crianças em Sorocaba – um breve histórico	47
4.2 O projeto “Creche & Vida”	53
5 ENTREVISTAS EPISÓDICAS E O DIA A DIA DO PROJETO “CRECHE & VIDA”	58
5.1 Entrevistas	60
5.2 Formação dos professores e o projeto “Creche & Vida”	73
5.2.1 Políticas públicas e o projeto “Creche & Vida”	77
5.2.2 Investimento e o projeto “Creche & Vida”	78
5.3 Creche como um espaço educativo e o projeto “Creche & Vida”	81
5.3.1 Educar e cuidar e o projeto “Creche & Vida”	82
5.3.2 Estrutura física e materiais adequados	82
5.4 Trabalho pedagógico e o projeto “Creche & Vida”	84
5.4.1 Respeito à infância e à criança	84
5.4.2 Brincar	86
5.4.3 Presença do professor nas creches	87
ALGUMAS CONSIDERAÇÕES: O PROJETO “CRECHE & VIDA SUAS DIMENSÕES E DESAFIOS PARA A CRECHE NA EDUCAÇÃO INFANTIL	89
REFERÊNCIAS	92
APÊNDICE A - TCLE	97
APÊNDICE B – Adendo ao TCLE	99
APÊNDICE C – Entrevista Vera	101
APÊNDICE D – Entrevista Darcy	115
APÊNDICE E – Entrevista Neide	122
APÊNDICE F – Entrevista Célia	131
APÊNDICE G – Entrevista Maria Inês	135
APÊNDICE H – Entrevista Patrícia	148
APÊNDICE I – Roteiro de entrevistas	153
ANEXO A - Tabela de funcionários da Secretaria de Educação	153

## 1 INTRODUÇÃO

A Constituição Federal (CF/88) promulgada em 1988 garante a educação como direito de todos (artigo 205) e prevê o atendimento em creches e pré-escolas para crianças de 0 a 6 anos de idade, independente do trabalho dos pais (artigo 208, inciso IV). Essa lei permite um novo olhar sobre o atendimento a bebês e crianças pequenas que até então era feito através da Secretaria de Assistência Social, prestando cuidados básicos, como higiene, alimentação e segurança e iniciando (ou continuando) uma discussão acerca do cuidar e educar.

Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB/96) dispõe, no artigo 4º, que “O dever do Estado com educação escolar pública será efetivado mediante a garantia de: II - educação infantil gratuita às crianças de até 5 (cinco) anos de idade”; reforçando o que diz a CF/88, apontando a necessidade de a educação infantil ser vista como direito educacional e dever do Estado, principalmente dos municípios, e garantindo a qualidade nesse atendimento às crianças pequenas. Com a regulamentação em lei, e com grande participação dos movimentos comunitários, das mulheres, de redemocratização e principalmente das lutas dos profissionais da educação — como o Movimento de Luta por Creche, que surge em São Paulo na década de 1970, com influência do Movimento Feminista e do Movimento da Anistia (SILVA et al., 2015) —, o atendimento infantil passa a ser feito em instituições de ensino com objetivos educativos, por profissionais com formação específica legalmente determinada e com habilitação para o magistério.

O município de Sorocaba, com o prefeito Antônio Carlos Pannunzio (PTB Primeiro governo 1989 - 1992), sua esposa professora Maria Inês Moron Pannunzio e a Secretaria da Educação, sob responsabilidade da professora Dulcina Guimarães Rolim, investe e amplia o atendimento das crianças na faixa etária de 0 a 3 anos. Após estudos, e para cumprir o disposto na CF/88, no início de março de 1990, é lançado o projeto “Creche & Vida”, que promete uma proposta pedagógica inovadora, baseada nas teorias de Jean Piaget, Lev Vygotsky e Henri Wallon, com o intuito de fazer os professores participantes repensarem o atendimento infantil dentro de unidades escolares e proporcionar às crianças pequenas condições favoráveis ao desenvolvimento da aprendizagem, respeitando suas necessidades e individualidades.

O projeto “Creche & Vida” foi organizado através de cursos de formação com aulas teóricas e alguns testes e entrevistas para classificar o professor. Com base nessa classificação, o profissional poderia assumir turmas dentro das creches municipais, visto que

na época era requisito da Prefeitura Municipal de Sorocaba, além da formação específica (magistério), o curso “Creche & Vida” para atuar efetivamente com as crianças. As formações e a efetivação do projeto “Creche & Vida” eram oferecidas e supervisionadas pela professora Maria Inês. Em consonância ao projeto “Creche & Vida”, foram construídas novas creches espaçosas e arejadas, com materiais pedagógicos adequados às faixas etárias atendidas.

Ao longo da história do atendimento pedagógico dentro das creches municipais, foram feitas mudanças significativas para adequação ao orçamento, e também houve a crescente demanda com novos formatos de cursos de formação, seminários, debates, entre outros, para que o profissional se atualizasse cada vez mais e buscasse novas práticas pedagógicas para ofertar com qualidade o atendimento dentro da creche.

Quando a creche passou a ser de responsabilidade da Secretaria da Educação, para atender o disposto na CF/88, a cidade de Sorocaba reuniu um grupo de profissionais responsáveis por essa transição. A primeira-dama da época, Maria Inês Pannunzio, esteve à frente dessa proposta de alinhar as creches existentes a uma proposta educacional e de construir novas creches com espaços que facilitassem a interação das crianças com outras crianças, com os adultos e com o meio em que viviam, proporcionando experiências e oportunidades de aprendizagem que visavam ao desenvolvimento integral da criança. (ACEITUNO, 2017).

As creches hoje, 33 anos após sua inclusão na pasta da educação pública, continuam buscando oferecer essas mesmas experiências, ou melhor, experiências que defendam a qualidade do atendimento, porém enfrentam situações adversas em algumas regiões do município de Sorocaba, como salas lotadas, vagas ocupadas de forma judicial<sup>1</sup>, falta de materiais e de espaços adequados, sobrecarregando seus profissionais, situações que dificultam a vivência da creche (SANTORUM et al., 2018, p. 204). Segundo Santorum (2018, p. 88), essas situações prejudicam o estabelecimento do vínculo entre as crianças e adultos, com consequências no desenvolvimento integral das crianças que não têm suas necessidades atendidas.

O resgate dos ideais das creches na sua construção é um caminho de reflexão sobre sua prática pedagógica, é uma oportunidade para avaliar o que foi feito para a educação infantil até aqui e perceber os erros, os acertos e os desafios a serem enfrentados. Dessa forma, é possível reapresentar a creche para a sociedade com um papel educativo.

---

<sup>1</sup> Para atender o disposto no art. 208, inciso IV da CF/88, o Poder Judiciário pode obrigar o Município a fornecer vaga em creche à criança de até 5 anos de idade.



Acreditamos que a creche pode ser transformada em um espaço de crescimento e de muitas aprendizagens, mas, para que isso efetivamente ocorra, é necessário que o educador conheça os processos históricos que marcaram a estruturação dessa instituição para que assim possa refletir criticamente sobre suas práticas cotidianas e excluir de sua atuação pedagógica qualquer traço da concepção assistencialista, que visam o cuidado e a guarda pura e simples da criança. (SPADA, 2005, p. 6).

Conhecer as raízes da creche pública é de extrema importância para mapear os avanços e os limites enfrentados, a fim de que possamos definir a identidade da creche com cunho educativo valorizado e compreendido por todos e assim lutar, cada vez mais, por uma educação infantil de qualidade — entendendo a qualidade dentro da creche como um espaço de reverência à infância e suas especificidades —, em que as práticas efetivem o disposto nas Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) de promover um currículo com práticas que articulam as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos integrantes do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico (BRASIL, 2010a).

Peter Moss (2002) considera a qualidade um conceito relativo e fundamentado em valores, e sua definição é um processo dinâmico, contínuo e construído socialmente:

1) a qualidade é um conceito relativo, baseado em valores; 2) definir qualidade é um processo importante por si mesmo, oferecendo oportunidades para compartilhar, discutir e entender valores, ideias, conhecimentos e experiências; 3) o processo deve ser participativo e democrático, envolvendo grupos diferentes, que incluem alunos, famílias e profissionais; 4) as necessidades, as perspectivas e os valores desses grupos podem divergir; 5) portanto, definir qualidade é um processo dinâmico, contínuo, requer revisões e nunca chega a um enunciado definitivo. (p. 20-21).

Nesse sentido, compreender a história do atendimento à infância e conhecer a realidade da nossa cidade, bem como as especificidades de bebês e crianças pequenas, permite-nos definir uma educação infantil de qualidade em creche, garantindo às crianças o direito a acesso, permanência e sucesso na educação infantil. Isso posto, definimos como objetivo central da pesquisa: conhecer, reconhecer, comunicar as dimensões da formação continuada e do trabalho pedagógico com bebês e crianças bem pequenas no projeto “Creche & Vida” e documentar a atenção à infância nesse período, e elencamos os seguintes objetivos específicos:

1. Mapear e documentar a história da educação infantil em Sorocaba a partir do projeto “Creche & Vida”.
2. Relacionar e reconhecer a história valorizando a formação continuada; conhecer as concepções de creche, de criança, de educação e de assistência para o projeto “Creche & Vida”.

3. Apurar rupturas e permanências do processo histórico da constituição da profissão docente em creche.

A pesquisa, de abordagem qualitativa, pode ser considerada de caráter bibliográfico e documental, em que o estudo bibliográfico é feito a partir da leitura de teses, dissertações, artigos, monografias, livros, e o acervo de documentos é composto por leis que regulamentam a educação: a Constituição Federal de 1988, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação de 1996, bem como as Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil, entre outros; jornais da cidade e documentos referentes à creche pública em Sorocaba e ao projeto “Creche & Vida”; e também conta com trabalho de campo apoiado metodologicamente nos critérios de história oral fundamentado em entrevistas e depoimentos de pessoas que trabalharam no projeto “Creche & Vida”, que fizeram os cursos ou que, de alguma forma, estiveram envolvidas no projeto “Creche & Vida”, utilizando as narrativas do passado como objeto de reflexão da história e do presente que vivemos.

Nas entrevistas<sup>2</sup> focamos as formações de professores e concepções pedagógicas dos cursos oferecidos desde o início da creche com foco educacional, como esses cursos e formações influenciaram e influenciam as práticas pedagógicas, e as supervisões feitas nas creches, bem como o dia a dia, as rotinas e o trabalho com bebês e crianças pequenas, considerando os referenciais teóricos da rede municipal pública de Sorocaba.

Esta dissertação está organizada em cinco seções. A primeira é denominada *Percurso formativo de uma professora-pesquisadora*, em que escrevo um pouco sobre minha trajetória, da infância até a escrita da dissertação, com o intuito de me aproximar do leitor e evidenciar tanto meu percurso formativo quanto minha organização e constituição como pesquisadora, bem como minhas escolhas para esta pesquisa.

A próxima seção, *Breve investigação acerca da infância brasileira e sorocabana*, contextualiza o tema desta dissertação expondo pesquisas e conceitos relevantes para a compreensão deste texto, explicitando, de forma breve, a história da infância no mundo e especificamente no Brasil e em Sorocaba, além das teses e dissertações que apresentam essa história. Exponho também a metodologia utilizada, explicando o conceito de entrevista episódica utilizado e a execução da pesquisa documental, constituindo-se em sessão teórico-metodológica.

A terceira seção, *A cidade de Sorocaba*, abrange a contextualização da cidade de Sorocaba e do projeto “Creche & Vida”, desenvolvendo assim a história da educação e da

---

<sup>2</sup> Autorizadas pelo Comitê de Ética via parecer número 5.416.597.

infância sorocabana, bem como o contexto político e social da cidade e ponderando as mudanças e os desafios enfrentados para a implementação do projeto “Creche & Vida” a partir de recortes de notícias de jornais da cidade.

A quarta seção, *Entrevistas episódicas e o dia a dia do projeto “Creche & Vida”*, compreende a apreciação de parte dos relatos das entrevistadas, colocando em evidência alguns pontos para reflexão, principalmente procurando compreender as principais permanências e rupturas do projeto “Creche & Vida” tendo como eixos principais a formação de professores, a creche como espaço educativo e o respeito à infância e a criança.

Por fim, a última seção traz algumas considerações sobre o que foi apresentado pela pesquisa, constituindo a trajetória do atendimento à infância e do trabalho pedagógico na creche.

As entrevistas estão transcritas na íntegra nos Apêndices C, D, E, F, G e H, compondo as fontes documentais deste trabalho. Recomendo uma leitura atenta delas, pois não só constituem relatos fascinantes, mas também permitem reflexões e entendimentos além daqueles expostos neste texto. Estão também nos Apêndices o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o roteiro das entrevistas.

Com os documentos, os depoimentos e as reflexões aqui propostas, pretendo não apenas colaborar para a educação pública na infância em Sorocaba, mas incitar o debate a esse respeito em uma perspectiva global, a fim de enriquecer e aperfeiçoar a formação de professores da educação infantil, bem como fortalecer a creche como espaço educativo e de respeito à infância, buscando sempre qualidade no atendimento.

## **2 PERCURSO FORMATIVO DE UMA PROFESSORA-PESQUISADORA**

Meu nome é Gabriela Aceituno, nasci no começo da manhã de uma sexta-feira, dia 18 de agosto de 1995. Sou filha e neta de excelentes professoras da educação pública, que me inspiraram a seguir nessa bela profissão. Venho de uma família de batalhadoras e batalhadores que acreditam no poder de transformação da educação. Durante minha feliz infância, que compartilhei com meu irmão mais velho e mais cinco primos de idades próximas, além dos amigos da escola e os vizinhos, minha brincadeira favorita era, com toda certeza, “escolinha”.

Começo minha vida escolar, toda vivida em Sorocaba, em bairros centrais da cidade, com 3 anos — no jardim I — em uma escola particular próxima à minha casa, chamada “Pinguinho de Gente”. Fiz um ano na escola pública onde minha mãe era professora (CEI 12) e voltei mais um ano para a “Pinguinho de Gente”. No ensino fundamental, fui para E. M. Matheus Maylasky, lugar por que sempre tive muito carinho, pois foi onde construí amizades significativas e que perduram até hoje, onde aprendi a gostar de estudar e descobri minhas matérias favoritas, meus talentos e minhas fragilidades.

No ensino médio, fui aprovada no vestibulinho do Colégio Politécnico, que na época era uma escola filantrópica mantida pela Fundação Ubaldino do Amaral (FUA). Era uma escola bastante rígida e exigente. Senti bastante diferença entre as duas escolas, mesmo porque o ensino médio tende a ser “mais sério” e também porque o colégio politécnico era considerado particular. Foi ali que conheci a Universidade Federal de São Carlos – *campus* Sorocaba. Até então não tinha pensado muito sobre o que fazer depois da escola e com o que trabalhar. Mas tinha muito claro que, se eu me esforçasse, poderia fazer uma universidade pública, e assim o fiz.

Cresci acompanhando minha mãe em seu trabalho, participava com ela observando e ajudando no que podia no planejamento de suas aulas, “rodava” as atividades no mimeógrafo e frequentava até as reuniões pedagógicas. Para os meus pais, a escola e a educação sempre foram locais de resistência, de mudança de vida e de esperança; herdei deles todo amor, respeito e confiança pelos espaços educativos. Afinal, “Ensinar exige compreender que a educação é uma forma de intervenção no mundo” (FREIRE, 1997, p. 51). Encontrei-me nesse universo da escola e, nas idas e vindas do mundo, depois de considerar todos os cursos possíveis para a graduação, ingressei na turma de Pedagogia de 2013 da UFSCar-Sorocaba.

Foi na graduação que reencontrei minha conexão com a profissão e com a educação pública. Não me esqueço de quando fiz a matrícula na universidade, liguei para a minha vó Dete (que estudou até a antiga 4ª série, pois não teve condições de continuar seus estudos) e contei que seria professora. “Ouvi” seus olhos se encherem de lágrimas e, com a voz emocionada, me disse que tinha muito orgulho de ver sua neta escolher uma profissão tão nobre e do quanto valorizava a educação. É por isso, e por outros tantos motivos, que tenho certeza de que escolhi a profissão certa e que, mesmo em tempos de descrédito e desmonte da educação, eu acredito plenamente em uma educação pública, gratuita e de qualidade, e luto por ela.

Em 2014, no segundo ano da graduação, me inscrevi para trabalhar como professora eventual e estagiária na Prefeitura Municipal de Sorocaba. E foi neste momento, trabalhando na creche pública do meu bairro, que entendi meu lugar. Mesmo com todos os desafios e problemas enfrentados, senti que eu fazia a diferença. Percebia, todos os dias, o carinho e a gratidão das crianças que ali estavam e reconheci que era onde eu deveria estar.

A inserção no espaço escolar traz o confronto com a realidade, mas também o conhecimento e a busca de compreensão desse novo ambiente, em um movimento no qual as expectativas vão sendo revistas e novas relações são construídas. (AMBROSETTI, et al., 2013, p. 162).

Trabalhei um ano como estagiária com crianças de 2 e 3 anos. Ficávamos na sala eu, a professora e outra estagiária, e essa turma tinha em torno de 18 crianças. Aprendi muito nesse ano, como: trocar fraldas, falar com as crianças, cantar (músicas infantis). Eu, que não tive contato com crianças pequenas durante a adolescência, fui aprendendo junto com as crianças, na prática, como elas são, o que elas fazem, do que elas gostam, como elas aprendem. E, assim como explica Lobo (2008), fui conhecer e estudar a infância, entendendo como se constroem suas relações e seus conhecimentos, visando a uma prática pedagógica que conhece e considera a especificidade de bebês e crianças pequenas.

Portanto, conhecer as crianças exige compreender a infância e sua natureza própria, cujas características as definem como seres que sentem e pensam o mundo de um jeito muito singular nas relações estabelecidas nos primeiros instantes do nascimento, com as pessoas mais próximas e que vão se estendendo na medida em que se estabelecem outros contatos com o meio que as circunda. (LOBO, 2008, p. 17).

Após meu ano como estagiária, entrei para a rede municipal de Sorocaba como auxiliar de educação efetiva, admitida por meio do concurso público, em 2016. Nos meus três primeiros anos nessa função, trabalhei em uma escola recém-inaugurada, com todos os funcionários novos. Tive o prazer de trabalhar com professoras maravilhosas, dedicadas,

carinhosas e profissionais, aprendi muito com todas e as tenho como exemplos nas minhas práticas profissionais. Tive a oportunidade de trabalhar com todas as faixas etárias, desde o berçário até creche III<sup>3</sup>, e conhecer as diferenças e especificidades de cada uma, sempre aliando minha prática na escola com meu estudo na graduação.

No mesmo ano em que encetei como Auxiliar de Educação, fui aprovada no processo seletivo do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) com proposta de valorização da formação inicial dos futuros docentes, tendo como objetivos:

[...] incentivar os jovens a reconhecerem a relevância social da carreira docente; promover a articulação teoria-prática e a integração entre escolas e instituições formadoras; e contribuir para elevar a qualidade dos cursos de formação de educadores e o desempenho das escolas nas avaliações nacionais e, conseqüentemente, seu IDEB. (BRASIL, 2010b, p. 4).

Neste programa, juntamente com um grupo de estudantes da Pedagogia, criamos um projeto para ser trabalhado em uma sala de ensino fundamental – anos iniciais (participei de três projetos, - um por semestre, durante a participação no PIBID- com turmas de 1º e 2º anos), durante 3 semestres, em uma escola do centro da cidade de Sorocaba. Além da criação e da execução do projeto, tínhamos reuniões semanais com a professora responsável pela turma e com a coordenadora do PIBID da UFSCar. Também escrevíamos relatórios das atividades propostas e, no final do semestre, desenvolvemos um portfólio do projeto.

Tive, então, a oportunidade de conviver com as crianças do ensino fundamental ao mesmo tempo que vivia o dia a dia da creche. Foi interessante notar as diferenças nas rotinas, atividades e necessidades desses dois segmentos da educação. Isso me fez entender, ainda mais, onde eu queria estar e o que eu queria fazer na minha vida profissional após a graduação.

Levando em consideração toda minha vivência, desde a infância até a graduação, o meu encantamento pela educação infantil e meu respeito pela instituição escola, decidi, em meu Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), contar a história — pelo menos uma parte dela — da creche pública em Sorocaba com o título: *Aspectos Históricos da Creche Pública em Sorocaba a Partir das Memórias de Seus Protagonistas* (ACEITUNO, 2017). Ressalto que escolhi HISTÓRIA por entender que é através dela que conseguimos olhar para frente, e também porque, segundo Khulmann Jr. (2007, p. 6), “quando se desvaloriza a história por ela se ocupar do que já passou, o risco está na ilusão de se inventar a roda novamente”. Escolhi a

---

<sup>3</sup> Em Sorocaba, o atendimento em creche é dividido da seguinte maneira: Berçário: 0 a 1 ano e 11 meses; Creche I: 1 ano e 11 meses a 2 anos e 11 meses; Creche II: 2 anos e 11 meses a 3 anos e 11 meses; Creche III: 3 anos e 11 meses a 4 anos e 11 meses.

CRECHE por ser o alicerce de toda a educação, e PÚBLICA por acreditar em uma educação de qualidade para todos e todas desde a primeiríssima infância. Entendo ser professor assim como declama Freire (1997, p. 53):

Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto e aquilo. Não posso ser professor a favor de quem quer que seja e a favor de não importa o quê. Não posso ser professor a favor simplesmente do Homem ou da Humanidade, frase de uma vaguidade demasiado contrastante com a concretude da prática educativa. Sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou de esquerda. Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais. (p. 53).

Exalto, e muito, minha monografia, pois sinto que foi um divisor de águas na minha vida acadêmica, porque até então não pensava em fazer pesquisa. Queria me formar, trabalhar e “curtir” minha sala, sem outras responsabilidades. Quando resolvi contar uma parte da história da creche pública de Sorocaba, precisei procurar pessoas, funcionários, trabalhadores que pudessem me contar essa história. Destaco três entrevistas/conversas que me tocaram bastante.

Em duas delas, conversei com duas mães crecheiras, mulheres simples e sem estudo formal, que atendiam as crianças na própria casa e tinham uma pequena ajuda, de materiais de limpeza e alimentos, da prefeitura. Ao entrevistá-las, percebi que as duas se lembraram desse tempo com muita emoção e lágrimas nos olhos; quando perguntei sobre o que era necessário para se trabalhar com crianças pequenas, as duas responderam sem pestanejar: AMOR.

É preciso ressaltar que o trabalho com criança pequena exige muito estudo, dedicação e profissionalismo, mas também amor. Paulo Freire (2002) coloca amorosidade, criatividade e competência científica como saberes necessários à docência. Nesse sentido, Freire (2002) estabelece como necessário à docência esse amor, que não é romântico nem permissivo, mas engajado; é aquele amor que ajuda o outro, gera empatia, corrige e permite o crescimento do outro como sujeito.

Maria Carmem Silveira Barbosa (2000) acrescenta que “É, por meio do amor, do desejo e do temor à perda do amor que a criança vai construindo as virtudes da paciência e da obediência, traços fundamentais do desenvolvimento da personalidade” (BARBOSA, 2000, p. 108). Assim entendemos que, além da competência e estudo, ser professor de educação infantil traz a especificidade do trabalho feito com carinho e afetividade.

A terceira entrevista/conversa que fiz para o trabalho foi com a professora Maria Inês Pannunzio, primeira-dama de Sorocaba, nos dois mandatos do seu marido Antônio Pannunzio, de 1989 a 1992 e de 2013 a 2016, que esteve à frente da implementação do atendimento infantil na Secretaria da Educação (SEDU), na época Secretaria de Educação e Cultura, durante o 1º mandato. Nessa ocasião, ela me contou que, ao visitar uma das poucas creches que havia na época, encontrou crianças limpas, arrumadas e paradas, sentadas aguardando seu horário de saída, e ali ela percebeu que faltava uma coisa nas creches: faltava VIDA. Conforme seu depoimento feito em julho de 2017:

Visitei as creches enquanto ainda estavam sob responsabilidade da Secretaria da Promoção Social e vi creches muito limpas, com os brinquedos fora do alcance das crianças, e as crianças a partir das 16 horas, já estavam de banho tomado e enfileiradinhas, sentadas no chão esperando, esperando os pais que chegariam às 17 horas. Eu visitei três creches, e percebi uma preocupação muito grande com a higiene do espaço e das crianças, bem como com a alimentação, mas não vi alegria nas creches, não acompanhei nenhuma atividade de brincadeira. Tudo isso me preocupou muito e pensei qual o significado das crianças irem para creche. (ACEITUNO, 2017, p. 35).

Acredito que VIDA e AMOR refletem a especificidade da infância, por isso essas entrevistas me provocaram a escrever o Trabalho de Conclusão de Curso e, posteriormente, o projeto de pesquisa de mestrado que valorizassem a educação infantil em que acredito, começando pela construção da identidade da creche pública como espaço educativo, democrático e promovedor de cultura, que tenha vida, amor e qualidade.

Dediquei um ano à escrita da monografia. Sempre que podia estava lendo, escrevendo ou pesquisando algo para o TCC. Nessa época me deparei com um ensinamento de Freire (1997) que me motivou e me motiva a cada dia:

No há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Esses que-fazer-se encontram um no corpo do outro. Enquanto ensino continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago e me indago. Pesquiso para constatar, constatando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. (p. 16).

Após o término da graduação, decidi me empenhar na escrita de um projeto de pesquisa para mestrado e dar continuidade a minha pesquisa de monografia. Cursei duas pós-graduação, Educação Especial e Inclusiva e Ensino Superior e EAD, ambas na Faculdade Educacional da Lapa (FAEL). Considero que o professor, seja ele pesquisador ou não, jamais deve parar de buscar, de conhecer, de aprender, temos um compromisso com os estudantes que vai além da sala de aula e dos conteúdos ministrados.

Assim como não posso ser professor sem me achar capacitado para ensinar certo e bem os conteúdos de minha disciplina não posso, por outro lado, reduzir minha prática docente ao puro ensino daqueles conteúdos. Esse é um momento apenas de



minha atividade pedagógica. Tão importante quanto ele, o ensino dos conteúdos, é o meu testemunho ético ao ensiná-los. É a decência com que o faço. (FREIRE, 1997 p. 53).

Em março de 2020, foi decretado estado de calamidade pública no estado de São Paulo devido à pandemia do novo coronavírus, momento tenso e terrível que ainda estamos vivendo. No final de 2019, eu havia ficado noiva e marcado a data do meu casamento para agosto de 2020, a qual precisou ser adiada duas vezes. Minha “terapia” em tempos de isolamento social foi o estudo: dividi meus dias entre estudar para o concurso de Professor de Educação Básica I (PEBI) em Sorocaba e reescrever o projeto de pesquisa. Aproveitei também para iniciar uma segunda licenciatura em História, sob o olhar do “saber da História como possibilidade e não como determinação. O mundo não é. O mundo está sendo” (FREIRE, 1997, p. 39-40). Ou seja, a história não é apenas sobre conhecer o passado, mas sobre transformar o futuro.

Tive o prazer e a alegria de me juntar ao Grupo de Pesquisas a Respeito das Crianças, Educação Infantil e Estudos da Infância (CRIEI - UFSCar) organizado pelas professoras Maria Walburga dos Santos e Andreia Regina de Oliveira Camargo, e ao Núcleo de Educação e Estudos da Infância, também organizado pela professora Maria Walburga dos Santos. Nesses espaços, tive a oportunidade de participar de diversos cursos, palestras e seminários, inclusive como apoio/organização.

Em 2021, fui aprovada em 19º lugar no concurso público, iniciando minha carreira como Professora de Educação Básica I, trabalhando onde sempre quis: na creche pública. Ali conheci professoras incríveis que me influenciaram e me apoiaram na vida profissional e na vida acadêmica. Fui aprovada também no processo seletivo do mestrado, em 3º lugar. Eu e meu marido conseguimos, finalmente, nos casar, mesmo que sem a festa, em março de 2021. Explano aqui essas situações pois entendo que mudam não apenas minha rotina, mas minha visão de mundo e minha constituição como pessoa/pesquisadora.

No mestrado, tive a oportunidade de cursar oito diferentes disciplinas, em que aprendi muito e as quais compõem minha pesquisa. Estudei de forma online, com encontros síncronos, leituras e atividades assíncronas, devido às restrições da pandemia. Apesar da facilidade de não precisar me deslocar, a aula através da tela é bastante desafiadora. Senti falta principalmente das trocas e da companhia dos professores e colegas.

Entre as disciplinas que cursei, destaco quatro delas. *Pesquisa, Formação de Professores e Práticas Educativas* foi ministrada pelas professoras Carolina Rodrigues Souza e Maria Walburga dos Santos, e nela os discentes tiveram a oportunidade de apresentar seu

projeto e o andamento da pesquisa, além de conhecer e debater as pesquisas dos colegas, troca extremamente importante e que traz uma nova visão e reflexão sobre os caminhos da pesquisa. Como trabalho final da disciplina, as professoras pediram a escrita de um memorial. Acredito ter sido o trabalho mais desafiador e o mais importante, pois me permitiu olhar para trás, reviver diferentes momentos, revisitar meus objetivos e lembrar como e por que cheguei até aqui.

Cursei também *História da Educação*, ministrada pela professora Luciana Coutinho. Essa disciplina foi muito interessante para minha pesquisa, pois nela estudamos a história da educação de forma geral, o que me permitiu entender um pouco melhor sobre como se constrói a educação brasileira, quais são seus objetivos e valores, bem como suas transformações na e da sociedade ao longo dos anos.

Frequentei, como aluna especial, a disciplina *Brinquedos e Brincadeiras na Educação Infantil*, ministrada pela professora Tizuko Morchida Kishimoto, na Universidade de São Paulo (USP). Escolhi-a porque, além de a professora Tizuko fazer parte das minhas referências, julgo o brincar como eixo da estrutura pedagógica, ou seja, esse estudo permite esclarecer melhor o que podemos entender como qualidade na educação infantil.

Concomitantemente estudei, também como aluna especial, na disciplina *Sociologia da Infância*, ofertada pela Unicamp e ministrada pelas professoras Ana Lúcia Goulart de Faria e Adriana Alves Silva, diversos assuntos referentes à infância, como: pedagogias macunaímicas, feminismo, capacitismo, classe, gênero, raça, bio(necro)política, necropolítica, relações étnico-raciais, violência contra as mulheres e crianças, feminicídio, participação das crianças na luta de classes, sociologia pública, infanticídio, mulheres urbanas e quádrupla jornada de trabalho, entre outros. Essa disciplina faz uma reflexão significativa acerca da sociedade e de como a infância é vista e tratada em diferentes contextos.

Nesse período tive a oportunidade de apresentar minha pesquisa em eventos como o VIII Seminário de Pesquisa e VII Encontro de Egressos do PPGEd-So da UFSCar Sorocaba e no Porto ICRE (Porto International Conference on Research in Education)<sup>4</sup> na modalidade pôster e na modalidade comunicação oral como parte da programação do seminário Políticas e Gestão na Educação Infantil: Diálogo com as pesquisas da Graduação e da Pós-Graduação, promovido pelo LAPPLANE - Laboratório de Políticas Públicas e Planejamento Educacional e CEDES - Centro de Estudos Educação e Sociedade na Unicamp.

---

<sup>4</sup> Evento internacional organizado pela Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico do Porto nos dias 20, 21 e 22 de julho de 2022.

As apresentações ocorreram de forma remota devido à pandemia; mesmo assim, elas me permitiram um olhar mais atento à minha pesquisa e debatê-las com pessoas de diferentes contextos.

Participei na UFSCar do Programa de Estágio Supervisionado de Capacitação Docente (PESCD) com supervisão da professora Maria Walburga dos Santos. Nesse estágio frequentei a disciplina de *Educação Infantil* da graduação em Pedagogia, em que pude apresentar minha pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso da graduação, e também ler e orientar os alunos quanto às aulas e escrita dos trabalhos da disciplina. Foi uma excelente oportunidade de conversar e passar um pouco da minha experiência para as pessoas que atuam/irão atuar na educação pública.

Como estudante de escola pública, estudante de universidade pública e professora da rede pública; como estudiosa, pesquisadora, defensora e admiradora da infância e pessoa que vive em um corpo criancero<sup>5</sup>, carrego nesta pesquisa o desejo de contribuir para a qualidade da educação pública e da infância sorocabana.

---

<sup>5</sup> Referência ao curso “Corpos arteiros e crianceiros: provocações estéticas”, oferecido pelo Departamento de Ciências Humanas e Educação do campus Sorocaba (DCHE – So) da Universidade Federal de São Carlos, no período de 9 de novembro a 7 de dezembro de 2020, ministrado pelos professores, Italo Butzke, Rafael Romeiro Doin e Sálua Domingos Guimarães.

### 3 BREVE INVESTIGAÇÃO ACERCA DA INFÂNCIA BRASILEIRA E SOROCABANA

Para a escrita deste trabalho, um dos objetivos traçados foi conhecer e reconhecer pesquisas que tratavam da infância e sua história ao longo do tempo, bem como da atenção dada a esse período do desenvolvimento humano. A primeira imersão na pesquisa ocorreu como estudo bibliográfico, buscando-se teses e dissertações defendidas nos anos de 1989 a 1992 (período em que o projeto “Creche & Vida” estava ativo na cidade), as quais fossem relevantes para a pesquisa, a fim de estabelecer um estado do conhecimento a respeito da infância. Estado do conhecimento é definido por Morosini e Fernandes (2014) como

identificação, registro, categorização que levem à reflexão e síntese sobre a produção científica de uma determinada área, em um determinado espaço de tempo, congregando periódicos, teses, dissertações e livros sobre uma temática específica. (p. 155).

Nesse sentido, o estado do conhecimento ajuda o pesquisador a mapear as produções já existentes, com uma visão ampla do objeto de estudo e de fontes de informações, sendo o primeiro passo para qualquer pesquisa, e

[...] amplia o olhar sobre a produção científica ao mesmo tempo que nos mobiliza para a produção de conhecimento de forma a contribuir para o avanço da Ciência. Permite nosso mergulho em uma dimensão coletiva de pesquisa, ou seja, nos mobiliza a olhar os problemas de investigação para além das nossas inquietações individuais (MOROSINI; FERNANDES, 2014, p. 160).

Para isso, este levantamento tem como objetivo estabelecer e analisar a produção científica, especificamente teses e dissertações, acerca da infância e do atendimento a bebês e crianças pequenas no Brasil e na cidade de Sorocaba nos referidos anos (1989 a 1992).

Ao procurar informações sobre infância e formação docente na cidade de Sorocaba na Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD), não foram encontrados trabalhos específicos. Ao retirar o descritor “Sorocaba”, fazendo a busca com os descritores “infância”, “creche”, “educação infantil”, “formação de professores” e “formação docente”, foram encontrados 10 resultados para infância; 9 para creche; 8 para educação infantil; 26 para formação de professores; e 11 para formação docente. Desses 64 resultados, apenas 2 tratam da educação infantil numa perspectiva educacional. Os demais trabalhos são focados na questão da saúde física, mental ou psicológica da criança ou da formação para professores do primário ou 1º e 2º graus (ou seja, professores do ensino fundamental ou médio).

Os dois textos encontrados são dissertações apresentadas à Fundação Getúlio Vargas no Instituto de Estudos Avançados em Educação Departamento de Psicologia da Educação para obtenção do título de mestre, conforme o quadro a seguir:

Quadro 1 - Pesquisas encontradas na BDTD defendidas entre 1989 e 1992

<b>Título</b>	<b>Autor</b>		<b>Ano de defesa</b>	<b>Instituição</b>
A emergência da criança no Brasil	HOLANDA, Fernanda R. B. de	Dissertação	1990	FGV
Creche: de lugar de abandono a espaço educativo	MOREL, Cristina M. T. M.	Dissertação	1991	FGV

Fonte: elaborado pela autora Gabriela Aceituno com dados da BDTD.

Procurei também apenas o descritor “Sorocaba” nestes mesmos anos (1989 a 1992), gerando três resultados com os temas de Geoquímica e Geotectônica, e Geologia Sedimentar, que não são relevantes para esta pesquisa.

É interessante observar que, ao procurar com o descritor “creche” nos anos de 2012 a 2022, foram gerados 906 resultados, nos quais se observa uma grande preocupação com a qualidade da educação e da formação de professores oferecidas nestes espaço, evidenciando uma mudança significativa no olhar para a infância e as crianças, como veremos ao longo desta pesquisa.

Este primeiro levantamento, com trabalhos defendidos nos anos de 1989 a 1992, gerou apenas dois resultados. Isso não significa que não houve estudos sobre a creche na cidade neste período, pois é possível que haja trabalhos que não estejam no banco de dados pesquisado, visto que na época o uso do computador ainda não era difundido. De qualquer forma, a escassez de pesquisas sobre a história dessa instituição demonstra a relevância do trabalho de pesquisa desta dissertação e nos motiva ainda mais a pesquisar e a contar esta história, principalmente sob o olhar de quem a viveu.

Docentes são agentes do processo educacional, portanto, suas memórias podem realizar pontes entre passado e presente, evidenciando caminhos a serem trilhados hoje em busca de uma educação pública de qualidade para todas as crianças. (SEWAYBRICKER, 2021, p. 50).

Para a continuidade da pesquisa, busquei, na mesma base de dados (BDTD), teses e dissertações defendidas entre os anos de 1993 a 2022 na tentativa de encontrar trabalhos que tratassem especificamente do projeto “Creche & Vida” e da creche pública em Sorocaba. Para isso foram usados os seguintes descritores: “infância”, “creche”, “educação infantil”, “formação de professores” e “formação docente” em conjunto com o descritor

“Sorocaba”. Essa busca gerou 131 resultados, divididos da seguinte forma: 8 resultados para creche; 8 para infância; 15 para educação infantil; e 100 para formação docente/de professores. Ao procurar com o descritor “Creche & Vida”, não foram gerados resultados. Diante disso, ampliamos a busca por artigos publicados no Scielo (Biblioteca Eletrônica Científica Online) e Scopus, apenas para o descritor “Creche & Vida”, e também não encontramos resultados.

Após a leitura dos resumos dos trabalhos encontrados, foram selecionadas 6 dissertações relevantes para a pesquisa, todas defendidas na Universidade Federal de São Carlos - *campus* Sorocaba, conforme o quadro a seguir:

Quadro 2 - Pesquisas encontradas BDTD defendidas entre 1993 e 2022

Título	Autor		Ano de defesa	Instituição
Avaliação na educação infantil: sentidos atribuídos por professores na creche	GAVA, Fabiana G.	Dissertação	2019	UFSCar
A judicialização na educação infantil entre ênfases, encaminhamentos e solicitações no município de Sorocaba/SP	SILVA, Petula R.S.E	Dissertação	2018	UFSCar
O trabalho docente frente à judicialização de vagas nas creches: sentidos de professores	JOCHI, Fabiana A. P.	Dissertação	2018	UFSCar
Formação continuada na creche: fatos e fatos que revelam um percurso formativo	PINTO, Adriana S.	Dissertação	2017	UFSCar
Brincar na vida e na docência: trajetórias de formadoras(es) brincantes	ROSA, Alessandra de C. e S.	Dissertação	2020	UFSCar
Memórias docentes e educação infantil: diálogos com a formação de professores na cidade de Sorocaba - SP	SEWAYBRICKER, Gabriela M.	Dissertação	2021	UFSCar

Fonte: elaborado pela autora Gabriela Aceituno com dados do BDTD.

As pesquisas acima foram consideradas relevantes por tratarem do atendimento a bebês e crianças pequenas nas creches e pré-escolas da cidade de Sorocaba; mesmo não abordando o projeto “Creche & Vida”, os textos discutem o atendimento infantil numa perspectiva histórica e, assim, a leitura dessas dissertações nos permite conhecer a educação infantil da cidade e, dessa forma, reconhecer o contexto sorocabano em relação às creches.

Consideramos, para a escrita da seção a seguir, as dissertações encontradas na pesquisa de estado do conhecimento e ainda os autores que tratam da educação infantil e da infância numa perspectiva histórica, como Amaro (2018); Barbosa e Richter (2013); Faria (2005); Marcílio (1997); Morel (1991), Kishimoto (1986); Oliveira (2010) e Spada (2005). Tais leituras permitem a compreensão da constituição da creche como espaço educativo e do conceito de infância ao longo do tempo.

### **3.1 Considerações prévias sobre infância**

É evidenciado na pesquisa bibliográfica que, ao longo dos anos, há uma mudança significativa da sociedade que impacta diretamente a constituição das famílias e o olhar para a criança. Segundo Holanda (1990), na Idade Média, a criança era mantida no seio de sua família até os 7 anos; após isso, era considerada independente e se misturava com os adultos nos trabalhos e nas brincadeiras. A autora explica que, na época, os jogos não eram considerados “de crianças”, e não se acreditava em uma inocência infantil, por isso crianças e adultos se misturavam nessa atividade. No século XVII, há uma mudança nesse olhar para a criança, por influência de moralistas, e assim a criança passa a ser preservada:

A partir do fim do século XVII, por pressão de moralistas e reformadores religiosos, a escola substituiu a aprendizagem como meio de educação. A criança foi retirada do convívio com os adultos para dentro da escola onde ficaria salva das "más influências" e dos "maus costumes". (HOLANDA, 1990, p. 6).

Os portugueses chegaram ao Brasil no século XVI e aqui encontraram diferentes povos indígenas. Nesse contexto, Holanda (1990, p. 6) expõe que “a criança indígena vivia e crescia numa comunidade de princípios e costumes bem definidos. Era educada através de rituais da tribo, que desde cedo impunham as regras que regulariam seu comportamento”.

Quando os jesuítas chegam ao Brasil, em 1549, têm como missão catequizar os povos originais, e as crianças são importantes instrumentos para a transmissão dos valores católicos (HOLANDA, 1990, p. 15). Foi nesse mesmo século que foram trazidos os

escravizados de origem africana. Seus filhos eram considerados brinquedos dos filhos dos senhores, enquanto as meninas serviam de escravas e objetos para iniciação sexual.

A reação da criança negra ou mestiça contra a Casa-Grande de ou contra os sobrados das cidades viria a aparecer com frequência no decorrer do século XIX, encarnada na figura do mulato. Menino pobre, nascido em cortiço ou mucambo, filho de ex-escravos ou imigrantes, desde cedo "ganhava a rua" onde aprendia a viver e acumular experiências e onde também expressava a sua raiva pela condição de pobreza em que vivia. (HOLANDA, 1990, p. 21).

Já nas famílias com melhores condições financeiras e sociais, as crianças eram cuidadas e criadas por uma escravizada. Os meninos iam para escola aprender a ser “homens” e a obedecer; já as meninas eram preparadas para a vida doméstica e para o casamento, geralmente arranjado, que deveria acontecer entre 12 e 15 anos, como nos conta Holanda:

Nas mãos dos jesuítas, o menino tornava-se adulto independentemente de sua vontade e da sua idade. O "menino diabo", instintivo, vagabundo, preguiçoso era o alvo certo. Com palmatória e vara de marmelo entrava na linha e voltava pra casa pronto, homem feito, culto, precoce, estudioso, amante das letras e, acima de tudo, religioso; vestindo, falando, pensando e vivendo de modo diferente, urbano, "europeizado", fazendo com a família de hábitos rurais um contraste que o século XIX havia de aprofundar para depois, aos poucos, amenizar, pela vitória de um sobre o outro..

[...] A vivacidade e beleza das meninas de doze/treze anos, que tão cedo eram colhidas pelo casamento, contrastava com a palidez, moleza e feiura das mais velhas de vinte anos. O casamento trazia a responsabilidade dos cuida dos com a casa e com a prole, substituindo aos poucos o ar de criança feliz e confiante pelo caráter de matrona corpulenta, pesadona, mal-humorada. (1990, p. 34 - 35).

Fica evidente o lugar em que essa sociedade colocava as crianças e principalmente as mulheres, o qual se torna ainda mais restrito pela raça ou pela classe social em que estão inseridas, sendo o casamento e a maternidade os únicos destinos aceitáveis. Meninas muitas vezes casavam obrigadas com homens bem mais velhos e escolhidos por seus pais, geralmente por critérios econômicos ou políticos. A descrição de Holanda (1990) revela o machismo e os preconceitos existentes na época, muitos dos quais ainda precisamos enfrentar até hoje.

Vale ressaltar que, segundo Alessandra de Campos e Silva Rosa (2020), o Brasil e a infância brasileira têm suas especificidades, diferentes da infância europeia, como exemplifica em seu trabalho.

No Brasil a história da infância difere muito do percurso europeu devido a organização da sociedade desde o período colonial e imperial. O trabalho infantil das crianças indígenas e africanas era aceito e justificado, não existia o sentimento de infâncial frente ao ideal de exploração. A história da infância brasileira concebe quatro concepções que se distinguem conforme a origem, a cultura e a condição social das crianças, assim tem-se a história das infâncias indígenas, da infância



africana presente no Brasil, da infância branca filhos dos colonizadores e posteriormente a infância imigrante. (ROSA, 2020, p. 42-43).

Além dos problemas de comportamento dos “meninos de rua”, o Brasil colonial contava com altos índices de mortalidade infantil (fato que só se tornou objeto de estudos médicos rigorosos a partir do século XIX). Nessa época era muito comum o abandono de crianças, por serem ilegítimas. Tais questões marcam o país com sérios problemas sociais.

Os primeiros registros sobre atendimento/assistência infantil no Brasil se referem à Roda dos Expostos, fundada por Romão Duarte em 1738, no Rio de Janeiro, e extinta na década de 1950. Foi uma instituição que perdurou por três grandes regimes, sendo criada na Colônia e mantendo-se no Império e na República. Esse sistema foi inventado na Europa medieval e garantia o anonimato do adulto, assim as crianças não seriam abandonadas em diferentes locais onde sofriam com fome e frio, e acabavam morrendo (MARCÍLIO, 1997, p. 51-52)

É importante assinalar que esta instituição, apesar de inicialmente não receber a denominação de 'creche', é com ela identificada, na medida em que em que exercia a função de recolhimento de crianças pequenas; mesmo que este recolhimento se desse em caráter emergencial, propondo-se a garantir a sobrevivência das crianças abandonadas. (MOREL, 1991, p. 9).

Segundo Kishimoto (1986, p. 27), havia em São Paulo três tipos de asilo que atendiam a infância: o asilo para órfão ou orfanato; o asilo para as crianças expostas; e o asilo para crianças abandonadas ou delinquentes. Porém, na prática, essa distinção não era rígida, admitindo-se as crianças órfãs, expostas, abandonadas e delinquentes em qualquer tipo de asilo.

Essas três modalidades de asilo infantil incluem ainda uma forma de organização comum entre elas. Vários depoimentos acentuam como características marcantes a predominância de edifícios similares a quartéis, paredes favorecendo o isolamento da criança, a uniformização das crianças tanto no traje como no espírito e o comportamento tímido e retraído do asilado como decorrência da opressão e marginalização dessas crianças. (KISHIMOTO, 1986, p. 28).

Essas instituições se preocupavam com a saúde e a higiene das crianças, mas não com questões psicológicas, mentais ou do desenvolvimento. Seu objetivo era dar comida, roupa e abrigo (KISHIMOTO, 1986, p. 33).

Segundo Kishimoto (1986, p. 38), principia a organização das creches no Brasil no início do século XX, atendendo basicamente filhos de indigentes e órfãos. Em muitos casos, eram instituições filantrópicas e que sobreviviam com doações, sem apoio ou financiamento do Estado. A primeira creche é instalada no Brasil no início da República e ficava no estado de São Paulo. De acordo com Oliveira (2010),

são as de Anália Franco e se confundem com asilos infantis por atender quase exclusivamente a órfãos. Em outros países, as creches diferenciavam-se das casas de proteção de órfãos, por incorporar o objetivo social de amparar crianças durante a jornada de trabalho das mães, as quais, no começo do século XIX, devido ao crescimento industrial, passaram a exercer funções em fábricas. (p. 49).

Adriana Santos Pinto (2017) esclarece que

Os objetivos e atividades desenvolvidas nessas primeiras instituições eram fortemente marcados pelas condições financeiras das crianças atendidas, e também determinavam as características desses estabelecimentos. As creches eram destinadas às crianças pobres, o atendimento visava ao cuidado físico, de saúde, de alimentação, formação de hábitos de higiene e comportamentos sociais. (p. 24).

O Brasil sofria com surtos de febre amarela em 1849 e cólera em 1855, o que provocava o aumento do número de órfãos no país. Ainda havia a preocupação da sociedade escravocrata com a proibição do tráfico negro, em 1850, e posteriormente com a Lei do Ventre Livre, em 1871, em razão da escassez de mão de obra. Nesse contexto social, econômico e político brasileiro, era preciso criar instituições que atendessem essas crianças — implicitamente essas instituições as preparavam, principalmente as negras, para o trabalho (PORTELA, 2016, p. 164).

Em 1808 a Família Real transferiu-se para o Brasil, e com isso houve a chegada de muitos imigrantes vindos de toda a Europa.

A população cresceu magnificamente, assim como a variabilidade da indústria. O conforto aumentou, o número de residências multiplicou, especialmente nas cidades. Teve início um longo processo de "urbanização" do país, as cidades aos poucos centralizando a vida brasileira, fervilhando de novidades e dando lugar a grande número de mudanças, sociais, econômicas e políticas. (HOLANDA, 1990, p. 51).

Essa urbanização traz um novo contexto para a sociedade, que se constitui como capitalista, tornando-se muito presente o discurso higienista, uma maior preocupação com a criança pequena e a inserção da mulher no trabalho das fábricas.

O crescimento da indústria e a conseqüente urbanização institui na sociedade uma nova realidade. A mulher, que antes se dedicava aos trabalhos nas fazendas, aos domésticos e à criação dos filhos, é transferida para o trabalho das fábricas, geralmente com cargas horárias extensas e condições insalubres. Isso gerou nessas mulheres a preocupação sobre como e onde deixar seus filhos durante o expediente. Rosa (2020) expõem que

Neste contexto predominava um discurso pela construção de um país moderno e progressista baseado na crescente industrialização e urbanização. Para tanto era necessária a preparação e formação de uma classe trabalhadora capacitada a atuar nestas indústrias, portanto era preciso uma educação escolar que desse conta dessas novas emergências. Tem-se então um movimento em prol da escolarização que buscou gradativamente, o aumento do número de escolas e maior acesso aos filhos dos operários. (p. 45).

A pressão dos movimentos sociais e sindicalistas pede retorno dos donos dessas fábricas, que também têm interesse em deixar as crianças salvas, já que isso garantiria que as funcionárias se dedicassem ao trabalho por mais horas e com mais atenção. São, então, inauguradas as escolas maternas, destinadas aos filhos de operários e operárias. Amaro (2018) recorda que tanto a inserção da mulher no mercado de trabalho quanto a delegação do cuidado das crianças não eram bem aceitas pela sociedade, uma vez que os cuidados da casa e dos filhos eram (e ainda são) atribuídos à mulher/mãe, sendo a creche compreendida como um “mal necessário”

É a partir do governo de Getúlio Vargas, na década de 1930, que o Estado começa a olhar para as questões da infância. Em 1935 são criados em São Paulo, por Mário de Andrade, os Parques Infantis, que podem ser considerados a origem da rede de educação infantil paulista. Oliveira (2010) situa os parques como

[...] a primeira experiência brasileira pública municipal de educação (embora não-escolar) para crianças de famílias operárias que tiveram a oportunidade de brincar, de ser educadas e cuidadas, de conviver com a natureza, de movimentarem-se em grandes espaços. Lá produziam cultura e conviviam com a diversidade da cultura nacional, quando o cuidado e a educação não estavam antagonizados, e a educação, a assistência e a cultura estavam no triplice objetivo parqueano: educar, assistir e recrear. (p. 36).

Em 1940 é criado o Departamento Nacional da Criança (DNCR), para assistência e proteção à infância e à maternidade, órgão que propôs normatizações para o funcionamento das creches a partir das orientações dos médicos higienistas, e em 1943 com a aprovação da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), as empresas com mais de 30 mulheres ficam obrigadas a promover o atendimento em creche (MOREL, 1991, p. 23).

Porém, é somente na década de 50 do século XX que passa existir maior interesse no processo educativo:

O sentido de "função educativa" dado a época a estas instituições pelo Estado se caracteriza por seu caráter modelador de cidadãos, através de uma intervenção preventiva. que compensasse as carências da criança pobre e que também melhor orientasse o desenvolvimento das crianças de condição social mais privilegiada. (MOREL, 1991, p. 28-29).

Especificamente sobre a creche, Spada (2005) escreve que

A creche é uma instituição em expansão desde a década de 1970 no Brasil, mas o histórico de sua implantação é marcado por omissão Estatal, filantropia, ausência de orientação pedagógica, entre tantos outros problemas que contribuíram para que as creches fossem vistas como locais de acolhimento – guarda e proteção – das crianças carentes, cujas mães eram absorvidas pelo mercado de trabalho e, portanto, não poderiam assumir a responsabilidade pelos cuidados com a criança. (p. 2).

E Pinto (2017) pontua que

Neste período, a creche não era contemplada nos documentos oficiais. Devido ao seu não reconhecimento como instituição educacional, era um espaço considerado para “guarda de crianças”, em geral, pobres, cujas mães precisavam sair de casa para trabalhar. Perante este olhar sobre a creche, a formação das pessoas que cuidavam das crianças não tinha grandes exigências. O atendimento das crianças de 0 a 6 anos tinha um caráter assistencialista e muito se assemelhava aos lares de criança pobre, eram poucas as iniciativas educacionais nestas instituições e o Estado como provedor demonstrava pouco interesse em mantê-las. (p. 27-28).

A omissão do Estado e os problemas enfrentados por essa instituição aumentam o preconceito em torno do atendimento às crianças, assim a creche é vista como instituição para atendimento dos necessitados, o que impossibilita a criação de uma identidade e de uma atuação educativa tanto para a creche quanto para seus funcionários. Nos anos de 1978 a 1982, vigorou em São Paulo o Movimento de Luta por Creches, a partir da organização de mulheres periféricas e movimentos feministas, que reivindicavam a expansão das vagas em creches e indicava o Estado como responsável pela criação e manutenção delas, apontando as creches como uma necessidade da sociedade (SPADA, 2005, p. 2).

De acordo com Amaro (2018), as propostas educacionais de outros países foram sendo incorporadas às creches brasileiras desde o final do século XIX, até que, no fim do século XX, a creche passa a ser discutida como direito da criança, e a educação, considerada como direito social. O artigo 6º da CF/88 e o artigo 208 incluem como dever do Estado ofertar atendimento em creches e pré-escolas para crianças de 0 a 6 anos. Pinto (2017) ressalta a importância e a atuação de diversos movimentos em defesa dos direitos das crianças para inclusão da educação na CF/88, além de pontuar também a organização da oferta educacional entre as esferas federal, estadual e municipal.

Os esforços coletivos de diversos segmentos da sociedade visavam consolidar os avanços e assegurar na Carta Magna a obrigatoriedade do Estado em atender as crianças de 0 a 6 anos. A pressão desses movimentos na Assembleia Constituinte possibilitou a inclusão da creche e da pré-escola no sistema educativo, na Constituição Federal de 1988. [...] Além do avanço no que se refere aos direitos sociais, também ficou expressa a necessidade de descentralizar a política administrativa, conforme os dispositivos constitucionais, o atendimento ao ensino superior compete à esfera federal; aos estados compete o atendimento ao ensino médio e fundamental, ao passo que aos municípios compete atender à educação infantil e ao ensino fundamental. (p. 31 - 32).

Barbosa e Richter (2013), ao tratarem da creche no sistema educacional, relembram que, mesmo com a lei e os avanços desde então, a creche ainda luta por reconhecimento.

Podemos afirmar que ela [creche] tem, na atualidade, um lugar simbólico, legal e institucional no campo educacional, mas ainda fica evidente o não-lugar da creche no sistema educacional, ou seja, na sua integração à pré-escola e ao ensino fundamental; na atenção às especificidades de seu funcionamento que exigem parâmetros diferenciados da escola regular; na formação dos professores para a

compreensão do que significa realizar uma pedagogia com e para crianças bem pequenas; na gestão de uma instituição que exige diálogo constante com outros campos como saúde, justiça, cultura e assistência social e que tem, com as crianças e suas famílias, uma função diferenciada da escola fundamental. É possível dizer que por sua especificidade a creche não encontrou, ainda, “asilo” no campo da educação e que prossegue, apesar dos muitos esforços, exilada do/no sistema educacional. (p. 78).

É imprescindível lembrar que a conquista da creche como direito das crianças está vinculada à luta pelo direito das mulheres e à ideia de criança como sujeito de direitos. Faria (2005) afirma que

não foram as crianças nessa fase da vida que reclamaram seus direitos. Foram adultos lúcidos que lutaram por eles, conquistando assim a possibilidade do coletivo infantil, isto é, de a criança ser educada na esfera pública complementar à esfera privada da família, por profissionais diplomados distintos dos parentes, para a construção da sua cidadania; e de conviver com a diversidade cultural brasileira, produzindo as culturas infantis, entre elas e entre elas com os adultos. As feministas, tendo lutado pelos direitos de a mulher trabalhar, estudar, namorar e ser mãe, lutaram também, no Brasil dos anos de 1970, pelo direito de seus/suas filhos/as à creche – o que garantiria que os outros direitos femininos fossem garantidos. Agregaram a esta mesma luta, nos anos de 1980, o direito das crianças à educação anterior à escola obrigatória. Assim, agora sujeitos de direitos, as crianças pequenas também serão legisladas. (p. 1.015).

Com a educação infantil regulamentada por lei e de responsabilidade das Secretarias da Educação, foi preciso repensar os cuidados com as crianças e o trabalho nas instituições de creches e pré-escolas, reorientando os profissionais a esse respeito.

Essa compreensão da especificidade do caráter educativo das instituições de educação infantil não é natural, mas historicamente construída uma vez que ocorreu a partir de vários movimentos em torno da mulher, da criança e do adolescente por parte de diferentes segmentos da sociedade civil organizada e dos educadores e pesquisadores da área em razão das grandes transformações sofridas pela sociedade em geral e pela família em especial, nos centros urbanos, com a entrada das mulheres no mercado de trabalho. (CERISARA, 2002, p. 328).

Com isso temos o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI), publicado em 1998 e dividido em três volumes: Introdução; Formação Pessoal e Conhecimento, cujo eixo de trabalho favorece os processos de construção da Identidade e Autonomia; e O Conhecimento de Mundo, que contém documentos referentes aos eixos orientados para a construção de linguagens e para as relações que estabelecem os objetos de conhecimentos: Movimento, Músicas, Artes Visuais, Linguagem Oral e Escrita, Natureza e Sociedade e Matemática (SANTORUM, 2018, p. 41). Como descrito no próprio RCNEI, o documento tem a função de contribuir para a educação infantil divulgando informações, pesquisas e discussões, e subsidiando o trabalho dos profissionais da educação, buscando melhora na qualidade da educação infantil brasileira indicando que as experiências oferecidas devem estar pautadas nos seguintes princípios:

o respeito à dignidade e aos direitos das crianças, consideradas nas suas diferenças individuais, sociais, econômicas, culturais, étnicas, religiosas etc.; o direito das crianças a brincar, como forma particular de expressão, pensamento, interação e comunicação infantil; o acesso das crianças aos bens socioculturais disponíveis, ampliando o desenvolvimento das capacidades relativas à expressão, à comunicação, à interação social, ao pensamento, à ética e à estética; a socialização das crianças por meio de sua participação e inserção nas mais diversificadas práticas sociais, sem discriminação de espécie alguma; o atendimento aos cuidados essenciais associados à sobrevivência e ao desenvolvimento de sua identidade. (BRASIL, 1998, p. 13).

Acrescenta ainda que as crianças têm o direito de viver experiências prazerosas na instituição de educação infantil, que

[...] deve tornar acessível a todas as crianças que a freqüentam, indiscriminadamente, elementos da cultura que enriquecem o seu desenvolvimento e inserção social. Cumpre um papel socializador, propiciando o desenvolvimento da identidade das crianças, por meio de aprendizagens diversificadas, realizadas em situações de interação. Na instituição de educação infantil, pode-se oferecer às crianças condições para as aprendizagens que ocorrem nas brincadeiras e aquelas advindas de situações pedagógicas intencionais ou aprendizagens orientadas pelos adultos. É importante ressaltar, porém, que essas aprendizagens, de natureza diversa, ocorrem de maneira integrada no processo de desenvolvimento infantil. (BRASIL, 1998, p. 23).

Nesse documento percebemos uma consideração com a intenção das experiências ofertadas a bebês e crianças pequenas, que devem permitir seu desenvolvimento integral, ou seja, social, cognitivo, afetivo e motor. Evidencia-se também a importância do brincar e da interação entre as crianças. Vale lembrar que, embora os RCNEI tenham sido o primeiro documento a dar ênfase para a educação infantil em âmbito nacional, sendo assim muito divulgados, alerta Cerisara (2002, p. 335) que

Se é possível considerar um possível avanço para a área a existência de um documento que se diz voltado especificamente para a educação infantil, é preciso verificar até que ponto ele efetivamente garante a especificidade defendida pelos educadores da área para o trabalho a ser realizado com meninos e meninas de 0 a 6 anos em instituições educativas como creches e pré-escolas. Além disso, é preciso verificar até que ponto ele contempla o que anuncia. (p. 335).

Expõe ainda que sua elaboração já foi bastante conturbada:

Em outubro de 1998 a versão final do RCNEI foi divulgada sem que os apelos dos pareceristas por mais tempo para debates e discussões fossem atendidos. Outro aspecto que merece destaque é que o RCNEI atropelou também as orientações do próprio MEC, uma vez que foi publicado antes mesmo que as Diretrizes Curriculares Nacionais, estas sim mandatórias, fossem aprovadas pelo Conselho Nacional de Educação. Havia uma urgência por parte do MEC na divulgação do documento. (p. 335).

E aproveita para reafirmar que:

A educação infantil pela sua especificidade ainda não estava madura para produzir um referencial único para as instituições de educação infantil no país. Os pesquisadores e pesquisadoras da área revelam nestes pareceres que o fato de a educação infantil não possuir um documento como este não era ausência ou falta, mas sim especificidade da área que precisa ainda refletir, discutir, debater e

produzir conhecimentos sobre como queremos que seja a educação das crianças menores de sete anos em creches e pré-escolas. (p. 44).

Já as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), publicadas no ano seguinte, em 1999, determina que:

As Propostas Pedagógicas das Instituições de Educação Infantil, ao reconhecer as crianças como seres íntegros, que aprendem a ser e conviver consigo próprios, com os demais e o próprio ambiente de maneira articulada e gradual, devem buscar a partir de atividades intencionais, em momentos de ações, ora estruturadas, ora espontâneas e livres, a interação entre as diversas áreas de conhecimento e aspectos da vida cidadã, contribuindo assim com o provimento de conteúdos básicos para a constituição de conhecimentos e valores. (BRASIL, 1999, p. 1).

Um pouco antes dessa publicação, Abramowicz e Wajskop (1995) enumeram os seguintes deveres para creches com objetivos educacionais:

A creche deve desenvolver ações educativas que integrem os cuidados essenciais e a ampliação dos múltiplos conhecimentos, linguagens e expressões das crianças.

A creche deve respeitar a cultura de origem de cada criança.

A creche deve partilhar com as famílias e a comunidade os projetos educativos.

A creche é um espaço de socialização, de vivências e de interações.

A brincadeira é uma atividade educativa fundamental da infância.

A creche deve ter um ambiente cultural que propicie a leitura e a escrita.

A organização do espaço e do tempo é importante para a educação, interação e construção do conhecimento. (p. 12).

Esses documentos, mesmo não sendo normativos, serviram como princípios e fundamentos para o atendimento a bebês e crianças pequenas nas instituições de educação infantil, e trazem importantes reflexões e discussões acerca das especificidades do atendimento à infância.

A existência do RCNEI remete à complexidade do debate em torno de questões colocadas pela área: Qual a finalidade educativa da educação infantil? Educar e cuidar, como e para quê? Como se caracterizam as instituições de educação infantil? Qual a sua relação com o ensino fundamental? Como deve ser vivida a infância das crianças em instituições educativas? As creches e pré-escolas são um tipo de instituição escolar ou não? Estas são algumas das tantas questões que a área tem se colocado e permitem delimitar a amplitude e profundidade da problemática em torno da definição do trabalho a ser realizado em creches e pré-escolas, com bebês, crianças que engatinham, crianças que usam fraldas até as crianças maiorzinhas, que ainda não estão nas escolas de ensino fundamental. (CERISARA, 2002, p. 338).

Inferimos daí a importância do brincar para o desenvolvimento das crianças, o respeito à infância e às expressões infantis e o entendimento da criança como um ser integral, aspectos que foram estudados, organizados e se apresentam nas DCNEI atuais, publicadas em 2010, considerando a proposta pedagógica da seguinte maneira:

A proposta pedagógica das instituições de Educação Infantil deve ter como objetivo garantir à criança acesso a processos de apropriação, renovação e articulação de conhecimentos e aprendizagens de diferentes linguagens, assim como o direito à proteção, à saúde, à liberdade, à confiança, ao respeito, à dignidade, à brincadeira, à convivência e à interação com outras crianças. (BRASIL, 2010a, p. 18).

Ao trazer um histórico da infância e do atendimento infantil brasileiro em seu texto, Jochi (2018) explana que:

Pode-se perceber que legalmente, a partir desse breve panorama, a educação infantil, creche, deixa de ter atendimento assistencialista, num modelo semelhante ao de maternagem, como num passado não tão distante, ganhando espaço junto à educação básica do país. A criança também recebe um olhar mais específico, uma vez que é reconhecida como sujeito de direito, tendo o direito à educação, como um de seus pilares, e por esse trilhar o trabalho desenvolvido na educação infantil, vai deixando aos poucos de ser visto pela ótica apenas da maternagem, trazendo o cuidar e o educar como sendo eixos estruturantes do processo pedagógico dessa etapa do ensino. (p. 36).

Além dos documentos oficiais, que nos aproximam do pensamento da época em que foram formulados sobre as crianças e a infância, temos também as influências externas chegando com força no Brasil, inclusive Piaget, Vygotsky e Wallon que são, de acordo com a professora Maria Inês, bases teóricas do projeto “Creche & Vida”. Rosa (2020) sintetiza a relação entre esses pensadores:

Piaget, Vygotsky e Wallon são os principais expoentes que se debruçaram sobre a criança para investigar os processos de aprendizagem. Em vários aspectos suas teorias são divergentes, porém confluem quando a criança é tida como ser que pensa, cria, inova, possui sentimentos e se relaciona. (p. 42).

Pensando nisso, esta pesquisa se propõe a fazer o movimento de observação e de reflexão acerca do trabalho pedagógico em creches públicas de Sorocaba no início do atendimento educativo para bebês e crianças pequenas (de 0 a 3 anos) após 1988, com a CF/88, em busca de qualidade para essas instituições.

### **3.2 Metodologia**

Esta pesquisa é de abordagem qualitativa, feita a partir de análise documental e entrevistas. Pelo diálogo com a história da educação e formação de docentes, optamos por relacionar as entrevistas, metodologicamente tidas como episódicas, no campo da história oral, no sentido de conversar e ouvir os protagonistas do momento histórico estudado a fim de entender melhor o contexto da cidade e da creche pública e, dessa forma, contar a história pela memória daqueles que a viveram.

Vida é educação e os educadores estão interessados em vidas, vidas que só podem ser expressas narrativamente. Portanto, a pesquisa narrativa se apresenta como uma importante e significativa possibilidade de pesquisa em educação. (MARIANI; MATTOS, 2012, p. 665).



A escolha por fazer uma pesquisa qualitativa utilizando a metodologia da entrevista episódica se deu por entendê-la como extremamente relevante para compreender e perpetuar a história da educação infantil na cidade de Sorocaba, pois, por meio desses relatos, é possível refletir sobre os processos educacionais e pedagógicos compreendendo o contexto social, cultural, político e econômico (FIALHO, 2020). Utilizamos o conceito de entrevista episódica descrito por Uwe Flick (2008) seguido os seguintes critérios:

Deve combinar convites para narrar acontecimentos concretos (que sejam relevantes ao tema em estudo) com perguntas mais gerais que busquem respostas mais amplas (tais como definições, argumentação e assim por diante) de relevância pontual. Deve mencionar situações concretas em que se pode pressupor que os entrevistados possuem determinadas experiências. Deve ser suficientemente aberta para permitir que o entrevistado selecione os episódios ou situações que ele quer contar, e também para decidir que forma de apresentação ele quer dar (por exemplo, uma narrativa ou uma descrição). (p. 117).

O ponto de referência deve ser a relevância subjetiva da situação para o entrevistado (FLICK, 2008, p. 117). Dessa forma, as perguntas são abertas, constituindo um convite para que o entrevistado narre acontecimentos e selecione os episódios ou situações de que deseja falar e a forma como apresenta tais situações. Há também um breve questionário, antes da entrevista em si, de forma a traçar perfil do entrevistado.

Com a história contada pelos entrevistados, é possível analisar o contexto de forma individual e ampla. Eugênio e Trindade (2017) explicam que:

As entrevistas narrativas se propõem, a priori, a trabalhar com fatos sociais, as experiências individuais e coletivas e, sobretudo, com histórias de vida dentro de um contexto sócio-histórico. Elas possibilitam identificar e refletir sobre aspectos característicos a partir dos quais produzem histórias cruzadas entre o individual e o contexto social coletivo. Sendo assim, a narrativa é fundamental para a construção da noção de coletivo. (p. 121).

Dessa forma, articulando as fontes deste trabalho, ou seja, elementos e conteúdos dos livros, artigos e documentos com as narrativas pessoais daqueles que participaram do momento estudado, é possível compreender, de forma muito mais ampla, o contexto e seus significados. Por isso, Clandinin e Connelly, no livro *Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa*, publicado em 2011, sugerem que a pesquisa narrativa deve ser trabalhada a partir de um espaço tridimensional composto por interação (pessoal e social), continuidade (presente, passado e futuro) e situação (lugar).

Tomando como referência o espaço tridimensional que constitui a pesquisa narrativa, o pesquisador encontra-se sempre num “entremeio”, isso porque os participantes da pesquisa, os contextos pesquisados e os próprios pesquisadores constituem-se a partir de dimensões temporais, espaciais, pessoais e sociais. São vidas e histórias em movimento – tanto dos participantes da pesquisa quanto dos pesquisadores, uma vez que a pesquisa narrativa tem como uma de suas

características fundantes a relação – que se expressam narrativamente na busca da construção de significados (MARIANI; MATTOS, 2012, p. 665).

A pesquisa histórica, feita pelo olhar de seus protagonistas, permite diferentes abordagens no trabalho de campo: além das narrativas em si, é possível levar em consideração cadernos e diários com anotações, fotografias, gravações de vídeos ou áudios e caixa de memórias, devendo o pesquisador estar sempre atento às complexidades dessas diversas possibilidades (MARIANI; MATTOS, 2012). A história narrada permite uma melhor compreensão do passado, uma vez que revela nuances não contados por livros e documentos, como sugere Fialho (2020):

Uma pesquisa que utiliza essa metodologia precisa considerar e valorizar os silêncios, os esquecimentos, a gesticulação, o semblante do entrevistado e tudo o que acompanha sua narrativa, pois as subjetivações intrínsecas ao informante também são aspectos importantes de análises. (FIALHO, 2020, p. 6).

É preciso compreender a subjetividade de se trabalhar com narrativas, que dialogam com as variações sociais. Ao analisar os dados levantados na pesquisa qualitativa, é preciso levar em consideração suas peculiaridades, dando importância a cada dado e opinião de forma individual, e interpretando-os como um todo e como uma representação social (EUGENIO; TRINDADE, 2017, p. 120).

Ao ouvir as narrativas daqueles que participam da pesquisa, o pesquisador deve atentar não só às palavras ditas, mas àquilo que não foi dito, ao que está nas entrelinhas. Ele também deve motivar a fala do participante, deixá-lo livre para que se expresse e conte suas memórias. Segundo Eugênio e Trindade (2017, p. 125): “por fundamento, as narrativas se caracterizam como formas orais e/ou escritas de contar histórias relacionadas à vida pessoal ou a do outro, não necessariamente de sua vivência, mas a partir dela”. Já para Benjamin (1936), narrativa é:

Uma forma artesanal de comunicação. Ela não está interessada em transmitir o “puro em si” da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele. Assim se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso. (p. 205).

Por isso, é imprescindível que o narrador se sinta à vontade e confiante ao compartilhar e contar suas memórias — que, segundo Platão (YATES, 2007, p. 57), são um bloco de cera, onde nossas lembranças são impressas, ou ainda, conforme Jacques Le Goff (2003), são a propriedade de conservar certas informações, a qual se refere a um conjunto de funções psíquicas que permite ao indivíduo atualizar impressões ou informações passadas, ou reinterpretadas como passadas —, podendo o pesquisador instigá-lo trazendo perguntas

abrangentes e abertas que permitam ao narrador desenvolver uma história longa e que atinja os objetivos da pesquisa.

Quem conta a história tem que saber que não será julgado ou quantificado; não será mais um dado em uma tabela, mas será ouvido e poderá compartilhar seus conhecimentos.

Nesta pesquisa, as entrevistadas foram contatadas por meio do aplicativo WhatsApp, e as entrevistas e depoimentos foram realizadas por videochamada e de forma presencial. Todos os protocolos de segurança — como uso de máscara, álcool em gel e distanciamento social — foram seguidos rigorosamente, priorizando a saúde e o bem-estar daqueles que contribuíram com a pesquisa. Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e receberam a transcrição da entrevista e/ou depoimento para leitura prévia e autorização da divulgação na pesquisa, em um primeiro momento com suas identidades preservadas a partir da utilização de nomes fictícios, segundo informado no TCLE e autorizado pelo Comitê de Ética. Após o início da pesquisa nas fontes documentais (jornais) e devido às especificidades deste trabalho de pesquisa, assim como em razão da vontade das entrevistadas, consideramos que, em virtude da importância deste registro histórico, fez-se necessária a apresentação dos relatos com os nomes verdadeiros das entrevistadas. Com esse esclarecimento, todas as entrevistadas concordaram com a exposição, a partir de um adendo ao TCLE<sup>6</sup>, disponibilizado no apêndice B.

Após a transcrição, passamos para a análise desses relatos, que é muito mais abstrusa e particular, pois

A história oral, que é considerada, no âmbito da pesquisa qualitativa, poderoso instrumento para a descoberta a exploração e a avaliação de como as pessoas compreende seu passado, vinculam sua experiência individual a seu contexto social, interpretam-na e dão-lhes significado, a partir do momento presente. (MINAYO, 2006 *apud* FIALHO, 2020, p. 8).

Ao analisar as narrativas, podemos compará-las, não no sentido de julgá-las ou classificá-las, mas, como fizeram Eugênio e Trindade (2017) em seu trabalho:

Seguindo a proposta de Schütze, trabalhamos as entrevistas também numa perspectiva de comparação entre os narradores. Ou seja, esse momento compreendeu o agrupamento e a comparação entre as trajetórias individuais, o que na fase final das análises nos levará a uma compreensão do todo, pois, além de uma narrativa individual, está implicado também em cada narração uma cadeia de aspectos que envolvem diversos contextos e histórias, cada um deles em seu tempo e espaço. Sendo assim, e por sua natureza criativa e espontânea, as narrativas nos permitem compreender alguns signos e significados e, no limite da interpretação, entender a experiência narrada. (p. 129).

---

<sup>6</sup> Submetido ao Comitê de Ética.

A análise dessas entrevistas ou narrativas precisa ser feita de forma muito minuciosa, pois “a pesquisa narrativa se estrutura na intencionalidade de compreender e interpretar as dimensões pessoais e humanas para além de esquemas fechados, recortados e quantificáveis” (MARIANI; MATTOS, 2012, p. 663), por isso esse modelo de pesquisa gera dúvidas e incertezas.

Essas incertezas são potencializadas pela compreensão do pesquisador de que o seu texto de pesquisa é uma composição que tem como centro pessoas, lugares e coisas que estão em constante e contínuo processo de transformação e, portanto, não são estáticos apreensíveis ou passíveis de caracterização meramente mecânica. Mais do que defini-los, o pesquisador precisa compreendê-los a partir da dinamicidade que envolve suas vidas e suas histórias compostas e narradas a partir dos espaços tridimensionais em que se encontram. (MARIANI; MATTOS, 2012, p. 666).

O pesquisador carece entender que está trabalhando com pessoas, com vidas, por isso precisa ser sensível, detalhista, observador, curioso e atento a tudo que está a sua volta. Ao escrever seu texto, deve transformar as histórias e experiências que ouviu e contou em conhecimento acadêmico e científico.

Para a escrita desta dissertação, que pretende contar a história de um período específico da educação infantil da cidade de Sorocaba — a implementação e a execução do projeto “Creche & Vida” —, pretende-se uma escrita que não só traga aspectos documentados desse momento histórico, mas também o olhar das pessoas que o vivenciaram: os anseios, as expectativas, os sentimentos e as experiências dos educadores e trabalhadores do projeto “Creche & Vida”, daqueles que o idealizaram e daqueles que o puseram em prática, para conseguirmos um contexto muito maior do que quando pesquisamos apenas textos.

Essa metodologia traz diversos desafios na execução e na finalização da pesquisa, por isso é preciso considerar a subjetividade de cada narrador e de cada história com muita sensibilidade e zelo por tudo aquilo que está sendo contado, além de estar muito atento ao que não está sendo dito por palavras, mas por ações e emoções. Por isso, no momento da entrevista, é importante que o entrevistado se sinta acolhido e respeitado, e o pesquisador deve deixá-lo à vontade, fazendo perguntas abertas que permitam longas falas e riquezas de detalhes.

Buscando uma maior lealdade ao que disseram os participantes da pesquisa, antes da escrita do trabalho final e das análises, os entrevistados tiveram acesso à transcrição para que pudessem aperfeiçoar ou editar aquilo que foi dito, a fim de evitar mal-entendidos ou afins, permitindo que o leitor entenda o contexto de cada um e conheça, de forma mais abrangente, as composições daquele momento que foi proposto. O leitor, ainda, tem a

possibilidade de reconhecer as experiências narradas com sabedoria, aproveitando-as para reflexões próprias e desenvolvimento pessoal e profissional.

Para a seleção das entrevistadas, consideramos o período em que a pessoa atuou em creche, devendo ser nos anos de 1989 a 1992; o cargo que ocupava nesse período; e a unidade em que trabalhou, priorizando pessoas de diferentes cargos e unidades. As entrevistadas foram indicadas por pessoas que trabalham ou trabalharam na rede municipal de Sorocaba e que têm contato com a pesquisadora.

Quadro 3 - Entrevistas realizadas

<b>Nome</b>	<b>Cargo Ocupado no projeto</b>	<b>Data da entrevista</b>
Vera Lúcia	Administradora de creche	Maio/2022
Neide	Administradora de creche	Junho/2022
Darcy	Administradora de creche	Junho/2022
Célia	Secretária de Educação	Agosto/2022
Maria Inês	Idealizadora /primeira-dama	Agosto/2022
Patrícia	Professora	Novembro/2022

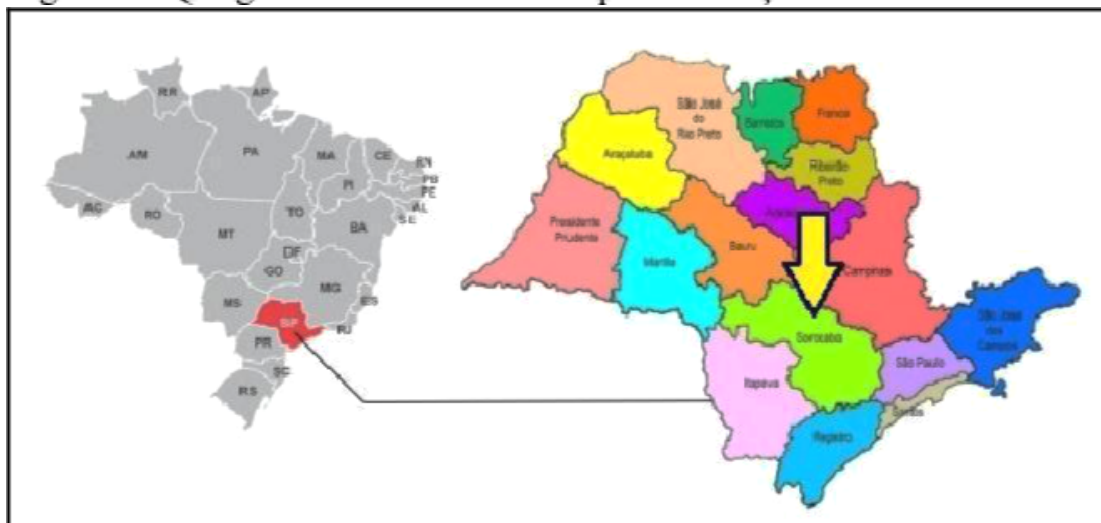
Fonte: produzido pela autora.

Em contato com a Secretaria da Educação, com o intuito de procurar documentos como atas, fotografias e outros registros referentes ao projeto “Creche & Vida”, informaram-nos de que não há registros anteriores a 2005 na SEDU. Contatamos, então, o Arquivo Central de Sorocaba via e-mail e obtivemos a resposta de que não havia registros referentes ao projeto “Creche & Vida”. Encaminharam o contato da Secretaria da Promoção da Saúde, visto que inicialmente as creches estavam vinculadas a ela, que assinalou que o contato deveria ser feito com a SEDU. Compreendemos que se tratava de um momento de transição, por isso talvez o desencontro em relação às informações dos arquivos. Buscamos registros do projeto “Creche & Vida” também na Biblioteca Infantil de Sorocaba e no Gabinete de Leitura Sorocabano, porém também sem sucesso. Seguimos, então, com a pesquisa bibliográfica, com as reportagens de jornais e as entrevistas.

## 4 A CIDADE DE SOROCABA

A cidade de Sorocaba está localizada no interior do estado de São Paulo, a 421,3 km da capital. Foi fundada em 1654, e seu nome tem origem no tupi-guarani, *vossoroca*, que significa “terra rasgada”. Em 1773 passa pela cidade a primeira tropa de muares, movimento que se expandiu até que Sorocaba se tornasse sede da feira de muares<sup>7</sup>. Em 1882 apareceram as primeiras tentativas fabris, e em 1890 temos o início do parque industrial, com as fábricas Santa Rosália e Votorantim, dando o título, para a cidade, de Manchester Paulista (IBGE, c2017).

Figura SEQ Figura \\* ARABIC 1 - Mapa localização de Sorocaba - SP



Fonte: <https://vanderluiz.com.br> (com alterações da autora – Gabriela Aceituno). Acesso em: abr. 2022.

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Sorocaba tem 695.328 habitantes<sup>8</sup>, sendo a quarta cidade mais populosa do interior paulista e a quinta maior em desenvolvimento econômico do estado de São Paulo. De acordo com o Portal da Transparência<sup>9</sup> da cidade, até o mês de março de 2022, a prefeitura de Sorocaba contabilizava 11.339 funcionários, sendo 6.620 atuantes da SEDU, setor com o maior número da cidade. Os cargos e o número de funcionários estão descritos na tabela no Anexo A.

<sup>7</sup> A feira de muares de Sorocaba foi um evento do ciclo do tropeirismo durante o século XVIII. Foi o ponto de maior comercialização de muares do final do século XVIII até o final do século XIX no Brasil. Era realizada anualmente em uma grande região nas adjacências da cidade durante a segunda quinzena do mês de maio. Tornou-se uma parada obrigatória para os tropeiros, os quais vinham de todos os estados brasileiros para vender, comprar ou trocar seus animais. A feira de muares atraiu novos moradores e permitiu o desenvolvimento do comércio e da indústria locais, popularizando produtos como: facas, facões, redes, doces, peças de ouro para montaria feitas por ourives sorocabanos.

<sup>8</sup> Dados de 2021.

<sup>9</sup> Disponível em: <https://fazenda.sorocaba.sp.gov.br/transparencia/>

Dos cargos que operam na SEDU, estão diretamente nas creches: Agentes Infantis, Auxiliares de Educação, Regentes Maternais, Auxiliares Administrativos, Diretores, Estagiários, Orientadores Pedagógicos (OP) e Professor de Educação Básica I (PEBI). Os profissionais desses cargos também atuam em outras etapas, por isso não é possível determinar a quantidade exata de funcionários no segmento.

A cidade, hoje, segundo dados disponíveis no site da Prefeitura de Sorocaba<sup>10</sup>, tem 88 Centros de Educação Infantil (CEI) públicos, que atendem a etapa creche (crianças de 0 a 3 anos de idade). A gestão das creches é composta pelo diretor e pelo OP, sendo que este último se divide entre duas CEIs durante a semana (normalmente, segunda e quarta em uma unidade, e terça e quinta na outra; as sextas são alternadas). Na secretaria há um auxiliar administrativo, além dos funcionários de apoio da cozinha e da limpeza, de acordo com o tamanho e necessidade da unidade<sup>11</sup>. As salas das creches são organizadas da seguinte forma: um professor para cada turma e auxiliar de educação e/ou estagiário de acordo com a proporção por faixa-etária e o número de crianças matriculadas. Em caso de salas de período integral, há também os auxiliares do contraturno e, em caso de crianças com necessidades especiais, há a possibilidade de requerer um cuidador.

Nas creches de período integral, as crianças permanecem na escola por dez horas (das 7h às 17h) e, no período semi-integral, permanecem por cinco horas. Durante esse período, fazem refeições (café da manhã/da tarde; almoço/jantar e a colação ou mamadeira), brincam nos parques e espaços disponíveis em cada creche, interagem entre si e com adultos, descansam e participam das propostas pedagógicas organizadas e oferecidas pelas professoras da sala.

#### **4.1 Atendimento a bebês e crianças em Sorocaba – um breve histórico**

Em 1882 é inaugurada em Sorocaba a fábrica de tecidos Nossa Senhora da Ponte, a primeira fábrica da cidade, já dentro do processo de produção capitalista. Posteriormente é inaugurada a fábrica têxtil Santa Rosália e, no ano de 1917, já havia inúmeras fábricas de diversos segmentos (CARMO, 2007). Essa expansão das indústrias traz tanto para os funcionários quanto para a sociedade em geral a inquietação sobre um lugar seguro onde as crianças pequenas pudessem ficar enquanto seus pais fossem trabalhar.

---

<sup>10</sup> Disponível em: <https://www.sorocaba.sp.gov.br/> acesso em março/2022

<sup>11</sup> Esta seria a composição, idealizada pelo SEDU, dos funcionários de uma creche, que não necessariamente corresponde com a realidade de todas as creches do município.

A escola continha quatro salas e funcionava em dois períodos correspondentes aos horários de trabalho de suas mães. Esse movimento de instalação de escolas maternas anexas às indústrias ocorreu em todo o estado de São Paulo, em alguns lugares com maior quantidade do que em outros, visando possibilitar a entrada de mulheres no trabalho industrial. (SEWAYBRICKER, 2021, p. 30).

Pouco mais de 40 anos depois da instalação da primeira fábrica, temos na cidade a primeira escola maternal em funcionamento, que atendia os filhos e as filhas dos operários e operárias da fábrica Santa Rosália e Santo Antônio que moravam na Vila Operária. Um ano depois, em 1925, inaugura-se a segunda escola maternal, para atender a fábrica Votorantim, mesmo sem a Vila Operária (KISHIMOTO, 1988).

No caso de Sorocaba, as primeiras instituições para crianças pequenas foram creches particulares e/ou abertas por indústrias têxteis a fim de receber os filhos de suas operárias. O perfil de tais instituições era predominantemente assistencialista e higienista, mesmo as públicas, inauguradas muito tempo depois, seguiam esse embasamento à medida que priorizavam o cuidar de forma desconexa do educar e brincar. (SEWAYBRICKER, 2021, p. 69-70).

O atendimento infantil da cidade de Sorocaba passou por diversas mudanças e adaptações desde 1954, com o primeiro parque infantil, atendendo as crianças de 3 a 12 anos (desativado em 2008), além de atividades de recreação, reforço escolar, higiene e alimentação, até o estabelecimento, em 1994, com a instituição do Quadro e Plano de Carreira do Magistério Público Municipal (Lei n. 4.599), do Centro de Educação Infantil (CEI), unificando assim as creches e pré-escolas<sup>12</sup> que atendem hoje as crianças de 0 a 5 anos (ACEITUNO, 2017).

A criação do primeiro parque infantil ocorreu por diversos fatores, sendo o principal a campanha realizada por José Carlos de Almeida, professor de Educação Física que idealizava um parque infantil em Sorocaba assim como os que conheceu em São Paulo quando realizou o estágio da graduação. (SEWAYBRICKER, 2021, p. 31).

No caso das creches da cidade, Gava (2019), contextualiza esse atendimento afirmando que

a primeira creche institucional municipal foi inaugurada em 1981, no bairro Maria do Carmo (hoje funciona o CEI 58 “Dulce Puppo de Oliveira Pinheiro”), o qual era vinculada à Secretaria da Promoção Social e Saúde, no setor de Divisão de Saúde Pública e Assistência Social, realizando um atendimento assistencialista com convênio do município e a Legião Brasileira de Assistência (LBA) através do Projeto Casulo. [...] Cabe destacar que até 1989, o município contava com uma única creche pública (localizada no Jd. Maria do Carmo – CEI 58), com a promulgação da Constituição Federal de 1988, que institui o direito educacional de bebê e criança pequenas e responsabiliza o poder público, é criada uma lei municipal n° 4002 de 02/09/1992, a qual coloca um período de dois anos para a transição de atendimento provisório das creches domiciliares para o atendimento em creches convencionais na medida que as mesmas fossem construídas. Ainda nesse cenário, existia o atendimento em creches filantrópicas. ( p. 71- 72).

<sup>12</sup> As creches atendem crianças de 0 a 3 anos e 11 meses, e a pré-escola atende crianças de 4 a 5 anos e 11 meses.



Em 1988 entra em vigor a Constituição Federal (CF/88), documento que, segundo seu próprio texto, é

destinado a assegurar o exercício dos direitos sociais e individuais, a liberdade, a segurança, o bem-estar, o desenvolvimento, a igualdade e a justiça como valores supremos de uma sociedade fraterna, pluralista e sem preconceitos, fundada na harmonia social e comprometida, na ordem interna e internacional, com a solução pacífica das controvérsias. (BRASIL, 1988, on-line).

Essa nova Constituição instaura o Estado Democrático e, entre outros direitos, garante a educação pública e gratuita das crianças de 0 a 6 anos, ofertada em creches e pré-escolas, determinando que esse atendimento deve estar integrado à Secretaria da Educação, ou seja, a creche passa a ter um compromisso com a educação e o desenvolvimento de suas crianças.

No ano seguinte à aprovação da CF/88, Antônio Carlos Pannunzio (PTB) assume a Prefeitura de Sorocaba, antes governada por Paulo Francisco Mendes (PMDB), que, por sua vez, voltou ao cargo de prefeito em 1993. Pannunzio, junto com seus secretários, precisou reorganizar a cidade a fim de cumprir as determinações da CF/88. A primeira-dama Maria Inês Pannunzio em parceria com a secretária da Educação, Dulcina Guimarães Rolim, estudaram formas de efetivar essa determinação.

Oliveira (2010) explicita que na época a educação estava fragmentada, as creches públicas atendiam as populações mais pobres com função meramente assistencialista, enquanto as particulares, geralmente chamadas de “escolinhas”, desenvolviam atividades pedagógicas, com ênfase na socialização e no preparo para as próximas etapas de ensino, e

Nos anos 80, os problemas referentes à educação infantil continuavam decorrer da ausência de uma política específica, da falta de articulação e parceria entre programas educacionais e de saúde; combate a exclusão econômica cultural e social; investimento em um enfoque pedagógico e insuficiência de docentes qualificados. Em contrapartida houve pressão por parte das camadas populares para ampliação de escolas, reivindicavam especialmente no tocante a criação de creches. (OLIVEIRA, 2010, p. 28).

Com a aprovação da CF/88 e a criação do Estatuto da Criança e do Adolescente em 1990 (ECA/90), os municípios passam a ter uma maior responsabilidade sobre a infância e a educação. É nessa mesma época que vemos uma mudança na concepção de infância e desenvolvimento infantil, sendo valorizados os estímulos e a socialização.

Pinto (2017) resume o atendimento educacional de bebês e crianças pequenas em Sorocaba, explicando que

O histórico da Educação Infantil em Sorocaba acompanha as demandas legislativas nacionais, passando para o município a obrigação do atendimento em creches para crianças de 0 a 3 anos. No ano de 1989 a responsabilidade de atendimento em

creche deixa de ser vinculada à Secretaria de Assistência e Promoção Social; nesta época a maior parte das instituições da cidade eram de cunho filantrópico. Durante os anos de 1987 e 1988 foram criadas as creches domiciliares, que tinham como responsáveis as “mães crecheiras”. A transição das creches para a Secretaria da Educação aconteceu entre os anos de 1989 a 1992, quando ocorreu a extinção das creches domiciliares, sendo substituídas pelas institucionais de responsabilidade do município. (PINTO, 2017, p. 36).

E completa afirmando o seguinte:

A municipalização do ensino em Sorocaba, quanto à transição das creches para a Secretaria da Educação, aconteceu em um intervalo pequeno de tempo. Houve um aumento significativo no número de creches no município, passando de 3 unidades em 1989 para 24 unidades em 1996. Este crescimento rápido causou um certo descompasso na criação de cargos e nas contratações para suprir a demanda de funcionários para atuarem nas creches. (PINTO, 2017, p. 36).

Como pesquisa documental, procuramos, em dois jornais da cidade — *Diário de Sorocaba*<sup>13</sup> e *Cruzeiro de Sul*<sup>14</sup> —, notícias, de janeiro de 1989 a dezembro de 1992, sobre o projeto “Creche & Vida”. Para esse levantamento, fomos ao Gabinete de Leitura Sorocabano, onde há o acervo desses jornais impressos, que foram lidos um a um e as notícias relevantes para esta pesquisa foram fotografadas. Todo esse processo foi feito ao longo do ano de 2022 pela pesquisadora.

Os jornais mostram que a população vivia um momento difícil. Os professores do estado tinham entrado em greve por melhores condições de trabalho e salários mais justos, havia um surto de aids no país e a inflação fazia com que os preços de alimentos e diversos produtos ficassem instáveis, mudando de tempos em tempos. Em Sorocaba, a população reivindicava por vagas em creches, de modo que, em março de 1989, o jornal *Diário de Sorocaba* publica a solução encontrada: as creches domiciliares, que já faziam parte do atendimento a crianças na cidade.

As creches domiciliares constituem um atendimento à infância por mulheres que cuidavam das crianças em suas próprias casas. A Prefeitura ajudava com alimentos e produtos de limpeza, enquanto a mulher ficava responsável por cuidar das crianças, trocá-las e alimentá-las, além de manter a casa limpa. Sozinha, cuidava de aproximadamente sete ou oito crianças durante oito horas diárias (ACEITUNO, 2017, p. 33). Não havia exigência de formação específica para ser mãe crecheira nem necessidade de atividades ou experiências

---

<sup>13</sup> O jornal *Diário de Sorocaba* é uma das mídias de Sorocaba e região de ampla divulgação. Foi fundado em 6 de julho de 1958 pelo jornalista Vitor Cioffi de Luca. A pesquisa foi feita no acervo impresso do Gabinete de Leitura de Sorocaba.

<sup>14</sup> O jornal *Cruzeiro do Sul* é uma das principais mídias de Sorocaba e região. É o jornal com maior circulação no interior do Estado de São Paulo, conforme aferição do Instituto Verificador de Comunicação (IVC). Foi fundado em 12 de junho de 1903 e é mantido pela Fundação Ubaldino do Amaral (FUA).

para estimular as crianças. As preocupações eram apenas de cuidado, higiene, alimentação e segurança.

Figura 2 - "Prefeitura vai admitir creches domiciliares"

**Prefeitura vai admitir crecheiras domiciliares**

A Prefeitura Municipal de Sorocaba abre na segunda-feira as inscrições para o processo seletivo aberto nos termos da lei municipal que institui o regime de contratação temporária, visando o preenchimento de vagas para diversas funções no âmbito da Secretaria de Saúde e Promoção Social.

Existem vagas para **orientadoras de creche** (idade mínima de 18 anos e 2º Grau completo), **crecheiras domiciliares** (não ter mais de dois filhos em idade de creche; ter casa murada ou cercada; ter o consentimento da família; ser alfabetizada e residir nos bairros mencionados no edital), **monitora domiciliar** (idade mínima de 18

anos e 1º Grau) e **monitores (as)**, que devem ter a idade mínima de 18 anos, 2º Grau e noções básicas de atividades artesanais.

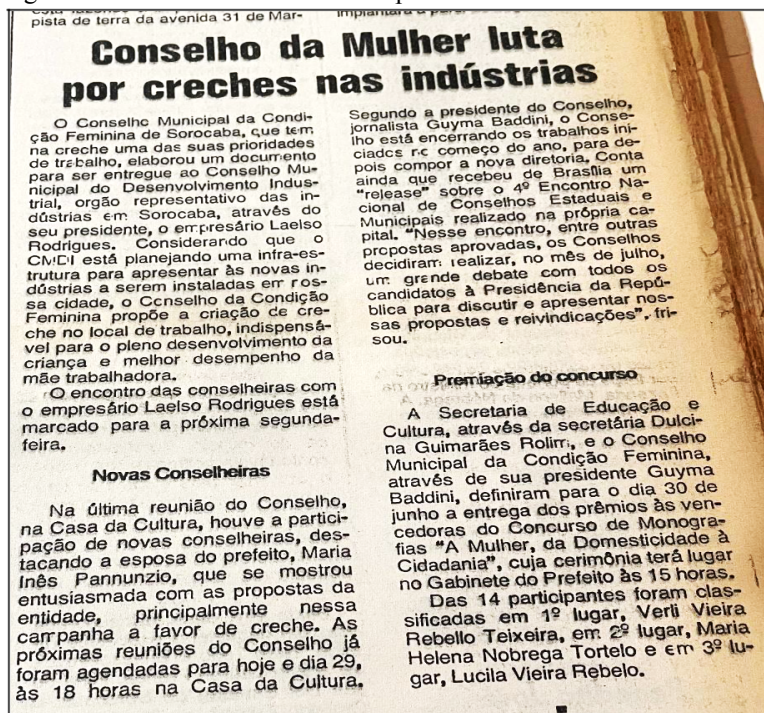
As pessoas interessadas em participar do processo de seleção, preenchendo os requisitos acima, devem se inscrever nos dias 20, 21 e 22, no horário das 8 às 11 e das 13 às 17 horas. O local das inscrições é a sede do Programa de Suplementação Alimentar (rua Professor Toledo, 474).

O jornal Município de Sorocaba, que circula neste final de semana, trará o edital completo sobre a prova de seleção. O jornal pode ser encontrado gratuitamente em todas as bancas, a partir de segunda-feira.

Fonte: notícia do jornal *Diário de Sorocaba*, 18 de março de 1989.

Ainda assim, as creches domiciliares não atendem às demandas da população, como mostra o mesmo jornal em junho de 1989. As mulheres da cidade lutavam pelo seu espaço no mercado de trabalho e pela segurança de seus filhos. Além disso, as creches domiciliares não apresentavam locais adequados tanto para as crianças quanto para o armazenamento de alimentos e produtos de limpeza.

Figura 3 - "Conselho da Mulher luta por creches na indústria"



Fonte: notícia do jornal *Diário de Sorocaba*, 15 de junho de 1989.

Em reportagem do *Diário de Sorocaba*, publicada em 21 de setembro de 1889 e reafirmada no dia 1º de outubro do mesmo ano, o programa de creches domiciliares passa a ser de responsabilidade da Educação, e com isso passa a haver exigência de concurso público. O jornal expõe a preocupação com as atuais funcionárias do programa e também com as 520 crianças atendidas, já que não existiam creches suficientes para realocá-las.

Além disso, a passagem das creches da Secretaria da Promoção Social para a Secretaria da Educação prevê diversas mudanças no atendimento à infância, visto que a partir de então a creche precisava se enquadrar na legislação educacional.

Figura 4 - "Exigência de concurso pode prejudicar mães crecheiras"

RO DE 1989

DIÁRIO DE SOROCABA

## Exigência de concurso público pode prejudicar mães crecheiras

### Programa de creches domiciliares passa para a Educação e sofrerá alterações

A Secretaria de Habitação e Promoção Social da Prefeitura Municipal de Sorocaba, não acompanhará mais o programa da creche domiciliar na cidade, desenvolvido em 12 bairros periféricos como Jardim Lilo, Vila Sabiá, Nova Esperança e Nova Sorocaba, e que funciona há cinco anos. Por causa da nova Constituição, segundo a chefe da divisão de Educação da Prefeitura, Célia Vieira de Andrade Nardi, o projeto agora será transferido para a Secretaria Municipal de Educação e Cultura. A transferência também segue o dispositivo constitucional que determina, para ocupação de cargos públicos no município, que a contratação seja feita mediante concurso público.

Neste caso, as 80 mães-crecheiras, que em sua maioria são pessoas de idade, dificilmente se submeterão ao concurso ou serão aprovadas, mesmo porque a maioria não possui o nível de escolaridade exigido nos concursos. Com isto, elas estariam impossibilitadas de continuar com o programa em suas casas. Já prevendo esse problema, a Prefeitura tem um projeto de construir, a longo prazo, novas creches na cidade para abrigar os menores atualmente assistidos em casas de família.

Entretanto, essas alterações começam a preocupar as 150 funcionárias da Secretaria de Habitação e Promoção Social, entre professoras e monitoras, que até agora vinham mantendo o programa em atividade. Uma dessas servidoras, que preferiu não se identificar disse: "todas nós estamos preocupadas e as mães também, porque atualmente não existem, em Sorocaba, creches suficientes para abrigar as 520 crianças de até 11 meses de idade que tomamos conta diariamente das 8 às 17h30".

**Reunião para convencer**

Por causa da preocupação de todas as pessoas envolvidas no programa de creche domiciliar, os secretários municipais da Habitação e Promoção Social e da Educação e Cultura, Lineu Maldonado

Martins e Dulcina Guimarães Rollim, bem como os chefes de Divisão de ambas as pastas, convocaram uma reunião com as mães crecheiras, ontem, às 16 horas nas dependências da ESM Leonor Pinto Thomaz. O encontro aconteceu a portas fechadas, e a reportagem do Diário não pôde acompanhar o desenrolar da reunião.

Célia Vieira de Andrade Nardi evitou fazer muitos comentários sobre a reunião, e quanto contratação mediante concurso público disse que isso ficará a cargo da Secretaria da Administração. "O que posso dizer é que todos os servidores do Paço Municipal terão que se submeter às provas. A passagem do programa de creche domiciliar da Promoção Social para a Secretaria de Educação e Cultura, segue determinação da Constituição Federal", finalizou ela.

**Flore a re:**

Um dos príncipes da Polícia Florestal enfocando em escolas estaduais na da Árvore ra-se hoje, é q e o desmatam regiões com principalment ca. João Ar Sargento da soldados Jo da Silva e mam a ec conscientiz portância c e flora br:

Ontem na EEPE hoje estr EEPE. 1 horas. A ba para 10h30 Camar viu at ciais ll haver habit uma : Ji ters pre tim Pa ent ch

CLEAN-CAR LAVA RÁPIDO

PROMOÇÃO MÊS DE SETEMBRO

Lavagem de carro médio só \$ 20,00.  
Caua 5 lavagens, você ganha uma grátis.  
Disk 32-9890 que nós vamos buscar o seu carro em sua casa, ou venha até nós:  
Av. Gal. Carneiro, 1.712 - Cerrado.

Fonte: notícia do jornal *Diário de Sorocaba*, 21 de setembro de 1989.

Figura 5 - "Fim do projeto de creches domiciliares levam apreensão aos bairros das periferias"

DOMINGO, 1º DE OUTUBRO DE 1989

DIÁRIO DE SOROCABA

## Fim do Projeto de Creches Domiciliares leva apreensão aos bairros da periferia

Pannunzio acena com a construção de novas creches municipais, mas as mães crecheiras vêem dificuldades em seu aproveitamento

Determinações constitucionais que a Prefeitura Municipal de Sorocaba começa a adequar ao Programa da Mãe Crecheira, desenvolvido há cinco anos em 12 bairros periféricos da cidade, começam a preocupar as pessoas envolvidas em cuidar, além de seus filhos, das crianças em suas residências. Elas não serão mais assistidas pela Secretaria de Habitação e Promoção Social e sim pela Secretaria Municipal de Educação e Cultura por causa do programa ser qualificado como atividade pedagógica. E também com a exigência de contratação mediante concurso público, para continuarem exercendo seu trabalho e ganhando seus salários, atualmente de NC\$ 442,00, sem sair de casa, muitas delas temem serem excluídas do concurso, porque frequentaram a escola só até a 3ª série na maioria dos casos.

Segundo tranquilizou o prefeito Antonio Carlos Pannunzio, contudo, um projeto visando a construção de creches municipais que servirá para absorver o programa da creche-domiciliar já está sendo estudado. "porém, isto será concluído a longo prazo e por ora as mães continuarão cuidando dos menores", garantiu ele. Quanto ao concurso público, Pannunzio assegurou que eles serão feitos de acordo com o conhecimento, capacidade e nível educacional da mãe-crecheira.

"Quando as creches estiverem prontas, elas não serão mandadas embora, porque pretendemos aproveitá-las para trabalharem nesses prédios em outras funções

**Rosemary de Lourdes**  
"Não poderei trabalhar mais" que exigem seu aproveitamento, como por exemplo em serviços secundários", adiantou o Prefeito.

**A creche domiciliar**

Durante o Governo Paulo Mendes, ex-prefeito da cidade, foi criado o projeto da creche domiciliar, ficando estabelecido que cada mãe poderia cuidar de, no máximo, sete crianças, com idades entre 0 e 5 anos e 11 meses. Atualmente 12 bairros periféricos do Município contam com o trabalho da mãe-crecheira, como o Jardim Lilo, Vila Sabiá, Nova Esperança, Nova Sorocaba e Jardim Guadaluja, entre outros. Embora fosse um projeto alternativo, ele ganhou forças e hoje é responsável pela assistência de 700 crianças.

Cada bairro possui doze residências que são supervisionadas por monitoras e orientadoras pedagógicas, através de um núcleo administrativo instalado no local. Como por exemplo no Jardim Lilo, que segundo a orientadora Márcia Regina presta todo tipo de assistência social às mães e crian-

As mães crecheiras não cuidarão mais das crianças em suas casas.

Aparecida Pereira, além de cuidar de 7 crianças, tem mais dois filhos de 7 e 5 anos de idade. "O mais velho já passou da idade e, como mãe-crecheira, trabalho em casa e não preciso pagar alguma creche para cuidar do mais novo", explicou.

"Se a construção de creche demorar muito não poderei me trabalhar, porque o caçula ultrapassará o limite de inscrição, não terei onde deixá-los e muito menos dinheiro para pagar a escolinha", explicou Elza Peré. O mesmo problema de Rosemary de Lourdes Albuquerque C. avisa que vai enfrentar. "Temos quatro filhos e o mais novo com 4 anos e me preocupa o fim da creche-domiciliar, pelo menos se o programa nuausse sei que a idade de filhos não seria problem passar a trabalhar fora de

**Não ter onde deixar os próprios filhos**

Com a construção das futuras creches municipais, mas que ainda segundo o prefeito Antonio Carlos Pannunzio é um projeto que está em estudos, as mães crecheiras dizem que até lá os seus filhos não terão mais idade para serem matriculados. A mãe-crecheira Elza

Atu dos bl., pref Pan nar qu bal se e si u f

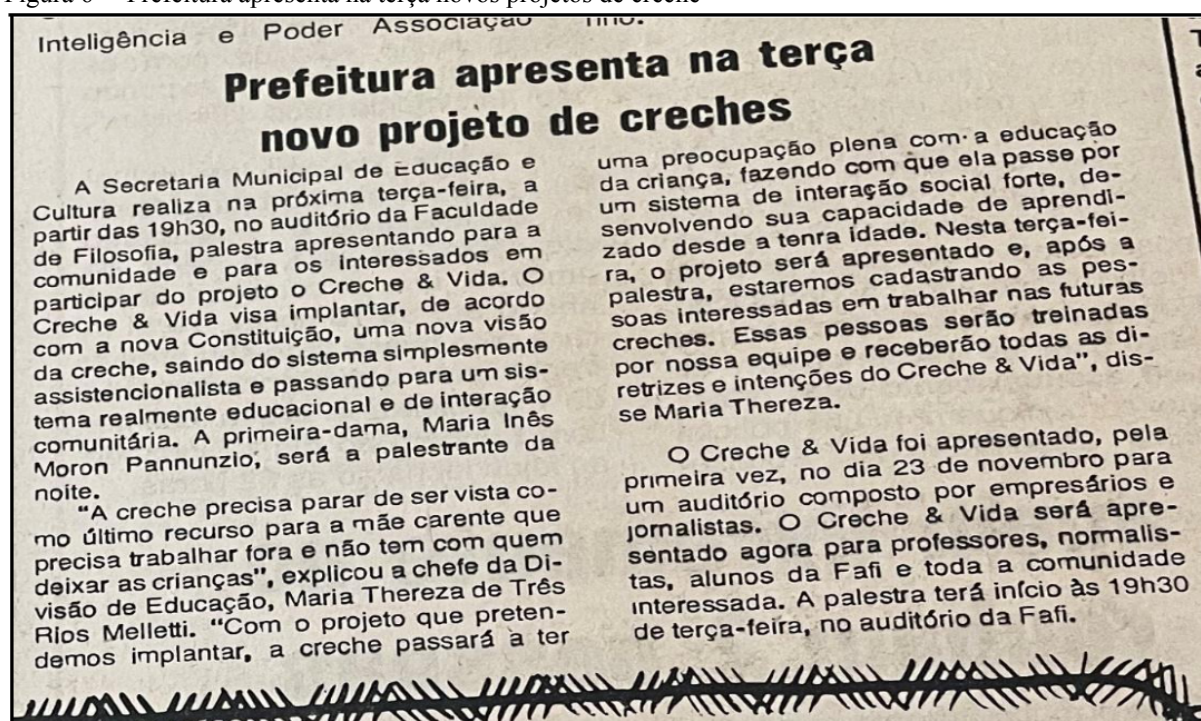
Chu

Fonte: notícia do jornal *Diário de Sorocaba*, 1º de outubro de 1989.

As notícias evidenciam a falta de diálogo com a população e de explicação sobre o funcionamento do projeto “Creche & Vida”, bem como o reaproveitamento dessas funcionárias nessa nova organização.

É nesse contexto, e para resolver tais situações, que o programa “Creche & Vida” é idealizado e criado, trazendo como proposta educacional a construção de novas creches e o aproveitamento das funcionárias que já atuavam nas creches domiciliares. Em dezembro de 1989, o projeto “Creche & Vida” é apresentado para a população, já com a visão de creche como direito da criança e com professores preparados para cuidar de bebês e crianças pequenas, além de educá-los.

Figura 6 - "Prefeitura apresenta na terça novos projetos de creche"



Fonte: notícia do jornal *Diário de Sorocaba*, 3 de dezembro de 1989.

Vale ressaltar que o projeto “Creche & Vida” foi criado e apresentado por um grupo de pessoas selecionadas, sem a participação de professores, de trabalhadores das creches domiciliares e das creches da promoção social ou de munícipes interessados. Foi apresentado primeiro para empresários e jornalistas e depois para professores e a comunidade. Na reportagem também é explicitado que o “Creche & Vida” tem preocupação plena com a educação com interação social e desenvolvimento da capacidade de aprendizado das crianças.

#### 4.2 O projeto “Creche & Vida”

O projeto “Creche & Vida” foi elaborado por uma equipe que envolvia as Secretarias da Educação e Cultura e da Promoção Social e Habitação, um Conselho de Creche, as esposas dos secretários municipais e um grupo de pesquisadas e apoio, entre outros, além da professora Maria Inês Pannunzio, primeira-dama de Sorocaba na época. Visava a promover uma parceria entre a iniciativa privada e a prefeitura para a construção de creches e o fornecimento de vagas para crianças de zero a seis anos<sup>15</sup>.

Em entrevista ao jornal *Cruzeiro de Sul*, de 24 de novembro de 1989, a profa. Maria Inês, ao apresentar o projeto “Creche & Vida”, defende uma mudança na visão educacional das creches e sua importância como complementação das famílias, e assegura que as creches do projeto “Creche & Vida” darão às crianças atendimento integral no aspecto físico, intelectual e emocional. Além do convênio para aumento da oferta de vagas, o “Creche & Vida” também previa a adequação de pessoal para o trabalho e a oferta de cursos para formandas e profissionais do magistério e universitárias de Pedagogia. No dia 26 de novembro de 1989, o jornal publica uma reportagem em que esclarece para a população as expectativas em relação ao “Creche & Vida” que apresenta uma nova concepção de creche com foco nas interações, na construção do conhecimento e no desenvolvimento físico, mental e emocional.

---

<sup>15</sup> No período de vigência do projeto “Creche & Vida”, o atendimento era destinado às crianças de 0 a 6 anos de idade, sendo as de 4 a 6 atendidas também pela pré-escola, com a unificação das creches e PEM-Sos. Em 1994 esse atendimento foi separado conforme a LDB: crianças de 0 a 3 anos na creche e crianças de 4 a 6 anos na pré-escola. Posteriormente, com a Lei 11.274 de 2006 as crianças de 6 anos foram inseridas no 1º ano do ensino fundamental.

Figura 7 - "Creche &amp; Vida quer derrubar tabus"

## 'Creche & Vida' quer derrubar tabus

"Precisamos mudar a maneira de encarar as creches e acabar com os preconceitos que ainda existem em relação a elas". Esta é uma das principais tarefas que a esposa do prefeito Antônio Carlos Pannunzio, Marinês Moron Pannunzio, e a equipe de elaboração do projeto "Creche & Vida", pretendem cumprir em curto prazo. Marinês e as esposas dos secretários municipais lançaram oficialmente o projeto, na última quinta-feira, no auditório "Rino Pieralini", Senac. Com visitas da equipe a empresários sorocabanos, a partir desta semana, o "Creche & Vida" começará a buscar a formação de convênios das iniciativas pública e privada para a construção de creches.

Marinês disse que as creches, para atendimento a crianças entre três meses e seis anos de idade, serão administradas para seguirem uma visão pedagógico-educacional diferente. Ela falou que há uma visão de creches como extensão da família e garantiu que o "Creche & Vida" entende a creche de outra maneira. "As nossas creches vão dar atendimento integral; a criança vai interagir e adquirir conhecimentos no meio de outras crianças", explicou. As crianças beneficiadas pelas creches desse projeto, informou, vão ganhar no seu desenvolvimento físico, mental e emocional.

**Pessoal especializado**

Marinês esteve, durante a semana, com as diretoras das 19

pré-escolas municipais e apresentou a elas o projeto, que envolve pessoal especializado para trabalhar nas creches. Ela disse que a Prefeitura admitirá esse pessoal, oriundo dos cursos de Magistério — nível secundário — e Pedagogia — superior. No mês que vem já haverá um curso, provavelmente entre os dias 4 e 15, seguido de provas seletivas.

As empresas que se conveniarem à Prefeitura no "Creche & Vida" poderão destacar as próprias funcionárias para trabalhar nas creches. Nesse caso, a Prefeitura dará a elas o treinamento necessário. Como, de acordo com Marinês, nem o Estado e nem o Município, têm recursos para atender à Constituição, construindo mais creches, o projeto reúne o poder público e os empresários locais para que es-

sas construções já possam começar.

**O convênio**

A Prefeitura, que tem alguns terrenos, e as empresas comerciais e industriais, associam-se para implantar creches novas, dentro da orientação técnica pedagógica adotada pelo projeto "Creche & Vida", disse. Marinês adiantou que para cada grupo de empresas participantes no projeto, pode ser feito um contrato diferente com a Prefeitura.

Do primeiro grupo de vinte empresários, serão escolhidos cinco para comporem o Conselho Fiscal; o Conselho de Creches já é formado pelas esposas de secretários municipais e o Grupo de Pesquisa e Apoio do "Creche & Vida" é composto pela educadora Maria Thereza Melletti, Regina Alcoléa e Marinês Pannunzio. A Secretaria de Educação e Cultura dá a orientação técnica pedagógica e a Secretaria de Promoção Social e Habitação fornece subsídios ao projeto.

O Conselho Fiscal gerencia os recursos do programa e os empresários podem participar dos grupos "Creche & Vida — Construção", que fará as creches, ou "Creche & Vida — Vaga", que apenas garantirá vagas às crianças nas creches, sem construí-las. Marinês disse que este tipo de benefício social atingirá às famílias trabalhadoras e interessará aos empresários porque "entre outras vantagens, todo investimento será totalmente dedutível do Imposto de Renda".



Marinês coordena o Creche & Vida

Fonte: notícia do jornal *Cruzeiro do Sul*, 26 de novembro de 1989. Disponível em: <https://www.jornalcruzeiro.com.br/>. Acesso em: mar. 2022.

É preciso refletir acerca do apresenta a reportagem acima, o que significa "derrubar tabus" e como o projeto "Creche & Vida" poderia cumprir com tal afirmação. O título destaca a ideia de que o projeto "Creche & Vida" vem para desmistificar os preconceitos sobre a creche, ou seja, pretende instituir uma nova visão do que entendemos por creche, reiterando sua função educativa e o direito de todas as crianças. Prioriza-se, assim, um espaço adequado para o desenvolvimento infantil, que permite a construção do conhecimento, as relações entre crianças e adultos, e a produção de cultura infantil.

No dia 6 de março de 1990, o "Creche & Vida" é lançado oficialmente e, nesse momento, há uma preocupação com os convênios que ajudam a construir e a manter as creches do projeto "Creche & Vida".



Figura 8 - "Creche &amp; Vida vai ser lançado hoje"

## Creche & Vida vai ser lançado hoje

O Projeto Creche & Vida será lançado oficialmente hoje em Sorocaba, num encontro que será realizado às 19h no Senac, com a presença da coordenadora do projeto, a primeira dama do município, Maria Inês Moron Pannunzio e José Eduardo de Andrade Vieira, presidente do Banco Bamerindus, que patrocina o projeto. Ambos darão explicações a respeito do projeto para aqueles que dele podem participar, entre profissionais autônomos, liberais, comerciantes, empresários e industriais. O Creche & Vida dará a oportunidade para indústrias e empresas sorocabanas de seguirem a determinação da Constituição Federal, que exige que os filhos de suas funcionárias, entre zero e seis anos, tenham creche à disposição.

Isso poderá ser feito através de três alternativas: uma ou mais empresas constroem uma creche, a Prefeitura a mantém, fornecendo inclusive funcionários e ficando assim 50% de vagas para cada uma das partes — Prefeitura e empresa. Ou então uma ou mais empresas constroem e mantêm a creche, enquanto a Prefeitura oferece assessoria, treinamento e supervisão em troca de 10% das vagas. Ou ainda a Prefeitura constrói e mantém a creche e recebe uma contribuição financeira da empresa, em troca de 10% das suas vagas.

O Projeto receberá dois tipos de doações, através do carnê "Creche & Vida Vaga", que é pago dando o direito a uma vaga para uma criança de zero a seis anos de idade ou através do carnê "Creche & Vida Construção", que é simplesmente uma contribuição, sem direito a uma vaga, mas com prioridade, no caso da compra dela. O patrocínio do Bamerindus para o projeto, a exemplo do que vem ocorrendo num projeto em Curitiba, foi obtido pela Exata Comunicações, empresa publicitária da Fundação Ubaldo do Amaral. E durante a apresentação do projeto hoje, será distribuído um "kit" com informações detalhadas para o "Creche & Vida".

Fonte: Notícia do jornal *Cruzeiro do Sul*, 6 de março de 1990. Disponível em: <https://www.jornalcruzeiro.com.br/>. Acesso em: mar. 2022.

Em julho e agosto de 1992, foram inauguradas as creches da Vila Barão e da Vila Angélica, nestas reportagens percebemos que o projeto "Creche & Vida" propunha certos padrões, definidos pela Secretaria de Educação e Cultura, no que diz respeito a arquitetura do prédio, ao número de crianças atendidas (aproximadamente 120 crianças de 3 meses a 6 anos), ao número de funcionários e cargos (14 professoras especializadas, duas merendeiras, uma lactarista e três serventes) e o horário de atendimento (das 8h às 17h).

Figura 9 - Inauguração das creches da Vila Barão e Vila Angélica

**Creche de Vila Barão será inaugurada domingo**

Este é o prédio da nova Creche de Vila Barão.

Nesse domingo, dia 2 de agosto, o bairro de Vila Barão receberá uma creche padrão municipal. A inauguração da creche acontecerá às 10 horas, com a presença do prefeito Antonio Carlos Pannunzio e das secretárias municipais. Cerca de 120 crianças serão atendidas por onze professoras especializadas, duas merendeiras, uma lactarista e três serventes. O horário de funcionamento da creche será das 8 às 17 horas, destinado a crianças da faixa etária de 3 meses a 6 anos. Segundo informações da chefe de Divisão de Educação da Secretaria de Educação e Cultura (Sec. Elisabete Bludes El Mesari, as vagas já foram preenchidas, de acordo com a necessidade das famílias do bairro.

Além da creche de Vila Barão, no mês de agosto será inaugurada também a Creche Municipal da Vila Angélica, no dia 7 (sexta-feira), a partir das 16h30. Essa creche funcionará nos mesmos moldes das demais, também atendendo a 120 crianças. As creches foram construídas pelo município e transferidas agora para a Creche Municipal. Dessa forma ainda existem 77 vagas que serão preenchidas pela Sec. através dos critérios de renda familiar e da necessidade de cada família. A creche estará recebendo inscrições das famílias interessadas, entre os dias 3 e 6, das 9 às 12 e das 14 às 17 horas no próprio local, à avenida Angélica 954.

A Creche de Vila Barão está localizada na rua Pêro de Souza Queiroz, nº 631 e começará a funcionar no dia 4, tendo como principal objetivo a educação adequada às crianças. "As creches municipais não se preocupam apenas em cuidar das crianças, mas também em educá-las, dentro dos métodos mais modernos da pedagogia", apontou Elisabete.

**Prefeito inaugura hoje a creche da V. Angélica**

A população da Vila Angélica recebe hoje do prefeito Antonio Carlos Pannunzio, às 16h30, a creche de padrão municipal do bairro, que atenderá a 120 crianças carentes. Denominada "Cláudia Moeckel Togni Amaral", a creche funcionará em período integral, das 8h às 17h e terá em seu quadro de funcionários, 14 professoras especializadas, duas merendeiras, uma lactarista e três serventes. Conforme os critérios adotados pela Secretaria de Educação e Cultura (Sec.), as vagas já foram preenchidas, de acordo com a renda familiar das crianças concorrentes.

A inauguração de hoje, faz parte do programa de entrega de 15 creches até o final do governo Pannunzio, que está implantando também uma nova mentalidade na prestação desse serviço. A filosofia de trabalho aplicada às crianças assistidas, que estão na faixa etária de 3 meses a 6 anos, é voltada ao fator educacional e não apenas ao social e assistencial.

O bairro, que possuía até então, uma creche domiciliar que atendia a 43 crianças, será beneficiado com a creche padrão, que absorverá as crianças que já recebiam o atendimento da creche domiciliar, acrescentando ainda 77 novas vagas, que serão divulgadas no dia 1º desse mês. A creche está localizada na Av. Angélica, 954.

Fonte: notícia do jornal *Diário de Sorocaba*, 29 de julho de 1992, e notícia do jornal *Diário de Sorocaba*, 7 de agosto de 1992.

Em novembro de 1992, foi publicado o edital para preenchimento de vagas das creches municipais de Sorocaba. As inscrições eram feitas na própria unidade, e os responsáveis pela criança deveriam escolher apenas uma para a inscrição. Os documentos exigidos eram: certidão de nascimento, carteira de vacinação, declaração de renda e, em caso de demanda maior do que a oferta, o critério para seleção seria a “renda *per capita*”. Já para inscrição na Creche Municipal Reinaldo D’Alessandro (CEI 63), localizada ao lado do Paço Municipal, era necessário que os pais ou pelo menos o pai ou a mãe fosse funcionário público municipal. Caso o número de vagas não fosse preenchido por filhos de funcionários, posteriormente essas vagas eram oferecidas para a população.

Figura 10 - Edital para preenchimento de vagas nas creches municipais

**PREFEITURA MUNICIPAL DE SOROCABA**  
SECRETARIA DA EDUCAÇÃO E CULTURA  
DIVISÃO DE EDUCAÇÃO  
EDITAL SEC. DE Nº 011/92 DE NOVEMBRO DE 1992.

Estão abertas as inscrições para preenchimento de vagas das Creches Municipais de Sorocaba, da "Vila Rica, Mata do Camê, Vila Jardim, Parada do Alto, Brigadeiro Tobias, Vila Helena, Nova Mundo, Nova Esperança, Vila Barão, Jd. Lido, Vila Angélica, Nova Sorocaba, Aparecida, Vila Hara e Caputê do Sul".  
As inscrições deverão ser feitas nos dias 23, 24 e 25 de novembro de 1992, das 8h30min às 11h30min e das 13h30min às 16h30min, nas próprias unidades.

**I - INSCRIÇÕES**  
A - Não há taxa.  
B - Os interessados no ato da inscrição deverão apresentar os seguintes documentos:  
- certidão de nascimento dos filhos que deverão ter no mínimo 03 (três) meses de idade e no máximo 06 (seis) anos completos até 31 de dezembro de 1992;  
- carteira de vacinação atualizada da criança;  
- declaração de renda - carteira profissional atualizada ou holerith, de todos os membros que compõem a renda familiar (verem);  
- Declaração de renda, se for autônomo.  
C - Os interessados, no ato da inscrição, deverão apresentar formulário próprio.  
D - Os interessados deverão efetuar a inscrição em apenas uma Creche, sob a pena de ter sua inscrição cancelada automaticamente, perdendo o direito de qualquer reivindicação posterior.  
E - A inscrição somente será efetuada com apresentação de todos os documentos exigidos neste Edital, não havendo inscrição condicional.

**II - VAGAS**  
Serão oferecidas as vagas remanescentes, de cada unidade, distribuídas em diferentes turmas, determinadas pela lista etária.

**III - SELEÇÃO**  
A - Na hipótese de o número de interessados exceder o número de vagas será usado o critério básico de "renda *per capita*".  
B - A relação dos contemplados com a vaga será afixada na própria unidade, no período de 01 a 04 de dezembro de 1992.

**IV - DISPOSIÇÕES GERAIS**  
A - O presente Edital será publicado na Imprensa Local e afixado no átrio do Paço Municipal.  
B - Os casos omissos serão resolvidos pela Secretaria da Educação e Cultura.

Sorocaba, 19 de novembro de 1992.  
Célia Maria Vieira de Andrade Nardi  
Secretária da Educação e Cultura

**AGRADECIMENTO À SANTA CLARA**

**PREFEITURA MUNICIPAL DE SOROCABA**  
SECRETARIA DE EDUCAÇÃO E CULTURA  
DIVISÃO DE EDUCAÇÃO

Edital SEC. DE Nº 011/92 de Novembro de 1992.  
Estão abertas as inscrições para preenchimento das vagas remanescentes da Creche Municipal Reinaldo D'Alessandro, sita à Av. Eng. Reinaldo Mendes, s/nº - Alto da Boa Vista.  
As inscrições para os filhos dos Funcionários Públicos Municipais estarão abertas de 24, 25 e 26 de novembro de 1992, das 8h00 às 11h00 na própria Creche.

**I - INSCRIÇÕES**  
a - Não há taxa.  
b) Para ter seus filhos inscritos na creche o pai ou a mãe da criança precisam trabalhar, sendo que, pelo menos um dos dois deve ser funcionário público municipal.  
c) Os interessados no ato da inscrição deverão apresentar os seguintes documentos:  
- Certidão de nascimento dos filhos que deverão ter no mínimo 03 (três) meses de idade e no máximo 06 (seis) anos completos até 31 de dezembro de 1992. (verem)  
- Carteira de vacinação atualizada da criança.  
- Carteira profissional e holerith dos membros que compõem a família. (verem)  
- declaração de renda, se for autônomo. (verem)  
d) Os interessados no ato da inscrição deverão preencher formulário próprio.  
e) A inscrição somente será efetuada com a apresentação de todos os documentos exigidos neste Edital, não havendo inscrição condicional.

**II - VAGAS**  
Serão oferecidas as vagas remanescentes distribuídas em diferentes turmas, determinadas pela lista etária.

**III - SELEÇÃO**  
A - Na hipótese de o número de interessados exceder o número de vagas será aplicado o critério básico de "renda *per capita*".  
B - A relação dos contemplados com a vaga será afixada nas próprias unidades, no período de 01 a 04 de dezembro de 1992.

**IV - DISPOSIÇÕES GERAIS**  
A - O presente Edital será publicado na Imprensa Local e afixado no átrio do Paço Municipal.  
B - Os casos omissos serão resolvidos pela Secretaria da Educação e Cultura.

Sorocaba, 19 de novembro de 1992.  
Célia Maria Vieira de Andrade Nardi  
Secretária da Educação e Cultura

Todos os filhos da criança, verem, paratib, sarar, lágim, ciso a se a p co, M Sô di a gra tes d voço peço oraç ra q Mis atsi e tr mb au Ag

Fonte: notícia do jornal Diário de Sorocaba, 21 de novembro de 1992

Diante do que foi exposto nas reportagens dos jornais, é possível perceber que o projeto “Creche & Vida” propôs diversas mudanças no atendimento à infância e a que Prefeitura de Sorocaba fez altos investimentos ao longo dos quatro anos do governo: construção de 15 novas creches (sendo 17 no total, as quais atendiam aproximadamente 120 crianças cada uma), contratação de funcionários e aperfeiçoamento desses profissionais, entre outras mudanças. É importante ressaltar que naquele momento ainda havia as creches

domiciliares, as quais aos poucos eram substituídas pelas creches, conforme avançava sua construção. Na próxima seção, com a exposição dos relatos, é possível uma maior elucidação do funcionamento do projeto “Creche & Vida” e suas propostas.

## **5 ENTREVISTAS EPISÓDICAS E O DIA A DIA DO PROJETO “CRECHE & VIDA”**

Para esta pesquisa foram entrevistadas pessoas que pudessem contar como se estabeleceu e funcionou o projeto “Creche & Vida”. Para compor os relatos, destacaram-se algumas reportagens publicadas nos jornais da cidade.

As entrevistas foram feitas entre maio e novembro de 2022, algumas de forma presencial e outras por vídeo, via ligação do WhatsApp. Todas as entrevistadas são mulheres, brancas, com mais de 50 anos, professoras com formação no magistério e Pedagogia (exceto Maria Inês, que tem a formação em Filosofia) e aposentadas.

As entrevistadas contaram um pouco da sua vida profissional e pessoal, o caminho percorrido profissionalmente até chegar ao “Creche & Vida” e sua experiência nesse projeto. Além disso, apresentaram seu entendimento sobre infância, creche e educação infantil.

De forma resumida, há um consenso entre as entrevistadas sobre os conceitos. A respeito de infância, o entendimento é de que esse é o período mais importante do desenvolvimento humano, em que são necessários estímulos e cuidado. Sobre creche, entendem que é um direito da criança, por ser um espaço educativo, lúdico, de interações e de cuidados. Compreendem também que a creche está inserida na educação infantil, que, por sua vez, é a base da educação, lugar de estímulo e desenvolvimento.

É interessante pensar nesse consenso entre as entrevistadas diante de alguns conceitos da infância, todavia ressalto que as entrevistadas, além de terem uma formação específica parecida e terem trabalhado no mesmo projeto, participaram dos cursos oferecidos pelo “Creche & Vida”, que trazia reflexões sobre conceitos relacionados à infância, por exemplo, o papel da creche na educação das crianças, o desenvolvimento humano e o educar e o cuidar.

### **5.1 Entrevistas**

As entrevistas constituem documento/fonte primária para essa investigação. A seleção de quem participaria delas se deu a partir do contato da pesquisadora com pessoas que haviam trabalhado na rede municipal de Sorocaba, levando em consideração: o período de atuação em creche (de 1989 a 1992), o cargo que ocupava nesse período e a unidade em que trabalhou.

A secretária da Educação de Sorocaba na época (1989 a 1992), Célia Nardi, contou como foi a implementação do projeto “Creche & Vida”. É preciso lembrar que a Secretaria da Educação também incorporava a pasta da Cultura, sendo uma frente de trabalho muito ampla.

*E a questão do “Creche & Vida”, ele surgiu... Já era um pensamento que a gente tinha, mas ele surge da obrigatoriedade constitucional, porque a Constituição de 1988 colocou a creche como saindo do Ministério da Assistência Social e passando para a Educação. Então uma outra visão, não era mais aquela visão assistencialista, da criança ficar lá, esperando a mãe chegar, de banho tomado.*

*Então a gente tinha as creches domiciliares, e foi uma coisa assim... Um trabalho muito bonito que as mães crecheiras faziam, mas assistencialista por princípio, porque o local, a estrutura física, era uma residência, muitas tinham um banheiro só... Uma coisa assim... emergencial. E esse foi um trabalho que a gente teve que fazer com elas, a aceitação delas e a forma como elas passaram a entender a creche, e a gente entendeu também que o espaço físico é importante no processo educativo, e foi aí que a gente começou. Na verdade, a Maria Inês ficou à frente, porque eu nem tinha condições de ficar dia e noite em cima daquilo, um projeto dessa grandiosidade, a gente tinha que se empenhar muito para ele ser muito bom, porque ele era muito caro. Você sai de um sistema e entra em outro muito caro, quantidade de crianças por educador, o fato de só ter professores, depois colocaram os auxiliares de educação, mas o original mesmo foi feito só com professores e deu certo. - Célia, agosto/2022 - Apêndice F.*

No depoimento de Célia, fica claro o desafio que os profissionais enfrentaram para construir uma creche educativa: era preciso convencer não só as famílias de que as creches institucionais seriam mais seguras e melhores para as crianças e seu desenvolvimento, declarando a magnitude do ambiente/espaço físico para o crescimento e progresso dos bebês e crianças pequenas, como também o poder público de que os gastos com professores, construção de novas creches com espaços mais adequados e amplos, e aquisição de materiais eram necessários para um atendimento à infância com qualidade.

Darcy, que trabalhou na creche ainda na secretaria da Promoção Social, contou um pouco como era a creche e as mudanças trazidas pelo projeto “Creche & Vida”:

*A primeira creche em Sorocaba, no jardim Maria do Carmo, foi iniciada na promoção social da prefeitura, naquela época eu fui pra lá, ela era pra empregada doméstica, família carente e... Mais era empregada doméstica que trabalhava fora e família pobre. Então era assistencialista total, quando eu comecei lá, as crianças não tinham nada, não tinham atividades, foi trabalhado com regentes maternais, eram senhoras, pessoas adultas que sem curso nenhum começou a cuidar das crianças lá. Cada uma fazia o que podia, era um rodízio que funcionava, a regente maternal, tanto ela trabalhava com as crianças e também quando mudava o grupo elas eram cozinheiras também, nesse tempo era*

*bom que as crianças tinham alimentação caseira, elas tinham atendimento, cuidadas, não tinha programação. Então as crianças estavam lá para serem alimentadas, cuidadas, higienizadas e ter o acompanhamento de enfermeira. - Darcy, junho/2022 - Apêndice D.*

Darcy demonstrou que havia certo descaso com a creche naquele primeiro momento. Os funcionários precisavam se revezar entre atender as crianças, fazer e servir a merenda e limpar, tudo isso sem preparo e formação nenhuma. Além disso, a creche ainda cuidava das crianças doentes, levando-as para o posto de saúde quando necessário. Neide também contou um pouco como era a organização da creche e da sua relação com o posto de saúde.

*[...] eu fui pra lá e peguei a creche nessa condição. Tinha uma professora, que tinha entrado na promoção social como auxiliar administrativa, daí ela se formou como professora e tal e quando abriu a creche ela pediu. Era a I. que chefiava a promoção social e ela pedia pra dona I. quando houvesse a chance dela ir pra escola, aí quando abriu a creche e dona I. deu essa chance pra ela. E as pajens deram um treinamento pras pessoas trabalharem com as crianças e elas trabalhavam tanto com as crianças como com a limpeza e a merenda, e tinha um senhor, o tio mané, que era jovem na época que ele fazia o portão e ajudava a servir a merenda. Na realidade, todo mundo fazia tudo. Na parte administrativa tinha umas fichas das crianças com o endereço, depois quando eu vou tomando pé, eu vejo que muitas crianças, aquele endereço já não era atualizado e tudo mais, tinha algumas crianças que eram de mães que trabalhavam no Paço, então elas traziam as crianças de manhã e depois iam trabalhar. E a creche tinha uma estrutura física que era assim: tinha a creche e o portão que passava pro posto de saúde, porque a ideia era quando as crianças ficassem doentes a gente levasse, só que daí era uma grande confusão, ficava tudo misturado. Eu cheguei e já encontrei essa situação, os funcionários, a hora que eles queriam, eles desciam pra creche, e os funcionários da creche a hora que queriam subiam pra lá, então na hora do almoço, eles vinham almoçar, todo o pessoal do posto de saúde vinha almoçar pra lá, só que quando a gente chega, e eu era muito nova na época, pense, eu tinha 31 anos, daí eu comecei colocar cadeado pra não ir. Nós tínhamos uma vez na semana, o Dr. A. era pediatra das crianças, e ele vinha atender as crianças, então era só numa emergência que eu tinha que correr pra lá - Neide, junho/2022 - Apêndice E.*

Neide revela uma situação de abandono do espaço. A creche não tinha horário, priorizando o atendimento aos pais que trabalhavam fora; os funcionários acumulavam funções independentemente do cargo que ocupavam; aparentemente não havia organização; e o atendimento era feito da forma que dava, contando com o empenho e a dedicação dos funcionários. O projeto “Creche & Vida” trouxe diversas mudanças, como contou Darcy:

*Quando entrou a primeira vez o Antonio Pannunzio que entrou a Maria Inês foi um “fuá”, um vira volta total, ela entrou de cabeça, no primeiro mandato primeira coisa, ela foi tirando prato de plástico, prato de louça, colher e faca, a gente ensinou tudo isso. Entrou naquele projeto de estagiárias, elas estavam fazendo magistério e a prefeitura contratava*

*essas estagiárias. Foi crescendo, e houve assim algum atrito com as regentes maternais, mas a maioria foi se adaptando, então ela trouxe um ânimo novo para creche. Eles eram jovens, brincavam, usavam atividade criativa, a criança passou a ter recreação, começamos a fazer excursão, conseguia as coisas fácil na prefeitura, davam ônibus, a gente levava as crianças pra passar o dia... - Darcy, junho/2022 - Apêndice D.*

No dia a dia da creche, houve algumas mudanças que, apesar de pequenas, fizeram a diferença no atendimento, exemplo do prato de vidro com garfo e faca que demandava todo um desafio por parte das educadoras junto às crianças, que precisavam aprender a usá-los. É visível também um novo perfil de professor se formando, que, a princípio, não entende a relação entre educar e cuidar na creche; e as estagiárias, que ainda não foram formadas, vão se construindo professoras junto com esse novo conceito de ser professor na creche.

Célia explicou um pouco sobre a implementação do projeto “Creche & Vida” a partir da visão de Secretária da Educação:

*Teve um conselho de creche e uma comissão específica para cuidar disso, e elas se reuniam com as diretoras, eu ia em algumas reuniões, porque era um projeto que estávamos dando de tudo pra ele. Maria Inês ficou com a parte pedagógica do projeto, e ela com essa comissão e o Conselho de creche faziam as reuniões com as diretoras, e depois tinha toda uma questão administrativa questão de horários, porque a creche tinha um horário mais longo de atendimento do que a pré-escola e questões de horário estendido, muitas coisas. Ele demorou um pouco até a implementação, depois a construção de creches do jeito que a gente concebe um espaço interativo, foram uns dois anos para ele deslanchar e a própria comunidade aceitar como era. A criança estava na creche domiciliar do ladinho da casa dela e tinha que se locomover até a escola agora, foi um processo bem produtivo, árduo, mas que deu certo, e importante que ele continua até hoje.*

*A gente começou a imaginar o Vale-Creche, tivemos reunião com algumas indústrias, porque, inclusive, a creche passou a ser obrigatória nas indústrias com mais de 100, 50 funcionárias, não me lembro. E a gente colocou a questão da própria empresa fazer um Vale-Creche, e ter crianças além das crianças dos seus funcionários, ter as crianças ao redor. Aí as coisas vão surgindo em cima daquela ideia inicial vão surgindo outras ideias. - Célia, agosto/2022 - Apêndice F.*

Célia destaca o trabalho dessa comissão e do Conselho de creche para a implementação do projeto “Creche & Vida”, as reuniões conduzidas pela professora Maria Inês, a construção de novas creches, o trabalho com as famílias sobre a importância dessa mudança (de creche domiciliar para a institucional) e ainda o convênio com a iniciativa privada, denominado de “Vale-Creche”. Célia também assinala que o projeto “Creche & Vida” continua até hoje. O “Creche & Vida” não teve continuidade após a saída da professora

Maria Inês e de seu marido Antonio Pannunzio da Prefeitura de Sorocaba; apesar disso, Célia relata que muitas das ideias e dos ideais conduzidos pelo “Creche & Vida” permanecem até hoje. Os investimentos feitos nele bem como sua estrutura são alguns pontos que justificam essas permanências.

*Quando as creches foram para a educação, eu quis estudar e saber por que a creche foi para a educação, e o envolvimento foi muito grande, porque eu não tinha gostado daquele atendimento de creche. As creches eram muito limpas, os brinquedos quase sempre guardados, as crianças muito limpinhas, de banho tomado esperando já às 15h30 as mães que chegavam, porque as mães começavam a chegar, assim que saíam do trabalho, elas iam para creche, então às 15h30, 16h já tinha mãe pegando criança na creche, então elas ficam esperando, não tem atividade, isso me incomodou muito. Daí o que nós fizemos, nós fomos conhecer o pessoal que trabalhou com essa questão de levar a creche para a educação, de tirar a creche da assistência social e levar para a educação, porque a proposta era educativa, e daí nós fomos, esse pessoal que trabalhava na creche da assistência social foi comigo pra gente fazer um projeto pras creches também, e a gente foi pra São Paulo, fomos conversar com quem tinha trabalhado na elaboração de toda proposta para creche na educação, recebemos um material fantástico lá, estudamos aquele material. Fomos conhecer creche numa proposta educativa, fomos a Curitiba conhecer. Então a gente teve um envolvimento muito grande, estudamos muito. Não fui eu, nós estudamos. As meninas que estavam na assistência social vieram comigo, mesmo a Dona I. continuou na assistência social, mas dando o maior apoio para que elas viessem, porque eram elas quem entendiam de creche, ninguém mais entendia, e a gente precisava desse no hall das meninas na educação. E a gente fez o projeto “Creche & Vida”, já tinha o Alpha Vida e agora o “Creche & Vida”. E é o “&” pertencimento mesmo, lugar de vida, lugar de alegria, lugar de atividade e educativo, creches educativas.*

*Eram três creches e no final do mandato do meu marido eram 17 creches, inclusive construiu uma creche especialmente para os filhos dos funcionários municipais lá no Paço, e essa creche... Nós fomos visitar a creche da USP, conhecer o espaço da creche da USP, o arquiteto da Prefeitura foi junto para saber como que era esse espaço da creche para que as nossas creches tivessem aquele espaço, que as crianças pudessem se comunicar, as crianças menores com as maiores, as interações sociais pudessem acontecer na creche, porque sabíamos que isso era importante, não era para isolar as crianças do berçário das maiores, mas era para que houvesse uma interação entre elas nesse processo de construção de conhecimentos e de seres humanos, porque ali na creche eles estão se construindo, e eu, que antes achava que mãe que tinha que cuidar da criança nos primeiros meses de vida, fui lendo, estudando e entendendo a importância da creche e por que a creche foi para a educação. Porque a creche é um espaço muito significativo na vida da criança. Claro que a mãe e a família continua sendo súper importante, mas a creche possibilita que a criança tenha contato com outras crianças, e isso pra ela é importantíssimo, elas interagem de formas diferentes com outras crianças e outros adultos além do pai e da mãe, isto possibilita novas interações, construções de novos conhecimentos, então isso é muito rico para as crianças. - Maria Inês, agosto/2022 - Apêndice G.*

Nesse relato, Maria Inês esclarece a visão de creche determinada pelo projeto “Creche & Vida”: era preciso acrescentar o caráter educativo, as propostas pedagógicas de forma



planejada e por profissionais preparados e com formação específica, porém sem deixar de lado o cuidado e a proteção da criança pequena. Para isso, era necessário preparar os profissionais que trabalhariam no “Creche & Vida” e, por isso, a professora Maria Inês, além de exigir a formação do magistério para as professoras, ofereceu e ministrou um curso para professoras e diretoras específico sobre a creche educativa, em que explicou como deveria ser o trabalho dos funcionários no projeto “Creche & Vida”, como contam a diretora Vera e a professora Patrícia.

*[...] fiz a inscrição, e muita gente fez a inscrição, e eu fiquei sabendo que tinha uma vaga, daí que eu entrei em contato realmente com o que ela queria, aí ela deu uma semana de preparo pro pessoal que queria entrar nessa vaga, já era pra direção. Ela fez a pré- formação para professores e depois para diretores, então esse processo era para diretores. Eu fiz o curso a semana inteira, então eu fiquei sabendo a história, porque na Constituição de 1988 a creche deixava de ser da promoção social e passava a ser da educação, então a prefeitura não tinha creche, e as que tinha era assim, mãe crecheira: a prefeitura pagava, uma mãe, exemplo, eu me candidatava, então eu dizia que na minha casa eu tenho tal espaço lá e posso ficar com cinco crianças, então eu ficava com cinco crianças, mas na minha casa, e daí eu recebia merenda da prefeitura, recebia toda base que precisasse a prefeitura dava. E além de mãe crecheira tinha algumas creches, mas eram todas cuidadas pela promoção social, não tinha nada a ver com a Secretaria da Educação, e eram creches assim, que eram totalmente diferentes do que a gente imagina hoje uma creche, uma pré-escola. Então ela mostrou todo o projeto dela, que ela queria transformar as creches, todas da promoção social viriam para a educação - Vera, maio/2022 - Apêndice C.*

*No início, a Prefeitura de Sorocaba ofereceu um curso para os professores que se interessassem para fazer... Eram 120 dias mais ou menos, que foi lá em janeiro de 1990. Esse curso foi ministrado pela Maria Inês Pannunzio, e ela trazia pessoas que falavam sobre creche, inclusive tinha no curso professores que trabalhavam já na creche, mas como regente maternal. Então ali ela explicou como era o dia a dia na creche, tinha um livrinho chamado “Creche & Vida”, que tinha hora do banho, hora de comer, então tinha ainda um olhar bastante forte para o cuidar, porém, inserindo o trabalho pedagógico do professor nesse contexto do cuidar. Então foi feito esse curso primeiro, depois foi feito uma prova com esses participantes e foram tirados 14 professores que iriam ser distribuídos nas creches, em início a creche Lopes de Oliveira, que era uma creche que iria começar 100% com professor que a Prefeitura estava reformando. - Patrícia, novembro/2022 - Apêndice H.*

Os cursos eram pré-requisito para o trabalho na creche; através deles eram feitas provas que classificavam os professores e os diretores, para que assim pudessem iniciar. Além disso, havia o acompanhamento semanal feito pela Secretaria da Educação, como explicita Maria Inês.

*E tanto no Alpha Vida como no “Creche & Vida” tinha reuniões semanais, os professores ganhavam por esse período que eles iam pra reunião, e eu estava presente nessas reuniões num primeiro momento, porque eles tinham que fazer relatórios, eles escreviam, faziam portfólio, na verdade, eles escreviam como tinha sido aquela semana, relatavam as facilidades e as dificuldades, na nossa reunião nós conversamos sobre essas facilidades e essas dificuldades, e tentávamos encaminhar de uma forma mais correta possível aquelas atitudes, aqueles comportamentos, aquelas dificuldades que elas tinham. E isto nós fazíamos em conjunto, não eu como dona da verdade, mas eu, com as meninas que já tinham conhecimento de creche, com outros profissionais que estavam junto conosco, nós discutíamos junto com os profissionais e íamos tentando esclarecer as dificuldades. - Maria Inês, agosto/2022 - Apêndice G.*

No relato de Vera relatou sobre algumas das mudanças propostas pelo projeto “Creche & Vida”, podemos observar uma preocupação com o profissional de creche e também o respeito à infância.

*Como eu entrei com o “Creche & Vida”, a gente discutia muito com a Maria Inês o que ela achava que devia ser, e muita coisa eu já fazia porque era o bom senso que mandava. Esse negócio de criança dormir... Vai dormir se tem sono, se não tem sono, não dá pra criança dormir. Então uma pessoa fica com as crianças que estão dormindo, e a outra sai com as que estão acordadas, porque as que estão acordadas vão atrapalhar o sono das outras, então você sai, você vai fazer alguma atividade que distraia a criança, porque não adianta você querer que alguém durma se não está com sono. Outra coisa que foi assim bem gostosa de fazer foi mudar o jeito de comer, então a criançada comia tudo, assim, com a colher e segurando o prato e comendo, então daí a gente foi devagar mostrando como que comia de garfo e faca, daí você recebia reclamação da mãe: “agora ele quer que eu coma de garfo e faca também”, sabe? Então, assim, coisas que faz parte da educação, porque eles ficam o dia inteiro, e na minha época todos ficavam, hoje eu sei que é só até 3 anos que fica o dia inteiro, a partir de 4 já fica só meio período, então eu pensava “eles vão sair com 6 anos daqui, então tem que sair meio formados já”, porque depois vai pro ensino fundamental, não vai ter refeição, não vai ter isso lá, né? Então a intenção da gente era essa, o banho, como é importante tomar o banho, tomar um banho direito e tal, e as creches na época eram bem equipadas, criança pequena tinha lugar certo pra tomar banho, criança maior já podia ir até em box. Aquelas do minigrupo, por exemplo, que não tomam banho sozinhas, tinham o lugar lá certo, elas subiam na escadinha, então a professora ficava em pé, não precisava abaixar. A bancada de troca também tinha uma altura que a gente estabeleceu pra professora não ficar abaixando, então foi nessa linha. E material, a gente estabelecia nas reuniões qual era o objetivo, começamos a trabalhar projeto também com criança maior, que nem, quando já estava na idade de 4, 5 e 6 anos, já começava com numeração, com material mais pedagógico mesmo. Até os 4 anos era brinquedo, até os 3 anos era brinquedo normal, de brincar mesmo, agora de 4, 5 e 6 já tinha uma intenção, então tinha material que a criança aprendia as letras, aprendia a escrever o nome dela, aprendia números, ler os números, assim, uma coisa bem simples, mas era dado, e tudo isso a gente fazia reunião. Então a gente montava lá o esquema do que era necessário, do que a gente achava necessário, e eu discutia com as professoras e tal. - Vera, maio/2022 - Apêndice C.*

Vera evidencia algumas visões de mundo e de infância propostas pelo “Creche & Vida”, apesar de ainda haver um pensamento de formar a criança e de prepará-la para as próximas etapas de ensino. Já no depoimento de Darcy, conseguimos visualizar a rotina da creche antes das mudanças que aconteceram, e fica clara a importância das formações dos profissionais para o reconhecimento da criança como ser social, sujeito de direitos e produtor de cultura.

*A criança chegava 7h, a gente recebia as crianças, elas tinham alimentação lá em cima, eram crianças de 3 meses a 5 anos, saía de lá pra pré-escola, e as crianças tomavam café e já iam todas para a higiene, porque geralmente elas vinham descuidadas, elas voltavam pra creche com as roupas que elas tinham ido na tarde anterior; então tomar banho, depois todas sentadinhas tomar colação, que era um suco ou uma frutinha, 10h30 almoço dos pequenos, berçário às 10h, minigrupo 10h30 e os grandes 11h. Então eles viviam esperando, esperar o banho, esperar o café, esperar o almoço e as pessoas que trabalhavam comigo eram pessoas assim, que não existe mais, da minha época elas cuidavam mesmo, só que daí eu notava que as crianças ficavam trocadas e era assim: “você já tomou banho, não vai se sujar mais”, então as crianças não podiam brincar no parquinho pra ir embora limpinha pra casa, e a empregada doméstica ela vinha, deixava as crianças, e num tempo que não existia fralda descartável, muitas vinham sujas, que a mãe já levantava da cama e já levava, tinha umas meia dúzias que vinham limpinhas, que tinha fralda de pano. As outras não tinham nem fralda de pano, a gente era obrigada a pôr o que tinha na criança - Darcy, junho/2022 - Apêndice D.*

Fica patente a importância da formação continuada de professores, e a professora Patrícia ainda ressalta a notabilidade do trabalho do professor na valorização da infância e da creche como espaço educativo.

*E não foi fácil da gente tirar o olhar, principalmente das famílias, das pessoas atendidas, da parte do cuidar especificamente. A creche, ela, por muito tempo, passou ainda sendo vista como um ambiente de cuidado, para a mãe que trabalha, tanto que a briga das famílias era ter creche para quem trabalha, e por muito tempo as vagas foram definidas assim, era prioridade para os pais que trabalham, porque não tinha vaga para todo mundo. Depois, com o passar do tempo, com um trabalho nosso enquanto professor, a gente foi conseguindo mostrar a importância do trabalho pedagógico na creche, a importância disso para o desenvolvimento infantil, desde pequeninhos, desde o berçário. Patrícia, novembro/2022 - Apêndice H.*

Na narrativa, Patrícia reforça a importância do trabalho pedagógico desde o berçário e um pouco da dificuldade de mostrar isso para as famílias. Maria Inês explica a necessidade de os professores entenderem o desenvolvimento infantil e as necessidades específicas de cada faixa-etária para a docência na creche.

*Naquele momento o que nós fizemos, o “Creche & Vida”, os professores faziam curso antes de assumir uma vaga creche, e eu quem oferecia esses cursos. Só depois de entender as fases de desenvolvimento, o que as crianças precisam, o que se entende por um espaço educativo... Não é transformar a creche em uma escolinha, não é isso, mas é oferecer para as crianças espaços ou ambientes em que elas possam estar construindo conhecimentos inerentes àquela fase, àquele momento que ela está vivendo. Não é ficar transformando creche em escola, creche não é escola e pré-escola. Creche é creche, e esse nome “creche” a gente tem que valorizar, tem que valorizar essa identidade da creche, creche não é pré-escola e não é escola. Então não vou transformar aquelas crianças em pequenos leitores, não é isso não. Mas é criar um ambiente favorável para que ela possa estar se construindo e construindo conhecimentos, interagindo com outras crianças e outros adultos, brincando... Ela brinca, brincadeira. - Maria Inês, agosto/2022 - Apêndice G.*

Mesmo que o projeto “Creche & Vida” defenda a creche e a educação infantil como direito das crianças e opção das famílias, é ainda muito forte o viés assistencial. Outro ponto a se destacar é a personalização na professora Maria Inês: fica claro no relato que as decisões pedagógicas e administrativas da creche passavam por ela, que também ministrava os cursos e formações para funcionários. A própria Maria Inês tem esse esclarecimento e entende que esse é um dos motivos da não continuidade do “Creche & Vida”.

*Agora há a possibilidade, com o tempo a gente foi amadurecendo, você pode preparar profissionais que estejam junto com o educador, então tem o professor e tem o auxiliar, para o professor não ficar sozinho tem o auxiliar de creche, mas que também tem que fazer curso preparatório para poder assumir a creche. Então o meu desejo era esse, que a gente tivesse curso preparatório para profissionais de creche. Nós até montamos um curso, eu tenho até curso montado, oferecemos para a prefeitura, mas não dá continuidade, porque como eu sou esposa de um outro prefeito, não é interessante dar continuidade, percebe? - Maria Inês, agosto/2022 - Apêndice G.*

Outros motivos, apontado pela Maria Inês para a descontinuidade do “Creche & Vida”, seriam o alto valor para o investimento, a alta demanda por vagas e a falta de interesse em investir na infância, já que os resultados são vistos apenas no futuro.

*O que acontece hoje, como a demanda é muito grande e nem sempre o número de creches foi crescendo de acordo com essa demanda, e as mães precisam trabalhar e precisam de creche, elas cobram muito da prefeitura as vagas em creche, quando não tem vaga elas acionam judicialmente a prefeitura para que ofereça essas vagas, e o prefeito tem que atender, e quando o prefeito atende, vai colocando criança na creche, e a creche vai ficando um depósito de crianças, porque não temos tantas creches pelo número de crianças. Parece-me, pelo que eu andei acompanhado, que no período de pandemia as mães preferiram até não levar as crianças nas creches, e essa demanda de vagas em creche teve um período de tranquilidade. Então uma preocupação muito grande que eu tenho é que a creche vire um depósito de crianças, porque muitas crianças você não consegue dar um*

*atendimento de qualidade, e com muitas crianças o custo de uma criança na creche, se você só colocar profissionais preparados e que tenham conhecimento em pedagogia, que tenham conhecimento de desenvolvimento infantil, de nutrição como a criança precisa, o custo de uma criança na creche fica cara, e o prefeito também não constrói o número de creches que se faz necessário, claro que ele depende de governo estadual, governo federal, mas é responsabilidade do município.*

*[...] Depósito de crianças não é o que a gente quer e não é o que as nossas crianças precisam, e se você investe, se o prefeito entende que o investimento em creche vai resultar em jovens mais equilibrados mais tarde, e pessoas mais preparadas, crianças que acompanhem depois um ensino de qualidade. Então você faz um investimento em creche, porque você está investindo nessas crianças que é o adulto de amanhã, o jovem de amanhã na cidade. Agora, é um investimento a longo prazo, você não colhe os frutos de imediato. E as mães, não todas, mas algumas, elas não querem saber se o atendimento é de qualidade, elas querem a vaga na creche. - Maria Inês, agosto/2022 - Apêndice G.*

Na edição do jornal *Cruzeiro do Sul* de 14 de novembro de 1992, é publicado um resumo do trabalho nas creches durante a vigência do projeto “Creche & Vida”.

Figura 11 - Creches foram pioneiras na educação



Fonte: Notícia do jornal *Cruzeiro do Sul*, 14 de novembro de 1992. Disponível em: <https://www.jornalcruzeiro.com.br/>. Acesso em: mar. 2022.

Aqui, destacam-se: a troca de funcionários, chamados "pajens", sem formação específica, por professores que planejavam semanalmente tanto atividades pedagógicas próprias para cada faixa etária quanto avaliação também semanal das propostas aplicadas; incumbência dos professores de escrever relatórios diários e individuais das crianças; e a estimulação das crianças a partir do construtivismo e sociointeracionismo. Além disso a reportagem afirma que essas mudanças derivam da passagem da creche para a Secretaria da Educação, o que foi requerido pela CF/88.

A Prefeitura de Sorocaba, em menos de um ano após a aprovação da CF/88, já dá início ao "Creche & Vida", o que nos permite compreender que esse projeto "Creche & Vida" foi estabelecido como uma política partidária, definida por entendimentos, estudos, percepções e compreensões de um grupo específico de pessoas. Ele ficou vinculado à então primeira-dama Maria Inês Pannunzio. Por isso, quando se iniciou um novo governo, os projetos foram interrompidos para que o novo prefeito pudesse assumir seus próprios

projetos. Lobo (2019), ao analisar as políticas educacionais, principalmente na formação das redes municipais, entende que

Porém, a construção de um sistema municipal de educação no Brasil e particularmente nos municípios do Estado do Rio de Janeiro é um processo complexo marcado por contradições históricas em que o partidarismo tem gerado descontinuidade nos projetos e ações políticas, as relações entre o público e o privado têm ampliado as desigualdades e favorecido as exclusões. (p. 67).

Ainda que esteja falando dos municípios do estado do Rio de Janeiro, percebemos que em Sorocaba a realidade é parecida. Em notícia do *Jornal Cruzeiro do Sul* em 17 de dezembro de 1993, com um novo governo na prefeitura, novamente é apresentado um projeto para creches, sem a participação popular, que gera inseguranças e aflições na população: dessa vez é a fusão entre as creches e as PEM-Sos e a criação de um novo cargo, de agentes infantis.

Figura 12 - Fusão das PEM-Sos e creches causa temor de demissões

## Fusão de Pem-Sos e creches causa o temor de demissões

As futuras mudanças dentro das Pem-Sos e das creches municipais no próximo ano está provocando polêmica entre professores, diretores e pais de alunos. Está gerando também insatisfação e medo em algumas pessoas que ainda desconhecem o projeto do secretário de Educação e Cultura, Arthur Fonseca Filho, com o apoio do prefeito Paulo Mendes. Logo após a divulgação das mudanças na área da educação, professores contratados, com medo de perderem seus empregos procuraram vereadores para combaterem as possíveis demissões que podem começar, dizem, na próxima semana, a partir de 30 de dezembro. Alguns professores chegaram a fazer abaixo-assinado, contendo o seguinte apelo: "Queremos que os alunos continuem a ter a qualidade de ensino, que Sorocaba já mostrou, digna de elogios. Não é hora de diminuir a qualidade de nosso ensino mas sim de aprimorar ainda mais o nosso ensino, pois não é autorizando um professor a lecionar em dois turnos que chegaremos ao nosso ideal. Através desse vimos solicitar se apenas o fato de saber que com sua 'brilhante' idéia está condenando ao desemprego dezenas de professoras, que não terão de imediato meios para subsistência, se a sensibilidade e a solidariedade fazem com que a administração municipal não revogue o seu projeto, teremos apenas mudança por mudança no nosso ensino..."

Essa foi uma das manifestações de alguns professores, intitulada "Professoras das Pem-Sos versus Secretário da Educação e Cultura" e com muitas considerações a respeito da situação do país e a ameaça de desemprego. O prefeito Paulo Mendes não descartou a possibilidade de "demissões" após o dia 30.



Mudança na creche gera polêmica

E, segundo ele, "a posição do professor Arthur é válida e tem todo o meu apoio, porque se trata de uma inovação dentro da Educação Municipal para manter qualidade e unidade".

### O novo assusta

Segundo a diretora da creche Santo Agostinho, no bairro Novo Mundo, Wanda Marins, "tudo o que é novo e está para acontecer chega a dar medo nas pessoas. Sabemos que perder o emprego nessa altura do ano, num país cheio de problemas sociais e econômicos é muito preocupante, mas temos que avaliar o que vai beneficiar a educação de modo geral e com certeza haverá uma saída para todos. Os professores que vão ser demitidos terão a oportunidade de serem contratados como agentes infantis ganhando o equivalente ao cargo que deixaram".

Já o professor Mauricio José Barisson comentou que "a nova proposta, se for para melhorar o ensino, é bem-vinda, claro. Mas se for para baixar o nível do ensino

municipal eu também não concordo. Acredito que as coisas devem melhorar". Mauricio ressaltou ainda que "é o segundo ano que trabalho em creche e quando comecei fui professor de mini-grupo tendo até que trocar fraldas dos pequenos. Aprendi e hoje cada criança para mim é como se fosse meu filho. Acho que a gente aprende tudo se for necessário e o papel do professor não atrapalha em nada, pelo contrário tem um respaldo pedagógico excelente". Viviane Robert Santos Duarte é professora contratada e está cursando o último ano de Faculdade. Disse que ainda não sabe definir o projeto: "Só vamos poder avaliar depois que começar a ser executado, mas acredito em melhorias. Só que prefiro ser professora eventual do que passar a ser uma agente infantil e esquecer o meu título de professora".

Silmara Cristina Rodrigues da Silva Noronha, diretora substituta da Pem-So I na Vila Hortência, explicou admitir mudanças "desde que sejam para melhorar o nível do ensino. O treinamento para as novas funcionárias que irão substituir as professoras nas creches e nas Pem-Sos é muito importante. Na Faculdade não aprendemos a cuidar de bebês como fazem as mães, mas saímos com noções de primeiros socorros, de higiene e de como tratar as crianças". Para a diretora da creche municipal, "Sueli Casoli Campos", do bairro Aparecidinha, Regina Célia Jorge Lauand "toda mudança incomoda, desde que seja testada, as pessoas ficam apreensivas. A proposta do secretário é muito boa. Se não der certo, ele é capaz de retroagir, porque é uma pessoa extremamente responsável, temos que passar por essa transição para sabermos o resultado".

## Projeto não está claro para os professores

O projeto, elaborado por uma equipe técnica da Secretaria Municipal de Educação e Cultura não está muito claro ainda para muitos professores e para a população. Ana Lúcia Pazini, supervisora das creches, resumiu o projeto baseando-se nos principais tópicos. Considerando que as creches municipais surgiram através da antiga Secretaria da Promoção Social, como objeto assistencial onde as crianças eram cuidadas recebendo tratamentos de higiene e alimentação, a evolução didática de cada uma delas foi acontecendo nos poucos até atingir a estrutura que têm hoje.

A preocupação com a prática pedagógica sempre esteve dentro da administração municipal, com a presença de professores dentro das unidades a fim de preparar e orientar as atividades pedagógicas a serem aplicadas pelas regentes maternas. Ana Lúcia explicou que "a presença do professor sempre esteve dentro dessas unidades". Com a nova Constituição Federal e a criação de um Estatuto da Criança e do Adolescente, "as cre-

ches passaram a fazer parte da Secretaria de Educação e Cultura. Assim surgiu as necessidades de reestruturação das mesmas, numa preocupação da Educação Municipal se tornar cada vez mais de qualidade, atendendo às necessidades básicas da criança fornecendo orientação pedagógica", explica Ana Lúcia Pazini.

Uma das mudanças que irá acontecer na área de educação infantil do município é que as crianças passam a ser atendidas pelas "agentes infantis", um novo cargo criado para todas as unidades. Essas novas profissionais passarão por um treinamento específico e atuarão em período integral contando com a presença de um professor para cada turma em períodos diferentes para desenvolvimento de atividades pedagógicas específicas para a faixa etária de 0 a 3 anos. Já as crianças de 4 a 6 anos pertencerão respectivamente as primeiras, segundas e terceiras fases com professores em dois períodos e receberão o mesmo atendimento do que nas unidades de Pem-Sos, sendo a única diferença

será o tempo de permanência na Pem-Sos e creches. Nas creches as agentes infantis permanecerá dez horas e nas Pem-Sos, quatro horas. Com isso, a Secretaria de Educação acredita que "será estabelecida uma forma única de estrutura e de atendimento às crianças na faixa de Pré-Escola de 3 a 6 anos e nas creches, com crianças de 0 a 3 anos.

### Agentes infantis

Essas novas contratadas estarão a partir de janeiro sendo substitutas das professoras às quais todos os anos são demitidas e muitas voltam a lecionar em fevereiro após uma avaliação de pontos. Para as agentes infantis, nos próximos dias sairá o edital da Secretaria de Educação e Cultura abrindo inscrições para concurso. Todas as inscritas passarão por um treinamento e por prova seletiva. E no próximo dia 23 de dezembro a Secretaria de Educação estará realizando atribuição para professores de Pem-Sos e de creches.



Vera, em seu depoimento, passou por essa situação de descontinuidade no governo seguinte e nos contou o seguinte:

*[...] eu comecei a trabalhar como supervisora até que fiz um trabalho bom, e aí eu propus de fazer um tipo de um curso pras agentes infantis que tinham passado no concurso, elas entraram sem saber direito o que elas iam fazer, então nós montamos um curso e preparamos durante dois anos [...]*

*[...] então nós fizemos dois anos trabalhando, quando elas estavam excelentes, o que aconteceu? Entrou o Amary de prefeito. O Amary entrou em dezembro e nós fizemos um documento desse curso que nós fizemos, e era dessa grossura (fazendo gesto) as dez primeiras folhas contava o que era o curso e o resto era assim, todas as dinâmicas que nós usamos, todas as músicas que a gente usou pra cada dinâmica, qual era o objetivo e tal, então, se você lesse as dez primeiras folhas, você sabia o que era aquilo, e deixamos lá para a próxima secretária [...]*

*[...] Eu estava na praia e minha filha ligou e falou: “mãe, ligaram da prefeitura e falaram que é pra você estar na sua escola”, como quem diz você não é mais supervisora, você é diretora, voltou a ser diretora, aí tudo bem. Voltei e falei pras agentes infantis que eu ia voltar, todas voltaram junto comigo, porque já em dezembro eu conversei com elas e falei: “eu vou tirar só 20 dias de férias”, porque eu tinha tirado só 20 mesmo e dez eu vendi, podia fazer isso, agora parece que não pode mais. Então eu fiquei 20 dias de férias e voltei, e elas voltaram junto comigo, nós pintamos todos os brinquedos, teve agente infantil que pintou o berçário, a parede do berçário, deixamos a creche perfeita, do jeitinho que a gente gostava, tudo em ordem, tudo bonito. Quando chega no dia 1 de fevereiro, eles demitem todas que iam ser efetivadas durante o mês de fevereiro, quando eles viram que tinha mais de 800 funcionários para ser efetivado, dispensaram sem perguntar quem eram e o que faziam, então foi serviçal, tudo. Então fiquei na creche, eu e as professoras, todas as minhas agentes eu perdi, então eu lembro que eu falava assim: “não acredito”. Eu chorei de agonia de pensar “o que nós vamos fazer?” - Vera, maio/2022 - Apêndice C.*

Vera ainda pontua que a frustração com essas descontinuidades foi impulsionadora para que pedisse a aposentadoria da rede municipal.

Os depoimentos trazem diversos temas relevantes para uma educação infantil de qualidade na etapa creche. Para esta dissertação, selecionamos os seguintes assuntos que merecem destaque na análise proposta: formação de professores, tratando também da questão orçamentária; o conceito de creche como espaço educativo, considerando as dimensões do educar e cuidar e da infraestrutura; o trabalho pedagógico na creche considerando o respeito à infância com a criança como sujeito de direitos e produtora de cultura; as interações e as brincadeiras; a organização do tempo e espaço; e o papel do professor na creche. Esses são temas que se repetem nas entrevistas, que dialogam com os objetivos da pesquisa e que podem ser considerados como permanências<sup>16</sup> e avanços do atendimento à infância na cidade

<sup>16</sup> Utilizamos o termo permanência por entender que são conquistas da categoria de profissionais da educação que o projeto “Creche & Vida” também defendeu.

propostos pelo projeto “Creche & Vida”. Entendendo ainda que não é possível tratar de todos os assuntos possíveis relatados pelas entrevistadas nem esgotar a discussão daqueles que foram escolhidos, a intenção é provocar questionamentos, entendimentos e concepções, compreendendo que a educação é algo vivo. Falar de qualidade na creche implica implicitamente discutir valores da sociedade, visões de mundo e de infância, bem como os objetivos da educação.

## 5.2 Formação dos professores e o projeto “Creche & Vida”

*Então ali ela explicou como era o dia a dia na creche, tinha um livrinho chamado “Creche & Vida”, que tinha hora do banho, hora de comer, então tinha ainda um olhar bastante forte para o cuidar, porém, inserindo o trabalho pedagógico do professor nesse contexto do cuidar.- Patrícia, novembro/2022 - Apêndice H.*

*[...] eles escreviam como tinha sido aquela semana, relatavam as facilidades e as dificuldades, na nossa reunião nós conversamos sobre essas facilidades e essas dificuldades, e tentávamos encaminhar de uma forma mais correta possível aquelas atitudes, aqueles comportamentos, aquelas dificuldades que elas tinham. - Maria Inês, agosto/2022 - Apêndice G.*

Patrícia conta que as orientações das rotinas e atividades diárias na creche eram feitas através desse material, produzido exclusivamente para o projeto “Creche & Vida”, e que a partir dessas orientações, o trabalho pedagógico ia tomando forma, assim como o cuidar assistencialista ia se transformando em outro cuidar, com viés profissional e pedagógico. Já Maria Inês refere-se à formação em serviço, ou seja, ao tempo que as professoras se dedicavam a escrever, relatar, trocar e refletir sobre suas práticas.

Nos relatos percebemos a influência desses cursos de formação na constituição do “ser professora” das entrevistadas. O projeto “Creche & Vida” previa que todas as atividades e interações com crianças tivessem intenção pedagógica, significando uma nova forma de ser professor. Rosa (2020, p. 59) pondera sobre a formação docente continuada, entendendo-a como momento de reflexão e troca, similar ao que Maria Inês nos conta sobre as reuniões semanais do “Creche & Vida”, anos antes.

Em relação a formação continuada é importante que esta aconteça a partir de questões da própria prática docente, constituindo temas que realmente sejam significativos para as/os professoras(es) e os ajudem no desenvolvimento dos seus conhecimentos e práticas, com base em reflexões necessárias à educação infantil. (p. 59).

Sewaybricker (2021) ao analisar a relação entre teoria e prática, considerando que a formação do professor nunca está acabada, mas que deve ser um movimento constante durante a profissão, pontua que

É nesse ponto que se relaciona também o aspecto da formação continuada que deve estar sempre presente, transcendendo o Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo (HTPC) e estimulando o trabalho de equipe entre docentes, de modo que uns aprendam e compartilhem com os outros. É urgente que se cultive uma “casa comum” nas escolas, de um jeito em que professores não se isolem em suas salas cada qual com suas práticas e concepções, mas troquem entre si, impulsionando uns aos outros a serem melhores, deixando para fora o egoísmo e a competitividade. Cada membro dessa rede tem conhecimentos com os quais contribuirão e isso precisa ser valorizado. (p. 69).

Podemos considerar a formação de professores como o tema de maior relevância para um atendimento de qualidade: é com ela, seja inicial, seja continuada, que alinhamos as práticas pedagógicas, o entendimento sobre infância e criança e a relação do educar e cuidar na creche. A formação continuada dos profissionais da creche permite que eles se mantenham atualizados e as legislações sejam conhecidas e respeitadas. Lobo (2019) defende que, conhecendo as leis da educação, o professor pode participar ativa e criticamente da criação de políticas públicas e de valorização profissional.

Além de promover novas leituras no campo da sua formação, isso, certamente, insere os professores, num debate que inclui duas perspectivas: a sua atuação política no cotidiano escolar e o sentido de cidadania. Nesse processo, ocorre uma conscientização de seus direitos, de sua identidade profissional e de sua função na sociedade. (p. 51).

As formações continuadas são momentos em que as professoras e a gestão escolar podem debater e discutir acerca do “trabalho desenvolvido por eles junto às crianças e, simultaneamente, ir buscando os aportes teóricos que possam ajudar a ir desfazendo os nós, desafiando-os a se lançarem numa outra ação que responda a seus interesses e necessidades” (FERNANDES, 2000, p. 77).

Nos relatos é possível perceber que o projeto “Creche & Vida” propunha esse acompanhamento e suporte tanto para a gestão quanto para o professor atuante em sala de aula além disso permitia que as professoras compartilhassem seu cotidiano com as crianças e que o atendimento das creches tivesse uma identidade enquanto rede municipal de ensino. Fernandes (2000, p. 18), ao analisar a formação em serviço com grupo de estudos proporcionado pela rede municipal de Florianópolis concluiu que

A inclusão dos olhares dos professores implica permitir que eles expressem o que esperam da sua formação, que práticas os fazem voltar-se para o seu trabalho, os fazem refletir sistematicamente sobre as suas experiências. Ou seja, os olhares dos professores poderão estar sinalizando quais práticas de formação efetivamente vão incorporar às suas práticas pedagógicas o conhecimento teórico já produzido, no sentido de questioná-las, reinterpretá-las e, se possível, revolucioná-las. (p. 18).

Esse espaço de reflexão e a identidade de rede de ensino propostos pelo projeto “Creche & Vida” são de extrema importância para a história da educação infantil na cidade, uma vez que não há legislações específicas sobre a formação continuada dos profissionais da infância e esse atendimento é de responsabilidade do município. Lobo (2019) explica que:

Não é exagero afirmar, que é visível o pouco prestígio do tema da formação do educador infantil no texto constitucional na medida em que constatamos na lei ainda uma visão de educação infantil preparatória para o ensino fundamental. Mantendo a ausência da discussão de um perfil de profissional específico para atender a necessidade da educação infantil. Necessitamos na verdade de textos legais que apontem diretrizes mais objetivas e decisivas em relação ao campo da formação docente na educação infantil, legitimando a necessidade da valorização desses professores. (p. 70).

Em relação à formação dos professores, podemos constatar que o projeto “Creche & Vida” trouxe avanços na cidade de Sorocaba ao colocar o professor na creche com horário remunerado para estudo e estabelecer a troca de práticas pedagógicas; todavia, ainda é preciso progredir nesse aspecto, principalmente no que diz respeito à legislação para formação inicial e em serviço. Jochi (2018) clama que

[...] torna-se necessário um investimento maior na área da formação acadêmica, por parte do poder público, inclusive com incentivos e flexibilidade de horário para que o docente possa buscar aprimorar e ampliar seus conhecimentos sobre a primeiríssima infância. (p. 34)

Nas creches de hoje as professoras cumprem o Horário de Trabalho Pedagógico (HTP) (14 horas-aulas de 45 minutos) destinado, segundo a Lei nº 4.599, à participação de reuniões pedagógicas e, ainda, preparação de aulas, correção de trabalhos e provas, pesquisas e atendimento a pais e alunos. Esse momento também pode ser dedicado a estudos, reflexões e partilhas. Já as auxiliares de educação têm, em sua jornada de trabalho, duas horas de formação, também dedicadas a estudos, reflexões e partilhas; tais momentos podem ser considerados permanências do projeto “Creche & Vida”. Porém, as creches têm autonomia para determinar o que deve ser feito e estudado nestes momentos. Mesmo respeitando as diretrizes para a educação infantil e o marco referencial da cidade, essas formações ainda carecem de identidade e de outros momentos de formação fora da escola, além do encontro entre diferentes escolas, cursos livres de longa e curta duração e mais incentivo a cursos de pós-graduação. Kramer (1999) discorre sobre a qualidade na educação infantil, pontuando como principal a formação docente.

Mas, a fim de que a educação infantil de qualidade seja de fato direito de todos coloca-se como desafio urgente, a formação profissional de todos os professores: formação como direito à educação, de todos (crianças, jovens, adultos e dentre eles os professores); formação nas áreas básicas do conhecimento (língua, matemática, ciências naturais e ciências sociais); e formação cultural, com oportunidade de se discutir valores, preconceitos, experiências e a própria história. Formação entendida

como qualificação, na melhoria da qualidade do trabalho pedagógico, e de profissionalização, garantindo avanço na escolaridade, carreira e salário. Formação que implica em constituir identidades, ponto crucial frente à crescente evasão de professores. Formação que – seja continuada (com novas propostas pedagógicas), seja inicial (em escolas de formação de magistério e na universidade) - garanta espaço para a pluralidade e para que professores narrem suas experiências, reflitam sobre práticas e trajetórias vividas, compreendam a sua própria história, redimensionem o passado e o presente, ampliem seu saber e seu saber fazer. Formação permanente exercida com condições dignas de vida e de trabalho e concebida no interior de uma política cultural sólida e consistente. (p. 3-4)

Reverenciar a formação dos professores e profissionais da creche também significa cessar a ideia de que, para trabalhar com crianças, basta apenas ser mulher e/ou mãe e gostar. É preciso, sim, ter cuidado e afeto, diferente daquele que é dado pela família, afinal a educação infantil é um lugar de educar/cuidar; por isso, é necessário conhecimento, estudo, didática e profissionalismo.

O exercício de reflexão da prática deve ser constante, assim como a partilha do que deu certo e do que não foi como o esperado. Além disso, todos os professores, independente do segmento, devem manter-se atualizados em relação a movimentos pedagógicos e legislação. Ao oferecer uma atividade com intenção pedagógica e objetivos claros, a avaliação dela e do desenvolvimento e aprendizagem da criança acontece de forma mais clara, é a formação docente continuada que dá subsídios para que o professor desenvolva sua prática nesses termos.

### 5.2.1 Políticas públicas e o projeto “Creche & Vida”

*[...] em 92 teve eleição, e daí o Pannunzio saiu de prefeito, daí quando o Paulo Mendes, entrou... Eu digo que ele ganhou por causa da musiquinha “Volta Paulo Mendes” (cantarolando), porque todas as crianças cantavam a musiquinha, eles fizeram propaganda. Porque quando ele entrou, aí já começou um movimento, e ele já começou a mudar, assim, quem ele pôs lá na Secretaria da Educação, já não lembro mais, eu sei que mudou e tirou professora do berçário e do minigrupo [...] - Vera, maio/2022 – Apêndice C.*

O projeto “Creche & Vida” nos permite uma importante reflexão em relação às políticas públicas e à participação popular. Seu início é marcado pela promulgação de uma legislação federal (CF/88), por isso é imprescindível abarcar esse tema na pesquisa; além disso, a questão política está presente em todos os depoimentos, mesmo que de forma implícita. Foram as políticas públicas que viabilizaram o funcionamento do projeto “Creche & Vida”.

Vale distinguir política pública de projeto de governo. A primeira consiste em ações governamentais que surgem para o enfrentamento de algum problema da sociedade, havendo discussão pública e legislação para sua efetivação. O segundo, por sua vez, é apresentado pelo governo vigente, e não há legislação garantindo a sua continuidade.

Vimos anteriormente que a mudança do atendimento — das mães crecheiras para as creches institucionais — gerou certo desconforto entre profissionais da educação e população geral, visto que não houve participação popular, caracterizando-se com uma política partidária. Ademais, o projeto “Creche & Vida” se personificou na pessoa da Maria Inês e, conseqüentemente, no prefeito Antonio Pannunzio. Tais fatores, somados ao alto investimento em construção de creches e contratação de professores, como nos contou a professora Maria Inês, favoreceram a interrupção do projeto “Creche & Vida”.

Fernandes (2000, p. 88), ao se deparar com a descontinuidade da formação em serviço por grupos de estudo, entende que “no padrão ‘zigzagueante’, em razão de projetos políticos personalistas, as decisões, em geral, são tomadas pelos técnicos das secretarias de educação, desconsiderando os saberes dos professores”, ou seja, nas trocas de governos, são substituídos os técnicos responsáveis por determinado setor, o que desconsidera aquilo que já foi feito para se iniciar um novo projeto do governo vigente. Vale ressaltar que o secretário de Educação é um cargo nomeado pelo prefeito, “de confiança”, sendo considerado um cargo político administrativo.

Vera nos relatou seu desencanto ao ver projetos sendo descartados, sem nem ao menos serem lidos, quando foi chamada por funcionários da SEDU.

*[...] aí ela me chamou lá na Secretaria, eu fui, falei “diga”, aí ela falou assim “não, eu queria que você trabalhasse junto comigo, queria que você me ajudasse achar um jeito de poder abrir a creche,” aí eu falei “e por que vocês mandaram embora quem estava prontinho pra trabalhar na creche?”. Falei “por que você não me chamou antes? Por que não chamou em dezembro? Você não leu o documento que nós deixamos?”. “Ai, Vera, vocês deixaram um documento dessa grossura” (fazendo gesto). Eu falei “mas você nem abriu, se você abrisse você ia ver que era só algumas páginas contando o que era o curso, as outras páginas era tudo exemplo. Tinha letra de música, tinha, assim, explicando a dinâmica”. Falei “foi um absurdo o que vocês fizeram e agora você quer que eu diga como que vai abrir a creche? Eu quero saber: como que vai abrir a creche?” Ela falou assim: “não, mas você vai vir aqui todos os dias e nós vamos pensar, vamos formar um grupo e vamos pensar juntos não sei o quê, blá, blá, blá...”. - Vera, maio/2022 – Apêndice C.*

Spink e Clemente (2001) traduzem muito bem essa rotatividade de governo no Brasil,

A troca de governo, ou de gestor, é vista como um momento em que naturalmente tudo vai mudar, e atividades e programas serão rompidos, independentemente de política pública, partido ou sua efetividade anterior. Nas entrelinhas desse uso da expressão, o pressuposto é que o novo é novo e o anterior é passado; para o novo se estabelecer é necessário ignorar o anterior; o passado já passou. Conseqüentemente, o novo se concebe virando a página para começar com uma página em branco; os demais esperam para ver as novas direções – aceitando a autoridade máxima do novo mandatário. (p. 13).

E complementam:

[...] descontinuidade administrativa se apresenta na fala cotidiana dos servidores, técnicos, assessores e representantes de comunidades e outros atores sociais para se referir à quase certeza de que uma mudança de governo, uma mudança de secretário ou até de coordenador ou gestor, vai gerar um rompimento em atividades existentes. Parece não importar se às vezes a descontinuidade acontece por azar ou até pela redistribuição de prioridades, o resultado é o mesmo e, na sua expectativa, os últimos seis meses de um governo e os primeiros seis meses do próximo são gastos esperando para ver quais serão as mudanças e quando acontecerão. (p. 13).

Fica evidente a importância de alguns projetos serem apresentados como política pública, como forma de garantir a sua continuidade, e de discutir com a população esses projetos, seu funcionamento, seus objetivos e seu valor para a sociedade. Essa discussão e outras formas que sustentam a continuidade dos projetos podem manter ou aumentar os investimentos.

### 5.2.2 Investimento e o projeto “Creche & Vida”

*A gente começou a imaginar o Vale-Creche, tivemos reunião com algumas indústrias, porque, inclusive, a creche passou a ser obrigatória nas indústrias com mais de 100, 50 funcionárias, não me lembro. E a gente colocou a questão da própria empresa fazer um Vale- Creche, e ter crianças além das crianças dos seus funcionários, ter as crianças ao redor. Ai as coisas vão surgindo em cima daquela ideia inicial vão surgindo outras ideias. - Célia, agosto/2022 - Apêndice F.*

Em relação aos investimentos e recursos destinados ao projeto “Creche & Vida”, podemos destacar três pontos nos relatos: os convênios, os recursos públicos e a demanda por vagas. Primeiramente, a ideia do Vale-Creche e de convênios com instituições privadas, na explicação de Célia, significava que as empresas viabilizariam creches para seus funcionários, construindo-as e, depois, ofertando as vagas remanescentes para o restante da população, porém a organização, o quadro de funcionários e o funcionamento das creches estariam sob responsabilidade da Prefeitura. Segundo o jornal *Cruzeiro do Sul* em reportagem de março de 2019<sup>17</sup>, o custo de uma criança em uma creche de gestão compartilhada (conveniada com uma instituição privada) é 57,83% menor do que o gasto mensal por aluno na gestão municipal.

A procura por convênios e gestão compartilhada pode se justificar pela falta de recursos destinados a essa etapa da educação. Kramer (1999) sinaliza que

[...] hoje não há previsão orçamentária ou dotação de recursos financeiros específicos para a educação infantil. E recursos são cruciais, de modo a que não

<sup>17</sup> Jornal Cruzeiro do Sul, 09 de março de 2019. Disponível em <https://www.jornalcruzeiro.com.br/sorocaba/novas-creches-com-gestao-compartilhada-sao-abertas-em-sorocaba/>. Acesso em: mar. 2022.

tenhamos apenas uma conquista formal. Se as crianças são cidadãs e a educação infantil é seu direito, não destinar recursos é abrir mão de concretizá-lo. (p. 4).

A creche, apesar de ser a primeira etapa da educação básica, de responsabilidade do município e direito das crianças, não é obrigatória, o que faz com que os recursos destinados à educação, como o Fundeb<sup>18</sup>, sejam repassados para outras etapas da educação básica, como a pré-escola e o ensino fundamental. Faria (2005) reverbera acerca desse financiamento na educação:

O esforço de criar o espaço institucional da educação infantil já surge polemizando com as propostas governamentais do tipo “mãe crecheira”, sofrendo a resistência de segmentos da área da educação, temerosos de que, sem verba própria, a educação infantil fosse utilizar recursos comprometidos para o acesso e a permanência das crianças na escola obrigatória. No entanto, a discussão sobre a educação infantil nas políticas públicas foi muito fecunda e nesse processo seu locus começaria a ser definido como sendo a Secretaria de Educação da esfera municipal. (p. 1.024).

Entretanto, é preciso considerar que a estratégia de convênios deveria ser uma opção transitória, até que o município consiga oferecer todas as vagas necessárias à população. Na pesquisa de Nascimento e Silva (2015) sobre as creches conveniadas em São Paulo, verificou-se que o valor mais baixo do custo do aluno está diretamente relacionado ao menor salário e à carga horária maior dos professores dessas creches, de modo que essa desvalorização profissional pode gerar consequências para a qualidade do atendimento.

*Os outros prefeitos não deram continuidade em termos de construção de creches, nesse mesmo atendimento, queriam até voltar com as mães crecheiras, e esse de agora já até falou de mães crecheiras. Não é mãe crecheira que a gente precisa, é de educadores. - Maria Inês, agosto/2022 - Apêndice G.*

*Aí depois começaram a vir as matrículas na creche por ordem judicial, os pais tiveram conhecimento da lei, que é para todos, e começaram vir as matrículas assim, e não precisou mais ter essa condição de os pais terem que trabalhar para pôr as crianças na creche. - Patricia, novembro/2022 - Apêndice H.*

Outro aspecto que justifica a procura dos convênios são a alta demanda por vagas e a sua judicialização, como discorreu Amaro (2018):

A lista de inscritos pelas vagas é muito grande, sendo a espera muito longa e algumas crianças nem chegam a ser atendidas. Assim, a ação judicial acaba sendo

<sup>18</sup> O Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb) é um fundo especial, de natureza contábil e de âmbito estadual (um total de 27 fundos), composto por recursos provenientes de impostos e das transferências dos estados, Distrito Federal e municípios vinculados à educação, conforme disposto nos arts. 212 e 212-A da Constituição Federal. O Fundeb foi instituído como instrumento permanente de financiamento da educação pública por meio da Emenda Constitucional nº 108, de 27 de agosto de 2020, e encontra-se regulamentado pela Lei nº 14.113, de 25 de dezembro de 2020. Disponível em: <https://www.fnde.gov.br>. Acesso em: mar. 2022.



um meio para a família conquistar a inserção da criança na educação infantil, ainda que não haja a vaga disponível. Esse é um fenômeno observado em muitas cidades devido ao aumento da demanda por creches e a falta da oferta de vagas para atender a todos. A judicialização, além do atendimento a um direito subjetivo da criança, torna-se uma forma de pressão ao poder executivo para a ampliação dessa oferta por meio de políticas públicas e investimentos em educação infantil. (p. 88).

Vale o esclarecimento de que a judicialização é a forma de garantir que o direito da criança seja cumprido quando ele não é atendido por vias normais. Ainda que esse aumento de matrículas nas creches em virtude da insuficiência de vagas gere a superlotação das salas de aulas (JOCHI, 2018), o que acontece é que a judicialização apenas garante o acesso à vaga, mas não a qualidade desse atendimento.

Observamos que atualmente o judiciário tem tratado da questão do acesso da criança na creche apenas pelo viés da vaga em si, desconsiderando de certo modo as condições que impactam diretamente esse atendimento, uma vez que a matrícula da criança não corresponde diretamente a maior quantidade de profissionais para seu atendimento, materiais, prediais, de formação profissional do professor, ou seja, o tratamento dado é apenas no sentido de diminuir a demanda de crianças fora da escola, não o contexto do atendimento a essa criança dentro da creche. (JOCHI, 2018, p. 65-66).

Determina-se que a escola matricule a criança, porém sem considerar o número de funcionários da creche, o espaço físico e os materiais disponíveis. É preciso ter em mente que o atendimento de bebês e crianças pequenas demanda toda uma estrutura física e humana. O Parecer CNE/CEB nº 20/2009 estabelece que o número de crianças por professor deve possibilitar atenção, responsabilidade e interação com as crianças e suas famílias. Para isso, seria indispensável que a matrícula da criança estivesse associada à manutenção do espaço físico, à contratação de funcionários e à compra de materiais necessários para o atendimento. Essa estabilidade na qualidade do atendimento está vinculada ao sustento da creche como espaço educativo, tema que vamos aprofundar no próximo tópico.

### 5.3 Creche como um espaço educativo e o projeto “Creche & Vida”

*[...] é oferecer para as crianças espaços ou ambientes em que elas possam estar construindo conhecimentos inerentes àquela fase, àquele momento que ela está vivendo. Não é ficar transformando creche em escola, creche não é escola e pré-escola. Creche é creche, e esse nome “creche” a gente tem que valorizar, tem que valorizar essa identidade da creche, creche não é pré-escola e não é escola. Então não vou transformar aquelas crianças em pequenos leitores, não é isso não. Mas é criar um ambiente favorável para que ela possa estar se construindo e construindo conhecimentos, interagindo com outras crianças e outros adultos, brincando... Ela brinca, brincadeira.*

*[...]falar em creche é creche educativa com qualidade, e não é escola, não é transformar creche em escola, é entender o desenvolvimento infantil e o que as crianças precisam, é oferecer esse ambiente saudável para que elas cresçam, interagindo, brincando,*

*curiosas e querendo conhecer e tendo alguém ali com elas que possam estimulá-las favoravelmente. Que seja uma fase infantil saudável. - Maria Inês, agosto/2022.*

A creche como espaço educativo inicia-se no momento em que ela passa a ser situada na Secretaria da Educação; porém, além da legislação, também é necessária formação dos profissionais, espaços e materiais adequados e suficientes, atividades e propostas com intenções pedagógicas, valorização da infância e um enaltecimento do trabalho pedagógico com bebês e crianças pequenas pela sociedade, ações que devem estar associadas a políticas públicas.

É preciso tomar cuidado para, como alerta a professora Maria Inês, não transformar a creche em escola, no sentido de não inserir nelas elementos como: carteiras enfileiradas; presença de atividades em sulfite ou atividades impressas que limitam a criatividade; muito tempo em sala de aula e ausência de interações com outros grupos; e principalmente o caráter conteudista muito comum no ensino fundamental e médio. Deve-se preparar o dia de forma lúdica e possibilitar diferentes experiências para construção de conhecimentos. Como proferiu Kramer (2018),

estar com os bebês e ser professora de crianças pequenas exige outra formação. Uma formação que considere também a experiência lúdica de aprender como selecionar e contar histórias, como conhecer e vocalizar poemas, cantar, dançar, pintar, desenhar e também refletir sobre como se convida um bebê a segurar sua própria colher para comer com independência. (p. 88).

Estabelecer a creche como espaço educativo é o que motiva a criação do “Creche & Vida”, por isso percebemos, inclusive nas entrevistas, que as formações e demais ações do projeto “Creche & Vida” estão voltadas para a criação desse cunho educativo. A creche deve ser, como exemplifica Prado (1999),

[...] espaço de vida, a creche deve proporcionar espaços para brincar, em que adultos e crianças possam vivenciar, experimentar, sentir, conhecer, explorar toda a riqueza que esta atividade encerra, entre fantasias e histórias, danças, músicas, transgressões, imprevistos, sociabilidades, invenções, convites à brincadeira e outras manifestações e expressões culturais de crianças pequenininhas. (p. 115).

Ser professor de creche é pensar e planejar as propostas pedagógicas e rotinas considerando a criança como um todo, em todas as suas dimensões e especificidades.

### **5.3.1 Educar e cuidar e o projeto “Creche & Vida”**

*Quando a Maria Inês chegou, a coisa foi crescendo e foi aparecendo outro tipo de cuidar de criança além de ser assistencial [...] - Darcy, junho/2022 - Apêndice D.*

Cuidar na creche é obrigatório, afinal educar e cuidar são indissociáveis. O cuidado na creche deve ser entendido como “prática que envolve atenção à individualidade, às necessidades emocionais, incluindo respeito ao ritmo de desenvolvimento e aprendizagem das crianças, bem como às suas diferenças” (SALOMÃO, 2009, p. 22).

As DCNEI, em seu artigo 8º, § 1º, inciso I, afirmam que as propostas pedagógicas devem “prever condições para o trabalho coletivo e para a organização de materiais, espaços e tempos que assegurem: I - a educação em sua integralidade, entendendo o cuidado como algo indissociável ao processo educativo”. Assim, podemos entender o cuidar de bebês e crianças na creche, como disse Darcy: “*outro tipo de cuidar*” diferente daquele assistencial e, como pontua Faria (2005, p. 1025), cuidar e educar são tanto direitos da criança quanto objetivos da educação. Nesse sentido, cuidar e educar na creche designam ao professor o encargo de garantir que os bebês e crianças pequenas estejam limpos, descansados, bem alimentados e seguros, para que assim possam explorar, interagir e construir suas relações e conhecimentos.

### **5.3.2 Estrutura física e materiais adequados**

O trabalho do professor na creche consiste em proporcionar momentos e experiências em que os bebês e as crianças pequenas possam tocar, testar, criar, conhecer, degustar e vivenciar diferentes objetos, texturas e ambientes, de forma que é favorecida a autonomia e a interação entre as crianças da mesma idade e de idade diferentes. Para isso, elas precisam de espaço e materiais adequados, além de estar livres e seguras, como salientam Trezzi e Rosa (2020).

Além do espaço físico favorecer a autonomia dos bebês, o professor deve atuar de forma favorável a essa autonomia, deixando-os livres para as descobertas do dia-a-dia, com os objetos expostos ao alcance deles - sempre com a supervisão do educador. É principalmente importante que o professor atue com muito cuidado e carinho em qualquer situação, criando vínculo com as crianças e transmitindo a elas confiança e segurança para permitir um processo de aprendizagem que favoreça a eles um desenvolvimento pleno. (p. 177).

Por sua vez, para que o professor possa oferecer e oportunizar tais momentos de aprendizagem, é essencial que o espaço físico esteja de acordo com as necessidades dos bebês e crianças pequenas. Por exemplo, é necessário que ao bebê seja oferecido um ambiente seguro para aprender a ficar em pé e caminhar, com lugares fixos para poder se apoiar; é necessário que os banheiros sejam adequados para as crianças pequenas que estão no momento de desfralde; é preciso que os utensílios sejam adequados para as crianças aprenderem a comer sozinhas, com mesas e cadeiras do seu tamanho e seguras; as tomadas

devem estar tampadas e fora do alcance das crianças, assim como os materiais de limpeza, os alimentos e o gás da cozinha deve ser armazenados de forma segura. É preciso, ainda, que a creche ofereça espaços amplos para exploração, seja arejada e tenha janelas que permitam que as crianças percebam o que está à sua volta. Tudo isso são parâmetros de qualidade assumidos pela rede municipal de Sorocaba e estão descritos na avaliação institucional utilizada pela SEDU, que está prevista no calendário escolar e é realizada por cada escola no final do ano letivo, gerando um relatório para análise dos dados e com descrição de ações adotadas pela SEDU para atingir a qualidade definida. O relatório da avaliação de 2021, a partir da reflexão dos professores da educação infantil, entende o seguinte:

É fato que a infraestrutura é fator importante ao se falar em qualidade da educação, pois permeiam questões de pessoal, materiais e estrutura física que individualmente ou associados, impactam na organização dos tempos, espaços e materialidades dos processos de ensino e aprendizagem, além de impactar nas questões da saúde física e emocional de profissionais e estudantes. (SOROCABA, 2021, p. 151).

Ainda há diversos caminhos e desafios a serem percorridos a fim de se criar uma creche educativa e com atendimento de qualidade, que assegure o direito das crianças e permita a todas acesso e permanência. Para alcançar esse objetivo e romper com a visão de creche assistencialista, é primordial a inclusão da creche na educação e como primeira etapa da educação básica, assim como sua determinação como direito de todas as crianças e responsabilidade do Estado pela CF/88, pela LDB/96 e pelo ECA/90, além da formação e do respeito aos profissionais, além disso é necessário que, o que foi determinado em lei, se coloque em prática em todo o território nacional, e que haja vagas públicas para todas crianças.

Outro importante ponto é o que trataremos a seguir: a valorização da criança e da infância.

#### **5.4 Trabalho pedagógico e o projeto “Creche & Vida”**

*Então foi um projeto, eu diria para você, ideal. Tudo que nós aprendemos com os cursos, com os livros que lemos, com tudo de pedagogia que sabíamos naquele momento, nós tentamos colocar nas nossas creches [...]. - Maria Inês, agosto/2022 - Apêndice G.*

Maria Inês comunica um importante aspecto das formações do projeto “Creche & Vida”: as ações pedagógicas e as mudanças no atendimento propostas têm como referência aquilo que se estudava sobre infância e formação docente, ou seja, foi apresentada para as professoras e para os profissionais da creche a teoria da ação docente em creche, concebendo

algumas práticas que ainda são atuais. O trabalho pedagógico na creche diz respeito não só à atividade planejada e oferecida à criança pelo professor, mas a toda a vivência da creche; significa alinhar a teoria e a prática, conhecer sobre infância e desenvolvimento humano, conhecer e reconhecer as crianças e suas necessidades e especificidades. Ou seja,

a ação pedagógica centra-se nas variáveis tempo, espaço, organização do coletivo, materialidades e experiências. A partir delas são elaboradas as propostas para as ações cotidianas como: chegadas e saídas, espaços de brincadeira, uso ou não de uniforme, horários de alimentação e organização da higiene corporal, verificando seus significados nos contextos sociais e realizando, então, sua reapropriação como prática cultural e educativa em ambientes de vida coletiva. (BARBOSA; RICHTER, 2013, p. 86).

Não é possível tratar da ação pedagógica na creche sem compreender a criança como sujeito de direitos e produtora de cultura.

#### 5.4.1 Respeito à infância e à criança

*Porque teve uma época na rede que a gente se deparou com uma tentativa de escolarização na educação infantil, mais ou menos na época que o pessoal começou a trabalhar o construtivismo, teve um pessoal que perdeu um pouco o rumo de como trabalhar... 8 ou 80, entendeu? E eu sempre procurei trabalhar isso, na construção do conhecimento através do lúdico, através do brincar, do concreto mesmo. Até eu me aposentar eu procurei fazer isso, porque eu acredito que é desta forma que a criança aprende melhor, e é dessa forma que para nós professores o retorno para você avaliar se está atingindo o objetivo é muito mais claro, você vê acontecer. - Patrícia, novembro/2022 - Apêndice H.*

O respeito à infância deve ser princípio de toda e qualquer instituição de educação, que deve considerar que

as crianças são seres sociais, têm uma história, pertencem a uma classe social, estabelecem relações segundo seu contexto de origem, têm uma linguagem, ocupam um espaço geográfico e são valorizadas de acordo com os padrões do seu contexto familiar e com a sua própria inserção nesse contexto. Elas são pessoas, enraizadas num todo social que as envolve e que nelas imprime padrões de autoridade, linguagem, costumes. Essa visão de quem são as crianças - cidadãos de pouca idade, sujeitos sociais e históricos, criadores de cultura - é condição para que se atue no sentido de favorecer seu crescimento e constituição, buscando alternativas para a educação infantil que reconhecem o saber das crianças (adquirido no seu meio sócio-cultural de origem) e oferecem atividades significativas, onde adultos e crianças têm experiências culturais diversas, em diferentes espaços de socialização. (KRAMER, 1999, p. 2).

Considerar a criança sujeito de direitos e produtora de cultura não significa desconsiderar a fragilidade da infância, mas é preciso entender que as crianças podem, ao mesmo tempo, receber cuidados e serem autônomas e independentes.

Em nosso país as imagens sociais sobre crianças pequeninas ou bebês são, basicamente, aquelas da fragilidade, da incapacidade, da graciosidade – sobre elas

recai, basicamente, o discurso da proteção. Porém, além da evidente proteção e cuidado, olhares atentos e palavras, os bebês e crianças pequeninhas precisam, também, receber o olhar do direito à participação, ao protagonismo tão presente na convenção dos direitos das crianças, para que novas imagens de bebês e crianças pequenas possam emergir. (BARBOSA; RICHTER, 2013, p. 83).

Lembramos que a LDB/96 institui como finalidade da educação infantil “o desenvolvimento integral da criança até seis anos de idade, em seus aspectos físico, psicológico, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade”. (BRASIL, 1996, on-line.) Nesse contexto, o respeito à infância significa dar voz e vez a bebês e crianças pequenas, considerando suas necessidades físicas, biológicas e emocionais inclusive na hora do sono, na hora de oferecer as refeições, ao falar com elas e ouvi-las. Deve-se associar o educar e o cuidar de uma pessoa, de pouca idade, com desejos, vontades, experiências e culturas diversas e específicas. As Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil definem isto:

Art. 4º As propostas pedagógicas da Educação Infantil deverão considerar que a criança, centro do planejamento curricular, é sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010a, on-line).

O artigo 9º das mesmas Diretrizes promove as interações e as brincadeiras como eixos norteadores da educação infantil. É nelas que as crianças aprendem: a professora Patrícia trouxe, em sua declaração, que percebe claramente o desenvolvimento e a aprendizagem de suas crianças quando sua prática pedagógica tem como base o lúdico, o concreto e as brincadeiras.

#### 5.4.2 Brincar

*[...] quando cheguei lá [na creche], eram as crianças pequeninhas que ficava no berçário, não saíam de dentro do berço, e eu falava “não, tem que ter um estímulo” [...]. - Neide, junho/2022 - Apêndice E.*

Neide revela a falta de estímulos e de interações dos bebês e crianças pequenas na creche naquele momento. Isso é observado em outros relatos também. Ressaltando a ideia de creche assistencialista, ao iniciar o projeto “Creche & Vida”, a professora Maria Inês ressalta a importância do professor conhecer as fases do desenvolvimento e as necessidades específicas de cada faixa etária para que realize o trabalho pedagógico na creche.

*[...] eu acredito que os profissionais têm que ser professores preparados que tenham esse conhecimento do que as crianças de 0 a 5 anos e 11 meses precisam para que possam oferecer. Precisam conhecer sobre desenvolvimento infantil e as fases do desenvolvimento, para que essas crianças sejam atendidas nas suas necessidades. - Maria Inês, agosto/2022 - Apêndice G.*

Nessa declaração fica clara a influência das teorias sociointeracionistas de Piaget, Vygotsky e Wallon. Embora existam algumas divergências em seus pensamentos e conceitos, entre eles há o consenso de que a ludicidade, o jogo e a brincadeira são primordiais para o desenvolvimento infantil.

É considerável ainda relatar que em se tratando de comparar as teorias de Piaget, Vygotsky e Wallon, nenhuma delas dispensa a ludicidade quando se trata de desenvolvimento da criança, todos esses pensadores, cada um ao seu modo traz a sua contribuição, indicando a pertinência das brincadeiras para a formação do ser humano, em especial quando tratam 16 destas atividades na fase infantil. Essas proposições fazem compreender como essas atividades são indispensáveis ao processo de ensino-aprendizagem nos primeiros anos escolares, quando a criança está na sua fase mais lúdica, que é algo natural. Entende-se que, tanto os jogos quanto as brincadeiras têm sua importância em sala de aula, embora seja preciso que o professor se utilize de estratégias e defina objetivos que sejam pertinentes às atividades espontâneas e as que ele venha porventura orientar. (MORAIS et al, 2016, p. 16).

É na brincadeira que a criança interage com outras crianças e adultos, com objetos e com o meio em que vive, assim constrói suas relações e seus conhecimentos. Com esse conceito de criança e infância em mente, as propostas pedagógicas podem ser planejadas e oferecidas.

Todo o período da educação infantil é importante para a introdução das brincadeiras. Pela diversidade de formas de conceber o brincar, alguns tendem a focalizá-lo como característico dos processos imitativos da criança, dando maior destaque apenas ao período posterior aos dois anos de idade. O período anterior é visto como preparatório para o aparecimento do lúdico. No entanto, temos clareza de que a opção pelo brincar desde o início da educação infantil é o que garante a cidadania da criança e ações pedagógicas de maior qualidade. (KISHIMOTO, 2010, p. 4).

Oportunizar e oferecer momentos de descoberta e aprendizagem para as crianças significa que o professor precisa estudar, pesquisar, planejar e preparar os espaços e materiais, preocupando-se com a liberdade da exploração de forma segura; ademais, a organização do espaço e materiais deve ser esteticamente planejada.

[...] o papel do professor continua sendo primordial nesse processo, pois cabe a ele, por meio da sua observação atenta e de sua sensibilidade, perceber os sinais que as crianças apresentam. É ele quem proporciona a mediação do processo educativo para que as crianças avancem em seus conhecimentos e em seu desenvolvimento. (AMARO, 2018, p. 37).

### 5.4.3 Presença do professor nas creches

*Nós fazíamos assim: o professor trabalhava cinco horas, quatro horas com crianças e uma hora em que ele ficava em interação com o professor que entrava à tarde, porque nós achávamos interessante que houvesse uma continuidade de atendimento. Então os dois trabalhavam quatro horas, mas tinham uma hora em comum, e o professor da tarde ficava sabendo o que aconteceu de manhã para que ele desse continuidade, saber como as crianças estavam para que houvesse uma continuação no período da tarde. - Maria Inês, agosto/2022 - Apêndice G.*

Inicialmente, o projeto “Creche & Vida” propõe que apenas professores devidamente habilitados trabalhem atendendo diretamente as crianças; as regentes maternas, que seriam as mães crecheiras que vieram para trabalhar nas creches institucionais, serviriam como apoio, mas não atuariam em sala de aula.

Segundo Lobo (2008), além do alto custo de se manter apenas professores nas creches, eles sentem certo desconforto ao realizar tarefas de cuidados de higiene das crianças, visto que essa é uma função diferente da que se espera de um docente. Além disso, o cargo de auxiliar de educação é criado na pasta administrativa para que possa suprir outras demandas em outras etapas de ensino, dependendo da necessidade da Prefeitura. Ainda que essa nova realidade de creche educativa demandasse que o professor cumprisse funções de atenção, cuidados, higiene, alimentação e segurança das crianças, naquele contexto a Administração Pública prefere criar um cargo específico para essas funções. Surge assim o auxiliar de educação, que atua em sala de aula acompanhando o professor ou no contraturno, prestando toda a assistência de que a criança precisa e oferecendo atividades recreativas, porém sem a exigência de formação específica. Segundo Jochi (2018),

[...] apesar de sua atuação ser na assistência direta às crianças, auxiliando o professor em todas as atividades inerentes à educação infantil, não compõe o quadro de carreira do magistério público municipal, regido assim, pela regra geral, o estatuto dos servidores públicos municipais de Sorocaba, Lei nº 3.800/1991, compondo dessa forma a pasta do quadro administrativo, apesar de estarem vinculados à educação, o que invariavelmente, acaba gerando certa tensão dentro do espaço da creche, uma vez que são funcionários de cargos e espaços diferentes (magistério e administrativo), porém na prática, as funções se assemelham, exceto o salário e plano de carreira. O auxiliar de educação teve sua jornada de trabalho alterada de 8 para 6 horas/dia, sendo que dada possível ausência, não pode ser chamado outro adulto para substituí-lo, situação que precariza ainda mais a condição de trabalho na educação infantil. (JOCHI, 2018, p. 40).

Além dos problemas e das tensões citados pela autora, é interessante considerar que toda e qualquer experiência, atividade, vivência e afins da criança na creche é pedagógica. Já definimos que na creche o educar e o cuidar são indissociáveis e pedagógicos,



então não se justifica um funcionário tratando de uma criança sem estar devidamente habilitado.

Há de se considerar que, como já discutimos, a Prefeitura não consegue suprir a demanda de vagas, de construção de creches e de contratação de funcionários. Nesse contexto, na intenção de superar este último problema, contratam-se estagiários, que deveriam atuar junto com os professores aprendendo o ofício, mas acabam se tornando funcionário sem os benefícios de ser estatutário ou CLT, e recebendo apenas uma bolsa ao invés de salário. (JOCHI, 2018).

Assim o atendimento direto à bebês e crianças pequenas na creche é feito por três cargos distintos, com diferentes pré-requisitos, súmulas de atribuições e salários porém que desempenham papéis parecidos. Mesmo que na LDB/96 esteja discriminado que

Art. 62. A formação de docentes para atuar na educação básica far-se-á em nível superior, em curso de licenciatura plena, admitida, como formação mínima para o exercício do magistério na educação infantil e nos cinco primeiros anos do ensino fundamental, a oferecida em nível médio, na modalidade normal. (BRASIL, 1996, on-line).

O projeto “Creche & Vida” trouxe o professor para a creche e, ao longo dos anos, foi preciso lutar e resistir para que os bebês e as crianças pequenas continuassem tendo esse direito. Mesmo assim, em 1993 o professor foi retirado das salas de berçário e creche 1, e apenas em 2014, segundo Jochi (2018), o direito foi restabelecido e voltaram os professores em todas as etapas da creche.

Assim como a creche até então pleiteia o reconhecimento como espaço educativo, o professor de creche ainda procura sua identidade e especificidade. Nesse sentido, o exposto nesta pesquisa não pretende esgotar as discussões sobre os temas, e entende-se que muitas outras reflexões poderiam estar aqui postas, porém o desejo é de reflexão da história de bebês e crianças pequenas na cidade de Sorocaba para reavaliar, aperfeiçoar e avançar conceitos, legislações e afins em relação à formação de professores, à creche como espaço educativo e ao trabalho pedagógico dessas instituições para garantir um atendimento à infância de qualidade.

## **ALGUMAS CONSIDERAÇÕES: O PROJETO “CRECHE & VIDA SUAS DIMENSÕES E DESAFIOS PARA A CRECHE NA EDUCAÇÃO INFANTIL**

Quando a creche passa a ser responsabilidade da Secretaria da Educação, a partir do artigo 208, inciso IV, da CF/88, a cidade de Sorocaba, quando era administrada pelo prefeito Pannunzio (PTB, 1989-1992), em parceria com a primeira-dama e professora Maria Inês e a secretaria da Educação, elabora um projeto que prevê a formação de professores para o trabalho em creche e, além disso, ainda propunha diversas mudanças em relação às creches já existentes na promoção social e a expansão desse atendimento à infância com qualidade.

Nesse sentido, procuramos nesta dissertação revisitar as propostas e as execuções do projeto “Creche & Vida” com a intenção de iniciar um debate na busca de uma identidade de creche educativa com atendimento de qualidade, assim como uma reflexão acerca dessa qualidade e da história da infância e da educação infantil na cidade. Entendemos que assim foi possível ter um panorama mais extenso desse momento histórico, contando com diferentes pontos de vista sobre o mesmo projeto “Creche & Vida”. Assim, inferimos que foi possível atingir nosso principal objetivo de conhecer, reconhecer, comunicar as dimensões da formação continuada e do trabalho pedagógico com bebês e crianças bem pequenas no “Creche & Vida” e documentar a atenção à infância nesse período. Também tendo em mente nossos objetivos específicos — mapear e documentar a história da educação infantil em Sorocaba a partir do projeto “Creche & Vida”; relacionar e reconhecer a história valorizando a formação continuada; conhecer as concepções de creche, de criança, de educação e de assistência para o projeto “Creche & Vida”; apurar rupturas e permanências do processo histórico da constituição da profissão docente em creche —, fomos, no decorrer da escrita desta dissertação, trazendo esses aspectos tanto nos relatos destacados quanto nos jornais, nas referências bibliográfica e nas análises propostas.

Ao longo da pesquisa, torna-se notável que o projeto “Creche & Vida”, embora tenha sido proposto devido à obrigatoriedade imposta pela CF/88, que trouxe diversas mudanças para o atendimento às crianças do país, foi uma imposição da Prefeitura, já que foi feito por um grupo de pessoas selecionadas que envolvia as secretarias da Educação e Cultura e da Promoção Social e Habitação, um Conselho de Creche, as esposas dos secretários municipais e um grupo de pesquisas e apoio, sem a participação popular. O projeto “Creche & Vida” também se personalizou e se centralizou na figura da professora Maria Inês, que, além de ficar à frente na organização, também ministrava os cursos para os profissionais e acompanhava periodicamente o trabalho das professoras, o que pode ter inviabilizado a sua

continuidade. Além disso, esse era um projeto que demandava altos investimentos, uma vez que previa professores com habilitação específica, formações em nível de rede para todos os profissionais e construção de novas creches arejadas e adequadas. Assim, o “Creche & Vida” se apresentou como um projeto partidário, pois se sustentava na compreensão de creche proposta por esse governo e esse grupo de pessoas, e, assim como vários outros projetos partidários, durou apenas aquele governo.

Todavia, como ocorre em todo projeto, é somente durante a execução que avaliações e ajustes mais específicos podem ser feitos; assim, mesmo com a sua descontinuidade, muito do que foi proposto para a creche permanece até hoje. Nesse sentido destacamos a formação de professores, a valorização da creche como espaço educativo e o respeito às crianças. Mesmo que ainda haja diversas melhorias e avanços necessários nesses aspectos, há um princípio de consciência e de participação ativa e política por parte dos profissionais da infância em outras instâncias, como fóruns e conselhos. A criação e o fortalecimento do Conselho Municipal de Sorocaba (CMESO) é um importante marco na efetivação do direito da criança à creche de qualidade, dado que “é um órgão normativo, deliberativo e consultivo, que se manifesta através de Deliberações, Indicações e Pareceres sobre questões técnicas, pedagógicas e administrativas relacionadas ao ensino” (CMESO, 2023, on-line). É no CMESO que são criadas e fiscalizadas as diretrizes para a educação municipal.

Assegurar a creche como espaço educativo com professores habilitados e qualificados, desconstruindo a antiga visão de mães crecheiras e de assistencialismo, são implicações e desafios que o projeto “Creche & Vida” traz para a educação infantil e os professores de creche.

Os momentos de formação em nível de rede diminuíram consideravelmente e passaram a ser de responsabilidade dos orientadores pedagógicos, e muitas vezes assuntos administrativos e da rotina acabam por tomar o tempo de estudo e reflexão. Ademais, não é frequente a troca entre professores de outras unidades ou de outros segmentos, o que acaba por deixar as escolas com projetos e acordos diferentes entre si. Nos depoimentos vimos que havia uma identidade para as creches públicas municipais, uma vez que todas as professoras que assumiam salas tinham passado pelos mesmos cursos preparatórios e eram orientadas para o trabalho pedagógico da mesma maneira. Infelizmente, após a descontinuidade do projeto “Creche & Vida” as creches públicas municipais de Sorocaba passaram por um período de quase 20 anos sem professores nas turmas de bebês, de 1993 no governo do prefeito Renato Amary (1995) eram agentes infantis e tinha um professor para Berçário e

Mini-Grupo, depois ficou sem professor mesmo, o que só foi corrigido em 2014, e sofre para atender a crescente demanda por vagas e sua judicialização, problema que desde o “Creche & Vida” tem como solução os convênios com instituições privadas, o que precisa ser observado e realizado com cautela, uma vez que a oferta de vagas em creche é de responsabilidade do poder público (LDB/96). A creche ainda peleja pelo seu espaço na educação, bem como as crianças lutam por seu espaço na sociedade.

Legislações como a CF/88, o ECA/90, a LDB/96 e as DCNEI compõem leis e documentos que contribuem para diversos avanços, porém ainda há muito o que se avançar no que diz respeito a leis e à efetivação de direitos. É preciso também considerar as especificidades da creche e de seus profissionais, as quais, mesmo compondo a educação infantil, são diferentes daquelas da pré-escola.

Mesmo com diversas rupturas, o “Creche & Vida” é um projeto que trouxe suas contribuições para a educação infantil da cidade de Sorocaba, por isso ainda continua vivo na memória e na prática das pessoas que dele fizeram parte. Foi possível ver o orgulho e a saudade das entrevistadas quando relataram sua experiência no projeto “Creche & Vida”, e tudo aquilo que aprenderam com ele foi posto em prática por muitos anos, até se aposentarem.

O projeto “Creche & Vida” foi referência para a educação de cidades próximas. As entrevistadas contam que muitas pessoas de diferentes municípios vinham para Sorocaba para conhecer e entender o projeto “Creche & Vida”, assim como as especificidades da infância, do lugar do bebê e das crianças pequenas na educação, dos materiais pedagógicos e brinquedos utilizados e da formação dos professores.

A luta por uma educação de qualidade, infantil ou não, será sempre necessária. Rever o passado das instituições e refletir acerca dele é uma forma de garantir que não haja retrocessos, que os bons elementos permaneçam e que ajustes possam ser feitos. Repensar o atendimento infantil e a infância é essencial para a manutenção da qualidade.

Ressalto aqui a importância desse trabalho para a cidade de Sorocaba, além de toda a discussão sobre diversos assuntos que tratam da qualidade na creche, este trabalho perpétua um pequeno, porém essencial, pedaço da história da infância sorocabano, visto que não encontramos muitos registros físicos desse projeto que foi um marco na cidade, essa história que estava guardada na memória de tantas pessoas agora tem um registro histórico escrito antes que fosse perdida. Além disso, espera-se que esta dissertação seja um convite

para refletir o atendimento à infância numa perspectiva histórica e para que surjam novos questionamentos e problemas de pesquisa.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMOWICZ, A.; WAJSKOP, G. **Creches: Atividade para crianças de zero a seis anos.** São Paulo: Moderna, 1995.
- ACEITUNO, G. **Aspectos históricos da creche pública em Sorocaba a partir da memória de seus protagonistas.** 2017. 100 f. Monografia (Graduação em Pedagogia) - Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2017.
- AMARO, V. P. **Avaliação na educação infantil: percepções de professoras de um centro de educação infantil municipal de Sorocaba (SP).** 2018. 123 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2018.
- AMBROSETTI, N. B.; et al. Contribuições do PIBID para a formação inicial de professores. **Educação em Perspectiva**, Viçosa, MG, v. 4, n. 1, 2013.
- BARBOSA, M. C. S. **Por amor & por força: rotinas na educação infantil.** 283 f. 2000. Tese (Doutorado) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000.
- BARBOSA, M. C. S.; RICHTER, S. Creche: uma estranha no ninho educacional. **Dialogia**, São Paulo, n. 17, p. 75-92, jan./jun. 2013.
- BENJAMIN, W. O narrador. In: **Obras escolhidas – magia e técnica, arte e política.** São Paulo: Brasiliense, 1936. p. 197-221.
- BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/constituicao/constituicao.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm). Acesso em: 16 jan. 2023.
- BRASIL. Estatuto da criança e do adolescente: Lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, Lei n. 8.242, de 12 de outubro de 1991. – 3. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2001. 92 p.
- BRASIL. Ministério de Educação e Cultura. LDB - Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da Educação Nacional. **Diário Oficial da União:** Brasília, DF, 23 dez. 1996. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/19394.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19394.htm). Acesso em: 12 jan. 2023.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular para a Educação Infantil.** Brasília, DF: MEC/SEF, 1998.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Resolução CNE/CEB nº 1 de 7 de abril de 1998. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. **Diário Oficial da União:** seção 1, Brasília, DF, p. 18, 13 abr. 1999.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Brasília: MEC, SEB, 2010a. Disponível em: [http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares\\_2012.pdf](http://portal.mec.gov.br/dmdocuments/diretrizescurriculares_2012.pdf). Acesso em: 20 jan. 2023.
- BRASIL. Decreto nº 7.219, de 24 de junho de 2010. Dispõe sobre o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência - PIBID e dá outras providências. **Diário Oficial da União:** seção 1, Brasília, DF, n. 120, p. 4-5, 25 jun. 2010b.

CARMO, J. C. do. Industrialização sorocabana: classe operária, trabalho, organização do trabalho e educação (1882-1913). In: XXIV SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. **Anais...** São Leopoldo-RS: ANPUH, 2007. Disponível em: <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH>. Acesso em: abr. 2022.

CERISARA, A. B. O referencial curricular nacional para a educação infantil no contexto das reformas. **Educação e Sociedade**, Campinas, v. 23, n. 80, p. 326-345, set. 2002.

CLANDININ, D. J.; CONNELLY, F. M. **Pesquisa narrativa**: experiência e história em pesquisa qualitativa. Tradução: Grupo de Pesquisa Narrativa e Educação de Professores ILEEI/UFU. Uberlândia: EDUFU, 2011.

CMESO - CONSELHO MUNICIPAL DE EDUCAÇÃO DE SOROCABA. **Apresentação**. Disponível em: <https://www.cmeso.org/apresentacao/>. Acesso em: 22 jan. 2023.

DO NASCIMENTO, A. P. S.; DE OLIVEIRA SILVA, C. N. As creches conveniadas em São Paulo: quais os reais motivos dessa opção política. **Fineduca-Revista de Financiamento da Educação**, v. 5, n. 10, 2015. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/fineduca/article/view/67575/38749>. Acesso em: 12 jan. 2023.

EUGENIO, B.; TRINDADE, L. B. A entrevista narrativa e suas contribuições para a pesquisa em educação. **Pedagogia em Foco**, Iturama, v. 12, n. 7, p. 117-132, jan./jun. 2017. Disponível em: <https://revista.facfama.edu.br> Acesso em: 5 jul. 2021.

FARIA, A. L. G. de. Políticas de regulação, pesquisa e pedagogia na educação infantil, primeira etapa da educação básica. **Educação & Sociedade**, Campinas, v. 26, n. 92, p. 1013-1038, out. 2005.

FERNANDES, S. C. de L. **Grupos de formação**: análise de um processo de formação em serviço sob a perspectiva dos professores de educação infantil. 2000. 127 p. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

FIALHO, L. M. F. et al. O uso da história oral na narrativa da história da educação no Ceará. **Práticas Educativas, Memórias e Oralidades**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1-13, 2020. Disponível em: <https://revistas.uece.br/index.php/revpemo/article/view/3505>. Acesso em: 5 jul. 2021.

FLICK, U. Entrevista episódica. In: BAUER, M. W.; GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**: um manual prático. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: Saberes necessários à prática educativa. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

GAVA, F. G. **Avaliação na educação infantil**: sentidos atribuídos por professores na creche. 201 f. 2019. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2019.

IBGE - INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Sorocaba** – História & fotos. c2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sp/sorocaba/historico>. Acesso em: abri. 2022.

HOLANDA, F. R. B. de. **A emergência da criança no Brasil**. 179 f. 1990. Dissertação (Mestrado em Educação) - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1990.

JOCHI, F. A. P. **O trabalho docente frente à judicialização de vagas nas creches**: sentidos de professores. 191 f. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2018.

- KISHIMOTO, T. M. **A pré-escola em São Paulo (das origens a 1940)**. 348 f. 1986. Tese (Doutorado em Didática) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.
- KISHIMOTO, T. M. **A pré-escola em São Paulo (1877 a 1940)**. São Paulo: Edições Loyola, 1988.
- KISHIMOTO, T. M. Brinquedos e brincadeiras na educação infantil do Brasil. **Cadernos de Educação de Infância**, n. 90, p. 4-7, 2010.
- KRAMER, S. O papel social da educação infantil. **Revista Textos do Brasil**. Ministério das Relações Exteriores, Brasília, 1999. Disponível em: <http://www.dominiopublico.gov.br/download/texto/mre000082.pdf>. Acesso em: 12 jan. 2023.
- KUHLMAMM JÚNIOR, M. **Infância e educação infantil: uma abordagem histórica**. 4. ed. Porto Alegre: Mediação, 2007.
- LE GOFF, J. Memória. In: LE GOFF, J. **História e memória**. 5. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2003. p. 419-476.
- LOBO, A. P. S. L. L. **Políticas educacionais e narrativas das professoras de educação infantil: produzindo novos sentidos para formação em serviço na rede pública de ensino**. 2019. 251 f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2019.
- LOBO, S. C. L. **Os auxiliares de educação e o seu trabalho**. 2008. 67 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2008.
- MARCILIO, M. L. A roda dos expostos e a criança abandonada no Brasil colonial: 1726-1950. In: FREITAS, M. C. (Org.). **História social da infância no Brasil**. São Paulo: Cortez, 1997.
- MARIANI, F.; MATTOS, M. R. Pesquisa narrativa: experiência e história em pesquisa qualitativa. **Revista Educação Pública**, Cuiabá, v. 21, n. 47, p. 663-667, set./dez. 2012.
- MATURANA, H. R.; VERDEN-ZÖLLER, G. **Amar e brincar: fundamentos esquecidos do humano**. Tradução de Humberto Mariotti e Lia Diskin. São Paulo: Palas Atenas, 2014.
- MORAIS, P. de A. et al. **Jogos e brincadeiras na escola da Educação Infantil: as visões de Piaget, Vygotsky e Wallon**. 23 f. 2016. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Pedagogia) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Caraúbas, 2016.
- MOREL, C. M. T. M. **Creche: de lugar de abandono a espaço educativo**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Fundação Getúlio Vargas, Rio de Janeiro, 1991.
- MOROSINI, M. C.; FERNANDES, C. M. B. Estado do conhecimento: conceitos, finalidades e interlocuções. **Educação por Escrito**, v. 5, n. 2, p. 154-164, 2014.
- MOSS, P. Para além do problema com qualidade. In: MACHADO, M. L. de A. (Ed.). **Encontros e desencontros em educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2002. p. 17-25.
- NASCIMENTO, A. P. S. do; SILVA, C. N. de O. As creches conveniadas em São Paulo: quais os reais motivos dessa opção política. **Fineduca – Revista de Financiamento da Educação**, Porto Alegre, v. 5, n. 10, 2015.
- OLIVEIRA, S. A. R. de. **A história do primeiro parque infantil municipal de Sorocaba: o contexto histórico e as circunstâncias específicas da criação e da instalação da escola**. 103 f. 2010. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade de Sorocaba, Sorocaba, 2010.



PINTO, A. S. **Formação continuada na creche: fatos e fotos que revelam um percurso formativo.** 128 f. 2017. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2017.

PORTELA, D. F. **A trajetória profissional da educadora Anália Emília Franco em São Paulo (1853-1919).** 238 f. 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2016.

PRADO, P. D. As crianças pequeninhas produzem cultura? Considerações sobre educação e cultura infantil em creche. **Pro-Posições**, v. 10, n. 1, p. 110-118, 1999.

ROSA, A. de C. e S. **Brincar na vida e na docência: trajetórias de formadoras(es) brincantes.** 129 f. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2020.

SALOMÃO, G. T. **Quando a creche é espaço educativo, todos educam: as equipes de apoio em contextos de educação infantil.** 133 f. 2009. Mestrado Acadêmico (Psicologia) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Assis, 2009.

SANTORUM, P. R. **A judicialização na educação infantil entre ênfases, encaminhamentos e solicitações no município de Sorocaba/SP.** 221 f. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2018.

SANTORUM, P. R. et al. O processo de judicialização na educação infantil no município de Sorocaba/SP. **Laplage em Revista**, v. 4, n. 3, p. 190-208, 2018.

SEWAYBRICKER, G. M. **Memórias docentes e educação infantil: diálogos com a formação de professores na cidade de Sorocaba-SP.** 102 f. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de São Carlos, Sorocaba, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/13967>. Acesso em: 12 jan. 2023.

SILVA, A. A. et al. (Org.). **Infâncias e movimentos sociais.** Campinas: Leitura Crítica, 2015. 196 p.

SOROCABA (Município). Lei Ordinária nº 4599, de 06 de setembro de 1994. Estabelece o Quadro e o Plano de Carreira do Quadro do Magistério Público Municipal de Sorocaba e dá outras providências. Disponível em: <http://www.camarasorocaba.sp.gov.br/propositura.html?id=5e3f0e1905d7040f28b4675c>. Acesso em: 12 jan. 2023.

SOROCABA (Município). **Relatório de avaliação Institucional.** 2021. Disponível em: <https://educacao.sorocaba.sp.gov.br/wp-content/uploads/2022/02/relatorio-avaliacao-institucional-2021.pdf>. Acesso em: 8 jan. 2023.

SPADA, A. C. Processo de criação das primeiras creches brasileiras e seu impacto sobre a Educação Infantil de zero a três anos. **Revista Científica Eletrônica de Pedagogia**, [S. l.], n. 5, jan. 2005.

SPINK, P.; CLEMENTE, R. Continuidade e descontinuidade administrativa: uma análise de fatores que contribuem para a manutenção de programas, projetos e atividades públicas de êxito em governos locais brasileiros. **Relatório de Pesquisa EAESP/FGV/NPP - Núcleo de Pesquisas e Publicações**, São Paulo, n. 60, 2001.

TREZZI, C.; ROSA, G. R. A. Os ambientes educativos na creche e sua influência no desenvolvimento da criança. **Revista Ambiente Educação**, São Paulo, n. 13, v. 1, p. 176-90, jan./abr. 2020.

YATES, Frances Amelia. **A arte da memória.** Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

## APÊNDICE A - TCLE

### Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Este é um convite para participar da pesquisa “O PROJETO “CRECHE & VIDA”:  
História do atendimento a bebês e crianças pequenas na Educação Infantil pública de Sorocaba, SP. (1989 a 1992)”, que tem como objetivo identificar, conhecer e analisar as propostas pedagógicas e os trabalhos realizados pelos envolvidos no projeto “Creche & Vida” em Sorocaba. Você foi selecionada (o) devido a sua relevância na história da creche em Sorocaba e sua participação não é obrigatória.

Por se tratar de uma entrevista e/ou depoimento, declaro que há o risco de distorção de fala e para que isso não ocorra todos os participantes receberão a transcrição da entrevista e/ou depoimento para leitura prévia e autorização da divulgação na pesquisa e, ainda, todos terão suas identidades preservadas a partir da utilização de nomes fictícios. Esta pesquisa pretende contar a história do atendimento infantil e do início da creche na cidade de Sorocaba, sendo um importante marco para refletirmos o rumo da Educação Infantil, desde seus primórdios. Nesse sentido, pretendemos trazer novos olhares para as práticas pedagógicas, as formações de professores iniciais e continuadas e para as Políticas Públicas de Educação Infantil na cidade.

A pesquisa será executada por Gabriela Aceituno, estudante do programa de mestrado em Educação pela Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), campus Sorocaba, sob orientação da Professora Doutora Maria Walburga dos Santos. Fica assegurada a garantia de esclarecimentos, antes e durante o curso da pesquisa, a respeito dos procedimentos. Também fica assegurado o livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências. Você será informada (o) a respeito da pesquisa, e não serão obrigados a participar da pesquisa, podendo desistir em qualquer fase, sem penalização alguma ou prejuízo ao seu cuidado, assim como você também poderá retirar seu consentimento a qualquer momento. Declaro também que as entrevistas e depoimentos serão feitos por vídeo chamada, ligação telefônica ou conversa por WhatsApp e caso seja necessário fazer de forma presencial, todos os protocolos de segurança – como uso de máscara, álcool em gel e distanciamento social – serão seguidos rigorosamente, priorizando a saúde e bem estar daqueles que contribuirão com a pesquisa

A entrevista será gravada e transcrita pela entrevistadora e os dados serão divulgados de forma que não possibilite a identificação da (o) entrevistada (o). Ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto, como também não terá nenhum tipo de

despesa para participar, bem como nada será pago por sua participação. A pesquisa pode gerar outros materiais e ser apresentada em eventos da área.

---

Gabriela Aceituno

Tel: XXXXXXXXXXXXX

e-mail: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Endereço: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar.

Sorocaba, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2022

---

Assinatura da entrevistada

## **APÊNDICE B – Adendo ao TCLE**

### **Adendo ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido**

Este adendo ao Termo de Consentimento Livre e Esclarecido da pesquisa “O PROJETO “CRECHE & VIDA”: História do atendimento a bebês e crianças pequenas na Educação Infantil pública de Sorocaba, SP. (1989 a 1992)”, que tem como objetivo identificar, conhecer e analisar as propostas pedagógicas e os trabalhos realizados pelos envolvidos no projeto “Creche & Vida” em Sorocaba.

Ao entender esse trabalho com importância de registro histórico, compreendemos a relevância de tratar os fatos históricos nomeando corretamente as unidades citadas bem como as entrevistadas. Assim, durante a dissertação será exposto os nomes reais. Ao participar desta pesquisa você não terá nenhum benefício direto, como também não terá nenhum tipo de despesa para participar, bem como nada será pago por sua participação. A pesquisa pode gerar outros materiais e ser apresentada em eventos da área.

---

Gabriela Aceituno

Tel: XXXXXXXXXXXXX

e-mail: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Endereço: XXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXXX

Declaro que entendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa e concordo em participar e com a exposição do meu relato e meu nome.

Sorocaba, 05 de janeiro de 2023

---

Assinatura da (o) entrevistada (o)

## APÊNDICE C – Entrevista Vera

Pesquisadora responsável: Gabriela Aceituno

Orientadora: Profa. Dra. Maria Walburga dos Santos

Título da pesquisa: O PROJETO “CRECHE & VIDA”: História do atendimento a bebês e crianças pequenas na Educação Infantil pública de Sorocaba, SP. (1989 a 1992)

Este roteiro de entrevista episódica é parte da pesquisa de mestrado em educação na linha 1: Formação de Professores e Práticas Educativas do Programa de Pós-Graduação em Educação do Campus Sorocaba. As respostas às questões que se seguem devem ser verdadeiras para que a pesquisa tenha validade. A participação é voluntária e sem riscos de qualquer ordem. A pesquisa tem como objetivo maior contribuir para a melhoria da educação infantil. Agradeço a disponibilidade em participar!

**Nome:** Vera Lucia

**Data de nascimento/idade:** 08/01/1945 - 77 anos    **Sexo/gênero:** Feminino

**Cor/raça (de acordo com as categorias do IBGE):** Branca

**Formação inicial:** Pedagogia (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Sorocaba)

**Formação complementar:** Pós-Graduação em Recreação Infantil e Administração Pública

**Vida profissional:** Professora no curso normal; Diretora; Supervisora.

**Cargo ocupado no projeto:** Diretora

**Data da aposentadoria:** 01/12/1998

Entrevista realizada em Maio/2022

P: Como você chegou na profissão?

Foi assim: eu trabalhava com educação já, assim que eu me formei eu dava aula no curso normal, que não chamava nem magistério, depois que passou a chamar magistério, e agora nem existe mais, agora é só a pedagogia. Então, eu dava aula e eu fui assim, progredindo conforme eu fui estudando mais e tal. Acabei dando aula na faculdade, eu dei aula muito tempo na OSE, eu dei uns 10 anos de aula na OSE no magistério, no colégio Santa Escolástica, depois eu fui convidada para substituir uma professora de Psicologia da Educação na faculdade de filosofia, ainda não existia UNISO, e também na faculdade de educação física, que tinha a disciplina Psicologia da Educação. Daí, quando eu estava na

faculdade de educação física, em 1983, eu resolvi mudar pra São Paulo. Cansei da vida aqui, eu tinha divorciado e eu não me sentia muito legal, peguei minhas filhas pequenininhas e fui embora pra São Paulo, e lá em São Paulo é que eu comecei a atuar na educação infantil como diretora de escola de educação infantil. Só que não chamava creche, porque creche até então era assim, tida como um lugar de coitadinho, quem não pode ir numa escola vai na creche, que era da promoção social. Então lá eu trabalhei 5 anos dirigindo uma escola cuja dona estava na África, então ela passou uma procuração pra mim e a gente foi trabalhando, mas era uma escola particular. Foi lá que foi o meu começo, quer dizer, eu já tinha estudado tudo aquilo, mas foi onde eu comecei a prática. Daí, quando eu voltei pra Sorocaba, eu voltei no ano de 1990 e comecei a tentar entrar em alguma escola de novo, que era o que eu fazia, trabalhar em escola, mas não tava conseguindo. Trabalhei numa agência de turismo até que um dia eu vi no jornal Cruzeiro do Sul um anúncio assim: “se você gosta de crianças e tem formação para educação, isto lhe interessa”. E daí tinha assim, processo seletivo para “Creche & Vida”, e eu já tinha lido sobre o “Creche & Vida”, e por coincidência a Célia Nardi era a secretária da educação e morava no meu prédio, eu liguei pra ela até pelo interfone e comentei: “eu li isso e tal, você acha que é interessante pra mim?”. Ela falou: “tem tudo a ver com você, Vera, só que eu não tenho nada a ver com isso, quem tá cuidando disso é a Maria Inês”. E eu já tinha amizade com a Maria Inês, inclusive eu fiz curso de inglês com ela, que eu pretendia casar, casei com quem eu pretendia e a ideia era depois de 6 meses ir pro Estados Unidos, que ele tava indo pra linha de cientista e depois ele desistiu, e ele fez a tese de mestrado e um dos professores que avaliaram era um americano e o convidou pra ir fazer o doutorado lá nos Estados Unidos, e eu entrei pra aprender e eu acabei, não sei nem dizer pra você como, por que depois desistimos de ir para os Estados Unidos e tal, e eu continuei nas aulas de inglês. E eu acabei fazendo aula junto com a Maria Inês, mas a gente já conhecia o marido dela, era amigo do meu ex-marido, então a gente teve uma aproximação de ir um na casa do outro, então a Célia Nardi falou: “olha, tem tudo a ver com a Maria Inês, você conhece?”. “Conheço, já tive muita amizade com ela e tal”. Ela falou: “então corra lá e vá fazer inscrição, que eu tenho certeza”. E eu fui e fiz a inscrição, e muita gente fez a inscrição, e eu fiquei sabendo que tinha uma vaga, daí que eu entrei em contato realmente com o que ela queria, aí ela deu uma semana de preparo pro pessoal que queria entrar nessa vaga, já era pra direção. Ela fez a pré- formação para professores e depois para diretores, então esse processo era para diretores. Eu fiz o curso a semana inteira, então eu fiquei sabendo a história, porque na Constituição de 1988 a creche deixava de ser da promoção social e

passava a ser da educação, então a prefeitura não tinha creche, e as que tinha era assim, mãe crecheira: a prefeitura pagava, uma mãe, exemplo, eu me candidatava, então eu dizia que na minha casa eu tenho tal espaço lá e posso ficar com cinco crianças, então eu ficava com cinco crianças, mas na minha casa, e daí eu recebia merenda da prefeitura, recebia toda base que precisasse a prefeitura dava. E além de mãe crecheira tinha algumas creches, mas eram todas cuidadas pela promoção social, não tinha nada a ver com a Secretaria da Educação, e eram creches assim, que eram totalmente diferentes do que a gente imagina hoje uma creche, uma pré-escola. Então ela mostrou todo o projeto dela, que ela queria transformar as creches, todas da promoção social viriam para a educação, e essa tinha urgência, porque essa creche era na Vila Helena e ela era da Cáritas Diocesana, então a Cáritas Diocesana deu a creche para prefeitura, o prédio, o Rotary que tinha feito o prédio, então era tudo assim, bem social. Daí eles fizeram lá todo o contato com a prefeitura, e a prefeitura aceitou, então essa vai ser a primeira do “Creche & Vida”, então nós vamos montar a estrutura. Então, você imagina, essa creche até sexta-feira ela era da promoção social, e a partir de segunda ela era da prefeitura, então tinha um fim de semana de transição, só que as professoras que iam atuar, elas ficaram uma semana, essa última semana elas já tinham sido escolhidas, eram 14 professoras (sete atuando das 7h às 13h e sete atuando das 12h às 17h), então elas ficavam juntas uma hora só, então elas ficaram uma semana junto com as que trabalhavam na creche que não tinham formação nenhuma. Qualquer pessoa podia ficar com a criança.

P: Relate como foi a sua experiência e sua atuação no projeto “Creche & Vida” (fatos marcantes, contribuições, relação com as famílias e as crianças e a elaboração/implementação do projeto).

Então, fiz o processo e eu fiquei sabendo na sexta-feira, eu não lembro mais quantas pessoas tinham, mas eram bastante, devia ter umas 30. Daí teve a prova, a gente fez uma prova escrita, daí foi marcado. Ela selecionou seis, pela prova ela selecionou seis, e essas seis tinham que passar por entrevista, então eu passei por todos os processos, daí foi afunilando, né? Até que ficaram três, e daí fez entrevista com as três, e daí o resultado ia sair na sexta-feira às três horas da tarde, então eu liguei lá e eu que tinha sido a escolhida, eu falei “MEU DEUS (risos) agora deu, né!!”. E eu não tinha nem chave da creche, não foi dado nada, eu fiquei sabendo pelo telefone, e o S. falou: “segunda-feira, 7h da manhã, você tem que estar lá na creche para receber as crianças”. Que bom! E eu tinha uma irmã, que até já faleceu, que eu falei pra ela: “ai, N., você tem tanta energia, capacidade, assim, para avaliar, chegar num lugar e dizer da energia e tal”, falei: “vamos comigo lá no sábado”. Uma chuva,

barro que tinha naquela Vila Helena. Ela falou: “Vera do céu, aqui que você vem?”. Eu falei: “é”. Eu tava com meu carro, porque ela nem dirigia, mas paramos no portão, e aí já tinha parado a chuva, a gente desceu, daí falei: “olha quantas mangueiras”. Porque lá tinha assim, uma mangueira enorme, uma grudada na outra assim. Eu falei: “nossa, isso daí dá uma sombra maravilhosa, né?”. E já comecei a imaginar, minha cabeça já começou a funcionar, entendeu? Aí eu falei: “Vai dar certo, tenho certeza que vai dar certo”, e ela falou: “E vai dar certo, vai ser muito bom, você vai ser reconhecida e vai dar tudo certo”. Mas pensa, eu fui na segunda-feira, cheguei lá antes das 7h da manhã, eu não conhecia nenhuma professora, elas se conheciam, porque ficaram essa semana juntas, né? Eu não conhecia uma funcionária, porque assim, todas as funcionárias saíram, e vieram funcionárias da prefeitura para fazer merenda, pra fazer limpeza e para trabalhar com as crianças e eu, então eu não conhecia nenhuma pessoa, nenhuma mãe, nada. E assim, abrimos a creche e começaram a chegar as crianças, então a gente tinha que perguntar pra criança: “onde que é sua sala?”, ela levava a pessoa até a sala. Então, o primeiro dia foi assim. Eu lembro que eu falava: “não, se eu aguentar o primeiro dia, eu vou conseguir”. E foi assim, uma beleza, porque eu não quis mudar nada no primeiro dia, o material que era da creche ficou lá, então eram pratos de plástico, colher de plástico, era só colher, não tinha garfo, não tinha faca, não tinha nada. E a hora do leite tinha assim, elas enfiavam uma caneca, porque as professoras falaram pro pessoal como que era, que eu falei: “hoje vamos deixar tudo como era”, e daí a gente vai devagar, vamos fazendo adequação. Então pegava a caneca, tinha um monte de caneca assim, daí ela enfiava dentro de um caldeirão assim (fazendo o gesto) e dava pra eles, eles iam bebendo, e pegava outra caneca e enfiava ali, quer dizer, daí ia a mão dela, ia tudo junto e tal, tudo bem. O importante é que as crianças tomavam o leite, aí eu fui anotando tudo, e daí devagar durante um período a gente foi adequando, então daí eu falei “nós vamos ter que entrar dentro do projeto”, então eu falei “a criança está aqui para ser educada, e a criança ela pode ser educada desde o berçário, e tudo vai depender de como você atua com a criança”. E na creche antiga as crianças eram obrigadas a dormir depois do almoço, então a criança não pode ser obrigada a dormir, ela tem que dormir quando ela tá com sono, se ela não tiver sono, como que ela vai dormir? Então assim falaram, falaram entende? Que talvez até dessem alguma coisa pra criança tomar, algum chá calmante, sei lá, eu sei que eu falei: “não, nós vamos acabar com isso, nós vamos começar a andar direito com essa criançada”. E daí a gente foi de setembro até dezembro, e na creche só tinha férias em janeiro, então daí em janeiro foi férias. Eu consegui muita coisa até o fim do ano, mas ainda precisava melhorar. Então não mudou nenhuma professora e nem eu, que a Maria Inês falou: “então você continua, no ano de 91, você continua diretora dessa creche”, e eu fui contratada, porque era processo seletivo. Tudo bem, daí entrou no ano de 91, e daí no ano inteirinho de 91 a gente trabalhou, então eu comecei a fazer do jeito certo,



fazer as reuniões do jeito que eu achava que tinha que ser, com as merendeiras, com as serviçais, porque serviçal que trabalha, por exemplo, numa pré-escola, ela limpa o banheiro uma vez de manhã e uma vez a tarde, daí eu dizia “só que na creche é diferente, você tem que limpar toda vez que suja”, então, se sujar dez vezes, você tem que limpar dez vezes, se sujar cinco, você vai limpar cinco, porque a criança é muito pequena, então você não pode exigir nada de criança pequena, criança pequena tem que ser respeitada como criança. Aí fomos enquadrando, enquadrando, e aí ficou maravilhoso, o ano de 91 foi brilhante. E o que aconteceu no ano de 91? Teve o concurso, um concurso geral, acho que foi a Constituição mesmo que exigiu isso, ou uma lei, não lembro mais, mas assim não era só pra creche. A Maria Inês mesmo era professora do ensino médio da prefeitura, em escola, tinha as escolas que ela dava aula e ela teve que fazer o concurso, porque ela era CLT, então não podia, tinha que acabar CLT, então teve o concurso para todos, e eu fiz e pude fazer, porque o cargo ainda era administradora de creche, não era diretora, porque o cargo de diretora da educação infantil era de acesso, não era concurso público, só quem já era da prefeitura que podia prestar. Então, pra minha sorte, foi de administração, administradora de creche. Eu tive, assim, eu estudei como eu nunca estudei na vida, porque pra mim, eu já tinha 48 anos, era questão de vida ou morte, eu tinha que entrar, e eu estudei tanto que no dia do concurso eu achei tão fácil que eu saí nervosa, e eu lembro que eu encontrei a Maria Inês quando eu saí, eu fiz no Estadão, então eu estudei no Estadão quando eu fiz ginásio, essas coisas, então eu lembro que eu descii a escada e dei de cara com ela, daí ela falou: “e aí? Tal, foi tudo bem?”, eu falei assim: “olha, eu fui bem, mas eu acho que todo mundo vai passar, porque foi muito fácil”. Ela falou: “não, peraí, dê tempo ao tempo”, porque, assim, vamos supor umas 30 pessoas que eram professoras, mas já tinham atuado como diretoras por substituições, aquelas coisas assim, né? E elas entrariam já com 50 pontos, e pra você passar tinha que ter 100 pontos, então eu não entrava com nada, porque eu não era diretora, né? E elas puderam concorrer a essa vaga de administradora de creche. Então eu consegui, só com a minha prova... Porque devia ter assim, umas 40... Eu consegui passar em sétimo lugar somando os pontos, então a que ficou em primeiro lugar, ela fez menos pontos do que eu na prova, mas somando com os 50 dela, ela passou na minha frente. Então eu falei: “nossa, eu fui muito bem”, porque pra eu conseguir só com os pontos da minha prova ficar em sétimo lugar, e tinham sete vagas, então eu fui a sétima a escolher, só que eu escolhi uma creche que era da Vila Barão, que ainda ia ser inaugurada, mas podia escolher. Alguma coisa eles vão arrumar pra eu ficar fazendo enquanto espera, né? E a que eu arrumei lá, a da Vila Helena, quer dizer, quem estava na minha frente escolheu a Vila Helena, e daí a Maria Inês chegou e falou assim: “olha, você não vai nem escolher, porque quem escolheu a Creche do Paço vai continuar trabalhando comigo”, que era a R. Aí ela falou: “você que vai ficar na Creche do Paço”, aí eu falei: “que bom”. Então daí eu fui diretora lá, a creche foi

inaugurada em outubro e a A. que assumiu a direção, ela era diretora, não lembro se ela era professora ainda, eu sei que ela que assumiu a direção da Creche do Paço, provisoriamente, porque a concursada que ia pegar a vaga, né? E daí, quando foi em janeiro, ela escolheu acho que o 09, não lembro como foi, se ela entrou na remoção, não lembro que rolo foi, eu sei que a Maria Inês falou: “olha, Vera, você que vai ficar na Creche do Paço”. Eu falei: “mas eu não quero ficar na Creche do Paço, prefiro ir pra outra”. Ela falou: “não, mas eu quero que você fique na Creche do Paço”. Que eu achava que ia ser muita frescura lá, era exclusiva para filho de funcionário. Quando eu chego no primeiro dia na creche, tinha 13 crianças e 14 professores, imagine uma creche daquele tamanho? Você já deve ter visitado, uma creche daquele tamanho, 13 crianças para 14 professores, nossa, isso que é bom, né? Comecei a fazer um trabalho de formiga, mas meio insistente pra eu conseguir que os funcionários que tinham tirado os filhos... Porque eu fui conversar, que tinha as pastas lá de quem frequentou outubro, novembro e dezembro, por que não voltaram? Então ficou assim, uma interrogação na minha cabeça, aconteceu alguma coisa pra não voltarem, então eu quero saber o que aconteceu, porque lá na Vila Helena as mães, no início, elas reclamaram, porque toda mudança gera um desconforto, uma desconfiança e tal, mas depois, nossa, elas estavam felicíssimas com a creche, então com isso meu nome ficou “não, a Vera é boa, porque ela conseguiu pôr o negócio pra funcionar e está funcionando tudo beleza”. Muito bem. Aí eu ia conversar lá no Paço com a mãe de fulano, fui até falar com o Martinez, que era vereador, e ele tinha dois filhos lá e tirou, daí eu fui, conversei e descobri que o motivo maior foi que uma professora que era da época da inauguração, ela tinha duas crianças na creche, agora, por exemplo, a diretora ou outra professora sabiam que aquelas crianças eram filhas da professora, agora as outras mães não sabiam quem eram elas, entra, tá cheio de criança, você não sabe quem é quem, quem é filho de quem, elas chegaram e a professora bateu nas duas crianças, e muitas mães viram, e aí o que acontece, uma vai contando pra outra: “aqui batem em criança”. Aí eu fiz um trabalho e algumas crianças eu consegui que voltassem, porque eu me comprometi, falei: “olha, eu ponho meu cargo...” Porque aí eu já era efetiva, só não estava na minha sede, mas não estava mais na carteira de trabalho. Daí eu fui conversando e explicando, eu falei: “eu garanto, ponho meu cargo à disposição se acontecer alguma coisa desse gênero”. Aí muitas voltaram, e mesmo assim era muito, muito professor pra pouca criança. Aí eu comecei a trabalhar para tentar abrir a creche para a comunidade, eu não acho que a prefeitura tenha que ter um equipamento deste tamanho, uma estrutura dessa pra pouca criança. Eu até podia dizer “ah, que gostoso, que folga minha, eu vou ganhar meu salário”, mas eu não sou assim, eu queria que lotasse aquilo de criança, né? Já que montou aquela

estrutura, tinha que atender. E fiz um trabalho, assim, até com o sindicato eu fui conversar pra conseguirmos que deixasse de ser exclusivo para filhos de funcionários, então ela é preferencialmente para filhos de funcionários, mas também atende a comunidade, então se os funcionários não põem os filhos lá, a comunidade lá tá cada vez aumentando mais, então daí tem que ter o direito de pôr e adquiriu o direito de pôr, então daí eu peguei com 13 crianças e entreguei com 167 crianças, que era a lotação total. Então, eu acho que por isso que o meu nome ficou assim, em evidência, “olha, a Vera conseguiu”, batalhei, mas eu consegui. Além disso, tudo que foi proposto para creche pelo “Creche & Vida” eu consegui, institui, tanto na Vila Helena quanto no Paço. Assim, no Paço já era prato de Duralex, copo de Duralex, ninguém tinha caneca pra enfiar assim nada. Quer dizer, eu organizei a coisa, desde a despensa até a cozinha, o trabalho da lactarista, então eu dava ideia pra elas de fazer cardápio, sabe? De trabalhar com gosto. Então a minha função na prefeitura foi essa, mostrar que você pode ser uma serviçal feliz, feliz por ser serviçal, porque você tem que trabalhar pelo prazer, você tem que ter prazer, se não você não faz bem feito. Então eu falei: “lixeiro é lixeiro porque ele quer ser lixeiro”, então ele tem que trabalhar contente, né? Você não pode não ter condição de ser outra coisa; se você só tem condição de ser lixeiro, você tem que ser um lixeiro feliz, então alguém tem que te convencer disso. Eu, modéstia à parte, consegui fazer isso, inclusive com as regentes maternais que vieram da promoção social, e elas não tinham formação para professora e elas não podiam ser mandadas embora, tinham que ficar na creche, então elas trabalhavam auxiliando as professoras, então, assim, elas eram felizes, pelo menos comigo na direção. Então aí foi, depois passei para Vila Barão, na Vila Barão eu também entrei, e a creche já havia sido inaugurada, daí foi em 93 que eu fui pra Vila Barão, e daí mudou o governo, porque em 92 teve eleição, e daí o Pannunzio saiu de prefeito, daí quando o Paulo Mendes, entrou... Eu digo que ele ganhou por causa da musiquinha “Volta Paulo Mendes” (cantarolando), porque todas as crianças cantavam a musiquinha, eles fizeram propaganda. Porque quando ele entrou, aí já começou um movimento, e ele já começou a mudar, assim, quem ele pôs lá na Secretaria da Educação, já não lembro mais, eu sei que mudou e tirou professora do berçário e do minigrupo, não sei como está a nomenclatura agora, mas naquela época era berçário, daí começava a andar, ia pro minigrupo, depois ia pro maternal, depois jardim I, jardim II e pré, então tinham seis. Quando fazia aniversário já mudava, agora não pode mais. Então, que nem, no berçário lá na Vila Barão, que eu lembro, daí já começaram a chamar a gente de infantil, então tinha uma que ela gostava tanto das crianças que ela dava mais de um banho, a criança vivia limpa maravilhosa e tal, daí eu

comecei a observar, ela era meio líder do grupo, e ela não deixava as crianças irem no chão. Daí um dia conversei com ela, conversei com as outras também e falei “olha, a partir de hoje, tudo bem se você quiser dar dois banhos, você dá, mas essas crianças têm que ir no chão, começou a engatinhar tem que ir no chão, só fica no berço pra dormir, berço é pra dormir”. Então, não tá dormindo, tem que estar no chão. Daí, eu lembro, teve um dia que eu cheguei, estavam todas no berço, daí eu falei: “Mazé, eu vou pra minha sala e vou demorar cinco minutos e vou voltar aqui, quero todas no chão”. Daí eu lembro que eu fui, voltei e tal... Às vezes bate a cabeça, mas é assim que aprende, quando a criança ergue a cabeça embaixo do berço e dá aquela batidinha, ela pode até dar uma choradinha, mas não machuca, porque daí ela vai aprender a segurar, vai aprender a ficar em pé, é assim que ela vai aprender, se você prender no berço, ela vai demorar mais tempo para se desenvolver. Sei que eu acebi convencendo aí, mas em festa de aniversário, elas ficavam o tempo todo antes do bolo dando banho e enfeitando as crianças para festa, então elas adoravam o que elas faziam. O importante pra mim era isso, era a dedicação que elas tinham com as crianças, e pelo fato da fama de que eu era boa diretora, apesar de que eu era exigente, correu. Daí, quando teve o próximo concurso para professor, eu não esqueço que a que ficou em primeiro lugar escolheu o CEI 07, daí já estava na educação, já era tudo professora de educação infantil, daí quem ficou em segundo, terceiro e quarto lugar escolheu Vila Barão, e eu lembro que falavam assim “mas é a Vera que tá lá na Vila Barão”, e elas falavam “mas é por isso mesmo que a gente quer ir”. Então eu me senti muito recompensada, muito, muito... E daí, quando ficou definitivo que era agente infantil que ia trabalhar com os menores e tal, eu já era supervisora, porque daí eu fui convidada para ser supervisora acho que nos dois últimos anos do governo Paulo Mendes. Mas a minha sede era a Vila Barão, daí eu comecei a trabalhar como supervisora até que fiz um trabalho bom, e aí eu propus de fazer um tipo de um curso pras agentes infantis que tinham passado no concurso, elas entraram sem saber direito o que elas iam fazer, então nós montamos um curso e preparamos durante dois anos, eu e mais duas supervisoras demos o curso pra provar isso, que você tinha que gostar daquilo que você fazia, se você tivesse lá só porque você não conseguia outro emprego a gente aconselhava até a sair, porque eu dizia que trabalhar com criança sem gostar, porque uma coisa é você gostar de criança, outra coisa é você gostar de trabalhar com criança, são duas coisas totalmente diversas. Então eu dizia: “você tem que gostar de trabalhar com a criança, você tem que saber conquistar a criança”, e daí eu dava os exemplos, porque eu tinha os exemplos de uma professora que, lá na Vila Helena, ela conseguiu com o minigrupo, no segundo ano que a

gente estava, em 91, ela pegou minigrupo no início do ano, quando chegou no segundo semestre, todos estavam comendo sozinho, e comiam salada, e criança comer salada você tem que fazer um trabalho, você concorda comigo? Então, minha neta tem 13 anos, ela nunca comeu salada, minha filha nunca conseguiu fazê-la comer salada, porque minha filha não gosta de salada, quando elas eram pequenininhas comigo elas comiam salada, mas depois elas foram selecionando e acabou até hoje ela não come, ela só come maionese, salada de maionese com legume, mas salada de alface, folha e tal, não come. Então eu usava o exemplo dessa professora, então nós fizemos dois anos trabalhando, quando elas estavam excelentes, o que aconteceu? Entrou o Amary de prefeito. O Amary entrou em dezembro e nós fizemos um documento desse curso que nós fizemos, e era dessa grossura (fazendo gesto) as dez primeiras folhas contava o que era o curso e o resto era assim, todas as dinâmicas que nós usamos, todas as músicas que a gente usou pra cada dinâmica, qual era o objetivo e tal, então, se você lesse as dez primeiras folhas, você sabia o que era aquilo, e deixamos lá para a próxima secretária, assinado por mim, pela Elenice e pela Roseli. Quando chega em dezembro, assim, em dezembro eles já estava lá, mas ninguém me chamou, nem chamou ninguém nada. Tomaram posse em janeiro e já começaram a trabalhar em janeiro. Eu estava na praia e minha filha ligou e falou: “mãe, ligaram da prefeitura e falaram que é pra você estar na sua escola”, como quem diz você não é mais supervisora, você é diretora, voltou a ser diretora, aí tudo bem. Voltei e falei pras agentes infantis que eu ia voltar, todas voltaram junto comigo, porque já em dezembro eu conversei com elas e falei: “eu vou tirar só 20 dias de férias”, porque eu tinha tirado só 20 mesmo e dez eu vendi, podia fazer isso, agora parece que não pode mais. Então eu fiquei 20 dias de férias e voltei, e elas voltaram junto comigo, nós pintamos todos os brinquedos, teve agente infantil que pintou o berçário, a parede do berçário, deixamos a creche perfeita, do jeitinho que a gente gostava, tudo em ordem, tudo bonito. Quando chega no dia 1 de fevereiro, eles demitem todas que iam ser efetivadas durante o mês de fevereiro, quando eles viram que tinha mais de 800 funcionários para ser efetivado, dispensaram sem perguntar quem eram e o que faziam, então foi serviçal, tudo. Então fiquei na creche, eu e as professoras, todas as minhas agentes eu perdi, então eu lembro que eu falava assim: “não acredito”. Eu chorei de agonia de pensar “o que nós vamos fazer?”. Porque demitiu, demitiu, mandou embora, acabou, eles não estavam errados, porque o funcionário não tinha cumprido ainda o estágio probatório, então até esse pode mandar embora, mas eu falei “como que vai abrir a creche?”. E era pra abrir a creche dia 10 de fevereiro, por exemplo, aí eu lembro que a Sheila, que era secretária do Amary, secretária da

Educação, e a Sheila, ela foi assim, uma amiga bem próxima minha na adolescência, naquele tempo que a gente fazia bailinho e tal, então eu conheço a Sheila daquela época, aí ela me chamou lá na Secretaria, eu fui, falei “diga”, aí ela falou assim “não, eu queria que você trabalhasse junto comigo, queria que você me ajudasse achar um jeito de poder abrir a creche,” aí eu falei “e por que vocês mandaram embora quem estava prontinho pra trabalhar na creche?”. Falei “por que você não me chamou antes? Por que não chamou em dezembro? Você não leu o documento que nós deixamos?”. “Ai, Vera, vocês deixaram um documento dessa grossura” (fazendo gesto). Eu falei “mas você nem abriu, se você abrisse você ia ver que era só algumas páginas contando o que era o curso, as outras páginas era tudo exemplo. Tinha letra de música, tinha, assim, explicando a dinâmica”. Falei “foi um absurdo o que vocês fizeram e agora você quer que eu diga como que vai abrir a creche? Eu quero saber: como que vai abrir a creche?” Ela falou assim: “não, mas você vai vir aqui todos os dias e nós vamos pensar, vamos formar um grupo e vamos pensar juntos não sei o quê, blá, blá, blá...”. Olha, foi um ano de sofrimento, porque daí a única saída que nós conseguimos foi admitir estagiário de Pedagogia, então pensa você trabalhar com estagiário de faculdade que vai ter que limpar bunda de criança, entendeu? Então o que aconteceu, o que trocou de gente durante esse ano, e não era só na minha, era na cidade inteira, em todas as creches, então foi um transtorno. Daí eu fui mantida como supervisora, ela não me deixou voltar pra minha escola, ela falou “não, você tem que ficar”. E daí o duro foi orientar as diretoras para trabalhar com estagiário. O meu telefone, eu não tinha sossego, porque ligavam pra mim, gente que eu não era nem supervisora, ela ligava pra supervisora e elas diziam “liga pra Vera”, eu que atendia. Eu sei que aí foi essa confusão, continuou no ano seguinte. Entra hoje, daqui uma semana, “não quero mais”, sai, aí toca chamar outro. Aí chegamos a fazer um curso, montar um curso, demos aula numa escola do SESI que tem no Jardim Sandra, então a gente deu aula lá no mês de julho à noite, eu e a Vilma organizamos todo o curso, e daí as supervisoras que deram o curso, então eu dava uma disciplina, a Vilma uma e dividiam por disciplina, porque, assim, quem fazia Pedagogia não tinha a menor ideia do que era trabalhar em creche, mas, assim, nem desconfiavam o que era, então a gente foi preparando o máximo de pessoa que a gente conseguiu. Aí passou mais um ano, daí no ano de 90... Isso daí já era, olha, Paulo Mendes foi eleito em 92, 93, 94, 95 e 96, certo? Daí em 96 o Amary foi eleito, então esse horror aconteceu em 97, 98. Olhe, a coisa foi tão feia que eu já estava esgotada, e eu terminei a pós-graduação e só ia conseguir entregar o certificado lá em agosto, então eu fui fazendo o máximo do esforço, teve um dia que eu fui numa escola, numa escola difícil, e

não era nem creche, era CEI, que não era integral. Tudo era CEI, Centro de Educação Infantil, e tinha o parcial e integral, e o parcial era a pré-escola, então uma professora que tinha certa dificuldade, então eu conversei com ela, sugeri uma porção de coisas e tal, e isso constou no termo de visita, como eu estou conversando com você, se eu tivesse que escrever um documento lá pro seu professor que você está fazendo o mestrado, eu tinha que pôr “olha, Gabriela veio, a gente conversou” e tal, e tenho que contar o que aconteceu, então termo de visita de supervisora em pré-escola você tem que dizer o que aconteceu, não posso inventar “cheguei, conversei com a diretora e estava tudo em ordem e agora estou indo embora e continua tudo em ordem”. E acho que até meu nome, Vera, é “verdadeira,” então eu sou realmente muito verdadeira, tudo isso que eu estou falando você pode ter certeza que aconteceu. Aí quando eu descobri, quando eu fiquei sabendo, eu recebi um chamado da... Assim, tinha a secretária da Educação, e abaixo da S., eu esqueci o cargo, mas tem um cargo abaixo, e ela me chamou lá, e ela falou assim: “olha, quero conversar com você, eu não sei o que aconteceu, mas você nomeou uma professora que você orientou no seu termo de visita, a xerox do seu termo de visita tá na mão do prefeito”. E falei: “mas por quê?”. Ela falou assim: “porque a professora era esposa de um que tinha cargo lá na FUNSERV”, e era algum meio importante, eu não lembro nem o nome, mas eu não retiro nada do que eu falei, porque realmente foi o que acontece, eu então eu não vejo onde que tá o meu erro. “Não, porque a gente não deve nomear as pessoas”, falei: “por que não?”. Eu acho que tanto pro bem quanto pro mal, e outra, ela não fez nenhum horror, e eu só expliquei que eu tinha sugerido atividades pra ela porque ela estava tendo dificuldade de desenvolver aquilo, então eu não fiz nada demais, e nem falei que ela era professora ruim que ela batia em aluno, nada disso. Falei “então não vejo motivo pra isso”. Mas isso me chateou de uma tal forma, porque daí você já está esgotada com tudo aquilo que aconteceu, você vê um trabalho seu de dois anos ser jogado na privada e deram descarga e foi embora, então esse governo quero mais que se dane, e de verdade, eu fiquei num desânimo. Daí eu fiz o cálculo, o meu tempo já tinha vencido em janeiro, eu já podia aposentar, e isso era agosto, falei “não, vou entregar primeiro a pós-graduação”, porque eu fiquei com pouco tempo de prefeitura, então eu fiz o máximo que eu pude, e supervisora também aumentava o salário, assim você ganhava mais e aquilo ia sendo acrescentado a cada mês X%, então, quando chegou em setembro, que em agosto eu entreguei a pós-graduação, em setembro eu já recebi com o aumento, daí vencia uma licença prêmio, aí eu falei “então agora eu vou pedir demissão”. Dia 1 de outubro eu pedi demissão, e daí a gente pede demissão num mês e você trabalha até o último dia do mês seguinte, então

eu trabalhei até o dia 30 de novembro. 30 de novembro eu encerrei minha carreira e 1º de dezembro eu estava aposentada. Então é isso que eu vivenciei na rede. Depois disso eu fui chamada várias vezes pra várias coisas, eu nunca aceitei, nunca fui, porque, assim, a decepção foi muito grande, sabe? Eu achei que eu dediquei todo meu tempo pra prefeitura e daí, na hora de eu sair, eu recebo isso? E a ideia minha era ficar até o fim do governo do Amary, não do segundo governo, mas do primeiro governo. Então, ele estava no segundo ano de mandato, eu pretendia ficar mais dois anos... E como eu saí antes, eu tenho só oito anos de trabalho na prefeitura, tanto que depois, com o passar do tempo, tudo o que acontece no ativo, pra funcionário da ativa o aposentado tem o mesmíssimo direito, então tinha gente que falava “mas você vai ficar trabalhando de graça?”, isso antes de acontecer o rolo. Eu dizia “não, eu vou ficar até acabar o governo do Amary, daí eu aposento”, mas daí tudo bem, não deu, saí e tal. Aí uma vez teve um acontecimento lá de um funcionário, porque o Amary mudou uma lei, mas não revogou a anterior, então teve um funcionário que entrou com um processo, e ele ganhou, e ele recebeu um monte de dinheiro porque o Amary tinha esquecido de revogar a lei anterior, e quando isso tornou público, a prefeitura inteira entrou com processo, e eu entrei também, num grupo, só que ninguém mais ganhou, e demorou, só em 2016 que eu fiquei sabendo que o processo foi até o Supremo, então a gente perdeu aqui na prefeitura em primeira instância, perdemos em São Paulo na segunda e foi pro Supremo em Brasília e perdeu, mas tudo bem. E a custa era 200 e não sei o quê, então esse foi o prejuízo que eu tive, mas demorou 16 anos pra sair. Mas teve um aumento que a gente foi até... Assim, porque você não perde contato, muita gente que estava ainda trabalhando mantém o contato. Agora não, a maioria que trabalhou comigo já aposentou também. Então teve uma proposta lá e depois foi aprovado, só que no último instante a gente estava lá na Câmara, um vereador pôs lá que quem era da FUNSERV só teria direito àquele aumento se tivesse dez anos na prefeitura trabalhando, dez anos de trabalho como diretora, porque era só pra diretora de pré-escola, e eu tinha oito, e daí mesmo somando o de São Paulo, não dava os dez anos, porque conta menos quando não é da prefeitura. Que nem, o tempo que eu trabalhei tudo registrado em INSS pra prefeitura, o ano não conta um ano, não contava, não sei se mudou, então contava oito meses. Então não dá, o meu faltou. Não tive esse aumento, então depois você ganha aumento em cima de aumento, se eu fizesse as contas, ia dar um tantão. Mas não tem importância, o que eu ganho tá ótimo, maravilhoso. Então é isso.

Como eu entrei com o “Creche & Vida”, a gente discutia muito com a Maria Inês o que ela achava que devia ser, e muita coisa eu já fazia porque era o bom senso que mandava. Esse negócio de criança dormir... Vai dormir se tem sono, se não tem sono, não dá pra criança



dormir. Então uma pessoa fica com as crianças que estão dormindo, e a outra sai com as que estão acordadas, porque as que estão acordadas vão atrapalhar o sono das outras, então você sai, você vai fazer alguma atividade que distraia a criança, porque não adianta você querer que alguém durma se não está com sono. Outra coisa que foi assim bem gostosa de fazer foi mudar o jeito de comer, então a criança comia tudo, assim, com a colher e segurando o prato e comendo, então daí a gente foi devagar mostrando como que comia de garfo e faca, daí você recebia reclamação da mãe: “agora ele quer que eu coma de garfo e faca também”, sabe? Então, assim, coisas que faz parte da educação, porque eles ficam o dia inteiro, e na minha época todos ficavam, hoje eu sei que é só até 3 anos que fica o dia inteiro, a partir de 4 já fica só meio período, então eu pensava “eles vão sair com 6 anos daqui, então tem que sair meio formados já”, porque depois vai pro ensino fundamental, não vai ter refeição, não vai ter isso lá, né? Então a intenção da gente era essa, o banho, como é importante tomar o banho, tomar um banho direito e tal, e as creches na época eram bem equipadas, criança pequena tinha lugar certo pra tomar banho, criança maior já podia ir até em box. Aquelas do minigrupo, por exemplo, que não tomam banho sozinhas, tinham o lugar lá certo, elas subiam na escadinha, então a professora ficava em pé, não precisava abaixar. A bancada de troca também tinha uma altura que a gente estabeleceu pra professora não ficar abaixando, então foi nessa linha. E material, a gente estabelecia nas reuniões qual era o objetivo, começamos a trabalhar projeto também com criança maior, que nem, quando já estava na idade de 4, 5 e 6 anos, já começava com numeração, com material mais pedagógico mesmo. Até os 4 anos era brinquedo, até os 3 anos era brinquedo normal, de brincar mesmo, agora de 4, 5 e 6 já tinha uma intenção, então tinha material que a criança aprendia as letras, aprendia a escrever o nome dela, aprendia números, ler os números, assim, uma coisa bem simples, mas era dado, e tudo isso a gente fazia reunião. Então a gente montava lá o esquema do que era necessário, do que a gente achava necessário, e eu discutia com as professoras e tal. Enquanto a Maria Inês esteve na prefeitura, as reuniões era com ela, depois era com a chefe da divisão da Educação, que não sei como chama o cargo hoje. Ela fazia reunião com as supervisoras, e daí as supervisoras faziam as reuniões com os diretores, então eu fazia a reunião com o grupo de escolas que eu supervisionava, era marcada a reunião, e daí eu fazia em uma das escolas, e fazia a reunião com as minhas diretoras. As supervisoras eram orientadas pela chefe de divisão. Não tinha nenhum material físico, inclusive eu lembro uma vez que eu fiquei chateada, porque, assim, quando eu começo a falar, eu vou embora, certo? E sempre fui desse jeito, e uma vez, uma que era chefe de divisão falou pra mim que eu era prolixa, que eu falava muito, e daí eu tirava a chance de outras pessoas se manifestarem. Aí eu falei “ué,

enquanto uma tá quieta, eu falo mesmo, se eu tenho que falar, eu falo, se for pra vir na reunião e não falar nada, não precisa ter reunião”... E era assim, mas foi um tempo que valeu na minha vida, foi muito bom.

P: O que você entende por infância, creche e educação infantil?

Infância pra mim é o período que vai desde que a criança nasce até, segundo Piaget, a idade que ela começa a ter uma educação formal. Ela continua sendo criança até a adolescência, mas dentro da escola, dentro da educação, então você vai mudar a conduta a hora que ela cresce e ela já é capaz de construir o conhecimento dela, apesar que eu tô falando uma coisa que não é bem isso, porque a criança constrói desde que ela começa a conhecer aquilo já vai sendo uma construção. Eu lembro de uma palestra que eu ouvi do professor R. que ele falava assim: se você falar pra uma criança, dar um giz pra ela e falar pra ela “escreva sol” e ela desenhar um sol, ela já está se comunicando, porque toda vez que você olhar ali, você vai ver um sol. E isso marcou pra mim, e é real, isso é verdade. Ela pode não saber usar as letras, os símbolos para definir a palavra, só, mas ela sabe o que é sol e está mostrando que sabe, então ela já está começando a se comunicar.

A ideia de creche pra mim, quando eu ouvia falar em creche, antes de trabalhar na creche, eu sempre imaginava, assim, uma montoeira de criança, e tudo de coitadinho, então eu pensava “imagine, eu vou ter filho, eu não vou pôr na creche”, porque eu achava que não era aquilo que eu queria pra filho meu, e realmente eu não pus na creche, eu pus na escola, em escolinha, porque creche é creche e escolinha é escolinha. Depois que eu fui trabalhar na creche que eu entendi o que é creche, mudou totalmente minha visão, inclusive filhos de sobrinhos meu entraram nas creches depois que eu estava na creche, e ainda contavam para as diretoras que eram meus sobrinhos, e as diretoras pensavam “esse eu tenho que tratar direitinho” (risos). Elas mesmas contavam pra mim, era interessante. Mas aí eu passei a enxergar creche como uma instituição de educação e não de assistência social, então a creche não é um lugar onde a mãe deixa pra ela poder trabalhar, não. A creche é um direito da criança, é um dever do Estado, e uma opção dos pais, e um direito das crianças, então, na realidade, a mãe não precisa trabalhar pra pôr a criança na creche, ela põe basta ela querer pôr. Por acreditar que a creche é um lugar bom pro filho dela, ela deveria poder, quer dizer, não põem porque não tem vaga, então tem que se estabelecer um critério pra assumir vaga na creche, mas eu acredito nisso, acredito que é um direito da criança, então todas as crianças deveriam ter vaga na creche, independente de condição social de mãe trabalhar e tal.

Educação infantil pra mim é abrangente, então na creche a educação é educação infantil, a única coisa que diferencia é que tem o período integral ou o parcial, mas a educação infantil, ela é abrangente, existe pra criança desde que ela nasce até a hora que ela fica adolescente, aí já não é mais infantil.

## APÊNDICE D – Entrevista Darcy

Pesquisadora responsável: Gabriela Aceituno

Orientadora: Profa. Dra. Maria Walburga dos Santos

Título da pesquisa: O PROJETO “CRECHE & VIDA”: História do atendimento a bebês e crianças pequenas na Educação Infantil pública de Sorocaba, SP. (1989 a 1992)

Este roteiro de entrevista episódica é parte da pesquisa de mestrado em educação na linha 1: Formação de Professores e Práticas Educativas do Programa de Pós-Graduação em Educação do Campus Sorocaba. As respostas às questões que se seguem devem ser verdadeiras para que a pesquisa tenha validade. A participação é voluntária e sem riscos de qualquer ordem. A pesquisa tem como objetivo maior contribuir para a melhoria da educação infantil. Agradeço a disponibilidade em participar!

**Nome:** Darcy

**Data de nascimento/idade:** 12/11/1947 / 75 anos    **Sexo/gênero:** feminino

**Cor/raça (de acordo com as categorias do IBGE):** Indiana

**Formação Inicial:** Magistério e Pedagogia

**Vida profissional:** Administradora COHAB

**Cargo ocupado no projeto:** Administradora de creche

**Data da aposentadoria:** 05/2004

Entrevista realizada em Junho/2022

P: Como você chegou na profissão?

Eu trabalhava lá no conjunto habitacional no jardim Guadalajara, eles montaram umas 180 casas e eu fazia o trabalho assistencial lá. Então eu recolhia do banco o pagamento da COHAB, inscrição para o novo núcleo e fazia o atendimento lá. Era um negócio tão antigo que ali a Dona I.: “Darcy, eu soube que a Conceição disse que tem visita lá na casa dela e não pode”. Olha que horror, que chato ir lá, sabe... Que isso, eu já achava errado naquela época. Então era eu ficar ali. E um monte de briga, porque pegou aquelas pessoas que conseguiram a casa e foi tudo pra lá, então começava briga de vizinho, tinha que ir. Crianças que apanhavam, briga de marido e mulher, além de cobrança de prestação da casa. E a Dona I. viu que o I. não dava certo lá e colocou uma assistente social comigo E., ela trabalhou comigo lá, mas eles, quando queriam alguma coisa, passavam na porta e se a E. estava lá ninguém ia, então me assumiram assim pra tudo. Aí a Dona I. falou assim: “eles não vão muito com a E. porque pra trabalhar com a comunidade mais carente tem que ter um jeito, se

não eles não chegam”, e eu sempre fui dada, vim do interior, então, ela falou: “vamos fazer assim, você recebe o morador, vê a situação dele, o que está acontecendo e depois passa para E.”. Daí quando ela viu que o Ivan não dava certo lá, que ele fechava o escritório do núcleo e ia dormir, ela falou assim: “Darcy, vamos colocar você lá no Maria do Carmo e vamos criar um cargo pra você lá”. Daí eu fiquei meio período, depois que saiu o cargo era o dia todo, das 7h às 6h, isso quando não esqueciam criança, 8h, 9h 10h da noite eu estava lá. Depois passou para a Educação.

P: Relate como foi a sua experiência e sua atuação no projeto “Creche & Vida” (fatos marcantes, contribuições, relação com as famílias e as crianças e a elaboração/implementação do projeto).

R: A primeira creche em Sorocaba, no jardim Maria do Carmo, foi iniciada na promoção social da prefeitura, naquela época eu fui pra lá, ela era pra empregada doméstica, família carente e... Mais era empregada doméstica que trabalhava fora e família pobre. Então era assistencialista total, quando eu comecei lá, as crianças não tinham nada, não tinham atividades, foi trabalhado com regentes maternais, eram senhoras, pessoas adultas que sem curso nenhum começou a cuidar das crianças lá. Cada uma fazia o que podia, era um rodízio que funcionava, a regente maternal, tanto ela trabalhava com as crianças e também quando mudava o grupo elas eram cozinheiras também, nesse tempo era bom que as crianças tinham alimentação caseira, elas tinham atendimento, cuidadas, não tinha programação. Então as crianças estavam lá para serem alimentadas, cuidadas, higienizadas e ter o acompanhamento de enfermeira. A criança chegava 7h, a gente recebia as crianças, elas tinham alimentação lá em cima, eram crianças de 3 meses a 5 anos, saia de lá pra pré-escola, e as crianças tomavam café e já iam todas para a higiene, porque geralmente elas vinham descuidadas, elas voltavam pra creche com as roupas que elas tinham ido na tarde anterior, então tomar banho, depois todas sentadinhas tomar colação, que era um suco ou uma frutinha, 10h30 almoço dos pequenos, berçário às 10h, minigrupo 10h30 e os grandes 11h. Então eles viviam esperando, esperar o banho, esperar o café, esperar o almoço e as pessoas que trabalhavam comigo eram pessoas assim, que não existe mais, da minha época elas cuidavam mesmo, só que daí eu notava que as crianças ficavam trocadas e era assim: “você já tomou banho, não vai se sujar mais”, então as crianças não podiam brincar no parquinho pra ir embora limpinha pra casa, e a empregada doméstica ela vinha, deixava as crianças, e num tempo que não existia fralda descartável, muitas vinham sujas, que a mãe já levantava da cama e já levava, tinha umas meia dúzias que vinham limpinhas, que tinha

fralda de pano. As outras não tinham nem fralda de pano, a gente era obrigada a pôr o que tinha na criança, eu que sempre fui esse jeitão assim, a minha família ajudava, sabe? Se tivesse panos limpos a gente levava tudo pra lá. A criança não tinha o que pôr... E naquela época a gente tirava o excesso no tanque da creche, tinha um tanque lá que tirava o excesso, olha que horror, então a mãe não tinha nada de trabalho, fazia tudo, e quando a criança estava doente tinha enfermeira a V., uma enfermeira antiga também, já deve ter morrido, ela levava a criança no posto, ela acompanhava a vacina da criança, ele pegava o remédio no posto. À tarde a mãe chegava, dava o remédio e ensinava como fazia. Na hora de fazer a matrícula dessa criança, a inscrição, eu fazia lá em cima a inscrição, todos os dados da criança, quem podia pegar, quem não podia pegar, o que a criança tem, doenças, tal. Depois de fazer esse processinho, eu mandava a mãe lá pra enfermeira, daí a enfermeira ia perguntar do parto, ia perguntar disso, assistencial ao todo. E foi um bom tempo, como eu fazia o magistério, eu vim de uma cidadezinha pequena pra cá com a minha família e comecei a trabalhar, e consegui trabalhar com a dona I., e lá eu comecei a fazer... Eu terminei o normal aqui em Sorocaba e o magistério eram três anos, lá no magistério tem o calendário anual das datas, sabe? Janeiro, as festividades de janeiro, fevereiro, março, abril... Semana da criança, Natal. Então eu passava para as regentes maternais e elas davam atividades, porque cada um tem um jeito, né? Então toda criança vestia a roupinha de índio, pintava a cara, tudo tinha, aniversário do mês eu fazia também todos, mas porque eu aprendi um pouco lá e um pouco de mim mesmo, né? E como o tempo foi passando, acho que a dona I. foi só isso mesmo. Ah, elas não tinham aula, não tinham nada, mas conforme as pessoas que trabalhavam lá elas inventavam delas, então tinha uma parede de azulejo, elas davam atividades com guache... Porque tinha um material bom na prefeitura, bom não, mais ou menos, mas a prefeitura mandava, toda alimentação boa, as crianças tinham tudo, não sei agora não sei como é. Quando era muito calor, a gente mandava pras mães se podia dar banho de esguicho, tudo no cimentado, eles deitavam lá esse tipo de atividade, de giz pra eles aprenderem a ter coordenação, eles deitavam o outro, passava circulando o giz no corpo, tinha atividade assim nesse sentido e tinha umas que tinha bastante talento, sabe? Contava história pras crianças, tudo assim na base do vamos conseguir, porque minha família é grande, eu conseguia meninas que estavam fazendo balé: “você não quer ir lá na creche?”, só o fato de ir lá ir fantasiada, meninos, palhaços. Montei uma vez um circo, era nossa criatividade, eu tinha muita criatividade naquela época, agora com 75 anos já não tenho mais. E a minha família ajudava muito, minha mãe morava numa chácara e fez uma reforma lá, e o material que sobrou, telha de térmita tudo, eu ia lá na oficina da prefeitura: “olha, você não pode fazer tal coisa?”, eu pedia para os conhecidos meu lá na

prefeitura, eu queria uma casa de boneca, fiz uma casa de boneca, até hoje existe, tudo bonitinha com cortina tudo pras meninas brincarem, sabe? Era coisa que a gente foi fazendo. Quando eu terminei a escola, houve uma mudança lá que tinha que ter um ano de pré-escola, eu fiz, daí na faculdade eu cresci muito nessa época, porque daí aprendi as técnicas mesmo de contar história, de fazer fantoches onde eu ia. E era uma equipe junto, quando passou mais tempo, as crianças comiam prato plástico, colher de plástico e caneca de plástico, e não tinha nem um livro na vida que falasse de creche, não tinha nada na mão, há 40 anos atrás. A dona I. falava: “a gente não sabe o que vai fazer, porque não tem nada”. No tempo do P., ia no palácio da saúde, tinha reunião de cidades, todas as cidades 50, 100 cidades todas falando do mesmo assunto, e o pessoal ia pra cada lugar, foram pra Cuba pra ver como que era tratado criança lá, eles vinham quase sem nada, vieram falando de um vagão abandonado que tinha lá, que o pessoal usava aquele vagão, eu falei “usava vagão para quê?”. As crianças entram dentro, faz que é motorista, faz que tão sentado lá. Eu falei “ué, mas é isso que a gente faz na creche”, a gente põe as cadeirinhas lá e era um trem. E era essa ida e o que era ruim pra nós, que quando não tinha essas atividades era o esperar, a criança espera para tomar banho, ela espera comida, espera pra isso, não tá certo isso. Então, quando o tempo da promoção social era mais isso, era uma assistência que as pessoas chegavam na creche e aí que judiação, sabe? Eu tenho um irmão piloto que uma vez era o Papai Noel, e consegui que ele levasse uma carroça lá da chácara, enfeitamos a carroça com papel, daí todo ano a creche Maria do Carmo saía pelo bairro com o Papai Noel, que eu mandei fazer a roupa, jogava bala, e as pessoas chegavam à porta pra ir a festa e mexia com o bairro aqui e falavam “ai, que judiação”, umas choravam, eu falava “Meu Deus, pra que isso? Não precisa chorar por causa das crianças estarem aqui”. “Ai, fica tudo aqui abandonada, sem mãe”, a mãe estava lá fora, muitas vezes ela vinha cedo, toda estourada a cara, que o pai batia, o marido alcoólatra, drogado, batia. Então era assistência total. Nessa época tinha só a creche da imaculada, lá na 9 de Julho, uma creche de freira, acolhia criança lá, mas lá era assim: acolhia um, depositam, ela ficava ali na rua, pra comer, só que atendia mãe solteira, eu fiquei sabendo por elas quando chamavam elas pra ir lá, que virou a creche polo aqui, e eu perguntava pra elas sobre o trabalho das mães e elas falavam “olhe, lá é disciplina”, e quando a mãe chega, mãe solteira grávida era um ergue, então a nossa, que era primeiro mãe solteira, empregada doméstica e família carente, e tinha uma creche da Imaculada, que uma amiga minha, M., que faleceu esses dias, era também obra de alguma igreja, que ela ia também nas reuniões, ela mesmo fazia parte lá com as crianças, de escrever e do dia a dia. Quando entrou a primeira vez o Antonio Pannunzio que entrou a Maria Inês foi um “fuá”, um vira volta total, ela entrou de cabeça, no

primeiro mandato primeira coisa, ela foi tirando prato de plástico, prato de louça, colher e faca, a gente ensinou tudo isso. Entrou aquele projeto de estagiárias, elas estavam fazendo magistério e a prefeitura contratava essas estagiárias. Foi crescendo, e houve assim algum atrito com as regentes maternais, mas a maioria foi se adaptando, então ela trouxe um ânimo novo para creche. Eles eram jovens, brincavam, usavam atividade criativa, a criança passou a ter recreação, começamos a fazer excursão, conseguia as coisas fácil na prefeitura, davam ônibus, a gente levava as crianças pra passar o dia... Era um problemão, a gente levava colchonete, comida, tudo, era uma garra muito grande, e isso continuou, e a Maria Inês sempre aqui comigo e apareceu nos livros de creche. Nessa época tinha a creche domiciliar, que era a R., ela tinha creche domiciliar, que era uma mãe que tomava conta das crianças dos outros e as delas, então ela fazia a alimentação para as crianças, ficou um bom tempo as creches domiciliares e a mãe crecheira, em cada bairro tinha essa creche domiciliar. Quando a Maria Inês chegou, a coisa foi crescendo e foi aparecendo outro tipo de cuidar de criança além de ser assistencial, ela continuou atendendo as crianças carentes, diferente de agora, que na creche você só vê carrão chegando, antes não, tinha horário pra entrar e o desespero da mãe e do pai era tão grande que na minha época, 40 anos atrás, você falava “olha, chegou atrasado, não pode, tem as crianças que já tomaram café” e eles diziam “olha, se não pegar, eu jogo aí por cima”. Teve um que jogou no jardinzinho ali em cima. Era mais isso, quando a Maria Inês veio, foi criado cargo pra mim, que não existia diretor de creche, existiam as pré-escolas que viam a gente com um certo desprezo, quando eu cheguei, que eu já tinha faculdade, tudo, a dona I. chegou e falou: “você tem faculdade, né? Você se deu bem aqui no Guadalajara, vamos tentar você lá”. Só que daí criaram um cargo pra mim, uma portaria como administradora de creche, ganhava um pouquinho a mais, porque era um serviço árduo, né? Isso as diretoras de pré-escola acharam ruim, depois a gente se igualou, a nossa reunião era junto, muitas delas começaram atender criança. Quando a Maria Inês chegou, era assim: criança de creche tem que ter pré-escola, 4 anos tem que ter pré-escola. Todas as creches antigas têm, por exemplo, a Maria do Carmo tem a creche e o posto médico com livre acesso, e tudo era ali, acontecia alguma coisa, subia a escada, tava ali no posto, todas as creches que foram criando depois era assim. Quando a Maria Inês falou “vamos falar com o 38”, que era atravessando a rua aqui, nós levávamos as crianças. Primeira, segunda e terceira fase era a gente que levava, atravessava eu e o servente e a outra moça que trabalhava comigo e deixava as crianças lá. Mas foi assim um bom tempo, de repente a educação foi e deixou tudo junto, daí ficou assim, as creches fica até 3 anos, 4 anos já não fica mais, então tem berçário,



minigrupo e maternal, saiu do maternal é 1ª fase, então as creches hoje em dia só pegam crianças nessa idade, e as outras pré-escola né? E eu acho que mais é isso.

Quando passou para educação, eu sofri muito nessa época, aquele pessoal bom... As estagiárias foram assumindo, depois veio as professoras e foi um atrito. As estagiárias cuidavam das crianças, a regente maternal fazia tudo, limpava cocô, e quando a professora veio, ela veio professora, então não cuidava de criança, ela falava: “eu não vim pra cuidar de criança, eu não sou regente maternal”, então ficou um bom tempo as estagiárias fazendo isso e o professor, professor. Isso foi quando a mudança veio e o professor para ficar com a criança. E tinha estagiária e regente maternal que era melhor que o professor, mas o professor tem que saber que a função é geral, educar e cuidar. Hoje já está mais assim.

E essa minha regente maternal lá do 58, ela começou a cobrir quando faltava funcionário em outro, ia embora e não chamava outra, iam remanejando esse pessoal, porque daí já tinha a Vila Jardini, Brigadeiro Tobias, Laranjeiras acho... Então elas não foram mandadas embora, elas foram remanejadas, sai elas e vinha ou professor, ou estagiárias. E foi um processo longo, porque foram aposentando as senhoras e daí deu certo.

Aí apareceram os primeiros livros sobre creche, a gente se encontrava uma vez por mês para estudar aquilo ali, foram aparecendo mais creches. Vinham muitas pessoas de outras cidades aprender com a gente, ver os trabalhos das crianças. Reunia a creche e a pré-escola. Parou essa história de enfermeira, passou a exigir mais dos pais, hoje em dia é outro nível.

P: O que você entende por infância, creche e educação infantil?

Creche é um direito das crianças e decisão dos pais, porque se tem uma pessoa que precisa de creche, a criança tem esse direito, agora se o pai tem condição de cuidar em casa, o ideal seria a casa, com todos os cuidados, mas se não, é um direito que a criança tem de ser alimentada, de ser educada, de ter um bem-estar, é um direito dela que tem que ser preservado sempre. Ninguém vem ao mundo para sofrer, não tem que ficar naquela fila de espera. Tinha fila de espera de 40 crianças lá na creche, eu atendia 120 crianças lá em cima, atendia 15 a 17 crianças no berçário, de 6 meses a 1 ano, e daí eu inventei um berçarinho, porque chegava bebê de 3 meses e os outros já faziam barulho tudo. Então tinha um depósito lá, a gente colocou berçarinho para os bebezinhos de 3 meses até ele engatinhar, e colocamos uma pessoa lá, pra ele ter o sossego dele. Então ali era como se ele estivesse na casa dele mesmo, e a comida do bebê era feita no lactário, sopa 1 para os maiores e a sopa 2 para os

menores. Tinha um depósito de material velho quebrado lá, eu falei “pra que isso?”, um dia peguei o vigia lá e limpamos, chamei a prefeitura, carregou tudo, pintamos e fiz uma sala de audiovisual lá, fui até o Paraguai comprar uma televisão. Nunca cobreí mensalidade, boletim, como cobrar mensalidade naquela época, tirar daquele ser humano que não tinha nada na vida? Nunca. Era coisa que eu fazia em silêncio.

Educação infantil, eu acho assim, na idade da creche, é dar atividade motora para criança, não alfabetizar, é preparar a criança para a pré-escola, dando jogos, brincadeiras, histórias, não querer que essa criança escreva o nome, é preparar fisicamente, manualmente e a cabeça. Infância é um período que é uma vez na vida e acabou, então nessa época a criança tem que viver a infância dela, procurar poupá-la das encrencas e brigas, das situações difíceis, sabe? Que ela tenha contato com esse tipo de coisa que acontece hoje. Infância é o tempo de guardar para o resto da vida, tudo que você passa na infância é para o futuro, é sonho, fazer para a criança uma vida prazerosa, e estímulo.

## APÊNDICE E – Entrevista Neide

Pesquisadora responsável: Gabriela Aceituno

Orientadora: Profa. Dra. Maria Walburga dos Santos

Título da pesquisa: O PROJETO “CRECHE & VIDA”: História do atendimento a bebês e crianças pequenas na Educação Infantil pública de Sorocaba, SP. (1989 a 1992)

Este roteiro de entrevista episódica é parte da pesquisa de mestrado em educação na linha 1: Formação de Professores e Práticas Educativas do Programa de Pós-Graduação em Educação do Campus Sorocaba. As respostas às questões que se seguem devem ser verdadeiras para que a pesquisa tenha validade. A participação é voluntária e sem riscos de qualquer ordem. A pesquisa tem como objetivo maior contribuir para a melhoria da educação infantil. Agradeço a disponibilidade em participar!

<p><b>Nome:</b> Neide</p> <p><b>Data de nascimento/idade:</b> 05/12/1950 - 72 anos    <b>Sexo/gênero:</b> Feminino</p> <p><b>Cor/raça (de acordo com as categorias do IBGE):</b> Branca</p> <p><b>Formação Inicial:</b> Magistério; Pedagogia/Administração</p> <p><b>Formação complementar:</b> Orientação escolar; Especialização em pré-escola; Terapeuta de família e de casais.</p> <p><b>Vida profissional:</b> Professora; administradora de creche; diretora de pré-escola; terapeuta.</p> <p><b>Cargo ocupado no projeto:</b> Diretora de pré-escola.</p> <p><b>Data da aposentadoria:</b></p>
---

Entrevista realizada em Junho/2022

P: Como você chegou na profissão?

R: Eu entrei como professora efetiva da rede em 1980, no ano anterior, eu trabalhei na CEI 06, que hoje é a escola Julica, e eu tinha como experiências anteriores trabalhar na zona rural em Piedade, Cotia, Jandira, mas em escola estadual. A primeira experiência com educação infantil veio no Senador Vergueiro, que eu trabalhei um ano lá, mas na rede municipal mesmo foi em 79 que eu peguei uma licença no Julica, daí já veio o concurso e eu passei em primeiro lugar. A gente pensa que é bom e é bom mesmo passar em primeiro lugar, porém fiquei com todas as opções, só que nisso a minha filha mais velha, que hoje também é

professora na rede e está aguardando para assinar sua aposentadoria, estava numa fase muito doente e eu queria voltar lá no CEI 06, porque tinha um pedido da diretora para que eu voltasse, que ela gostou do meu trabalho e eu gostei dela e da escola, porém a minha filha doente, eu morava no Paulistano e eu não tinha carro, a minha situação estava difícil, eu tinha que largar do estado, e o estado na época pagava muito mais do que na rede municipal, mas eu tinha que fazer essa opção, ganhar pouco, e na rede municipal eu poderia levar meu filho que estava na idade. Então eu escolhi, hoje é o CEI 15, não sei o nome da escola, CEI 15 na Juscelino, e era projeto CECOPE. Então, era bem desafiador, porque nós trabalhávamos junto com os pais. Eram pais, avôs, tios, quem quisesse entrar dentro da escola e mais as crianças, sem infraestrutura nenhuma: não tinha lápis, não tinha papel, não tinha... Então nós trabalhávamos muito com sucata, e tinha que ser muito criativa pra você trabalhar com tudo aquilo, então o que valeu, minha experiência na zona rural, que tinha poucos recursos, e minha vida com poucos recursos também, que eu tinha que criar e inventar, eu levei pra dentro do projeto CECOPE. Os pais traziam doações de lápis, de papel, alguma coisa. Eu deixava na mesa, dava instruções para alguns pais, alguns avós que estavam ali. Outras eu punha no tanque de areia com as crianças, e eu descia com um grupinho mais abaixo, porque a escola ali é bem comprida, e eu ficava lá embaixo, que era diferente, era alambrado e não tinha muito movimento, eram poucos carros. Daí a gente ficava brincando de adivinhar cores, qual a próxima cor do carro que subia. E começou a dar tão certo o projeto dentro do CECOPE com as minhas ideias e com os recursos que a gente tinha, o secretário da Educação da época começou a trazer pessoas de fora para conhecer, então vinha gente de Curitiba, de Campinas e tudo mais pra eu explicar como que eu trabalhava, eu tinha como funcionário uma merendeira e um porteiro e assim, administra aquele monte de pais. E a merenda era aquela merenda igual do estado, que era tudo de soja, as crianças não gostavam muito... Era uma série de dificuldades, e tudo corria pra Secretaria de Educação para pedir e reivindicar, e tudo mais. E o professor M. começou a gostar do meu trabalho e trazer as pessoas, no ano seguinte, em 1981, ele me leva pra fazer parte de uma assessoria, porque ele queria começar a expandir os CECOPEs. Qual a ideia dele? Como não tinha recursos para inaugurar escola e dar uma estrutura de escola convencional, ele falava pra gente: “eu vou criar problemas, porque daí o prefeito uma hora... A comunidade começa a reivindicar e esses projetos vão começar a virar escola, o que eu quero trazer são essas crianças pra dentro de um lugar que elas tenham uma condição, pelo menos um professor e tudo mais”. Tanto é que ele também era muito criativo, que uma vez ele pediu... Que tinha a Secretaria de Obras, tudo que precisava de estrutura física era na Secretaria de Obras, e ele queria (ele tinha um projeto das

praças também) umas rodelinhas de madeira para jogar dominó, damas... E ele não conseguiu, aí ele pediu vassoura e conseguiu, e fez cortar todo aquele cabinho de vassoura e o pessoal da praça mesmo pintava e virou dominó e dama para jogar ali. Então ele tinha uns lances assim, ele era muito jovem naquela época, diferente, tinha uma cabeça, ele já tinha morado nos Estados Unidos, isso em 1981. O secretário montou uma equipe, eu e mais outras pessoas, para a expansão do CECOPE. E o projeto foi inaugurado na Vila Fiore, na Vila Haro, hoje todos viraram CEIs, com estrutura de escola mesmo. No começo tinham muito preconceito com esse projeto, todo mundo que trabalhava nesse projeto tinha um preconceito, e eu fui quebrando isso. E esse projeto ficou de 1981 até quando foi inaugurado o Paço Municipal lá onde é hoje, nós fomos pra lá, e daí veio mais uma psicóloga, a V. e duas professoras da rede, entre elas eu. A vaidade era tanta que começou a haver confusão, e eu comecei a ver que aquilo não ia dar certo e falei: “ano que vem eu vou voltar pro meu lugar porque eu não quero ficar nessa confusão”, mas daí o professor M. começou a perceber, ele inaugurou acho que mais dois ou três CECOPEs, e ele falou: “ano que vem vou acabar com isso”, porque eu acho que depois ia ter eleição, e ele sabia que ia ter que parar. E daí o pessoal da Secretaria da Educação começaram a falar para o professor M.: “como que você vai deixar ela assim, ela passou em 1º lugar”, e daí a N., que é minha amiga até hoje, pediu pra ele me colocar em algum lugar, e daí ele me falou: “olha, eu inaugurei uma creche que foi a primeira creche lá do Maria do Carmo” e ele colocou o irmão dele, uma calígrafo e era professor de Artes e ele não estava indo bem na creche, não estava contente com a creche, ele parava muito pouco lá, “e eu preciso mesmo de uma outra pessoa”, e daí eles vieram conversar comigo e foi feito um contrato para eu trabalhar as quatro horas e ganhava, acho que mais duas horas, mas eu nunca trabalhei menos que oito ou nove horas dentro da creche. Daí vieram com essa proposta e eu sempre gostei do desafio, aceitei, só que eu morava no Jd. Paulistano, e a creche era lá no Jd. Maria do Carmo, hoje você passa em frente à creche, tem uma rua de acesso, os prédios lá em cima, quando eu fui ver a creche era assustador, porque ali onde é o Parque das Águas, onde é o bairro em si, tinha algumas casas, muitos terrenos, não tinha asfalto, mas enfim, pra quem tinha dado aula na zona rural, tirado água de poço, feito merenda pras crianças, eu dava aula para três séries, junto, na mesma sala, tinha três lousinhas capengas assim, nem eu sei como que eu dava conta, eu sei que o desafio era muito melhor, eu fui pra lá e peguei a creche nessa condição. Tinha uma professora, que tinha entrado na promoção social como auxiliar administrativa, daí ela se formou como professora e tal e quando abriu a creche ela pediu. Era a I. que chefiava a promoção social e ela pedia pra dona I. quando houvesse a chance dela ir pra escola, aí quando abriu a creche e dona I.

deu essa chance pra ela. E as pajens deram um treinamento pras pessoas trabalharem com as crianças e elas trabalhavam tanto com as crianças como com a limpeza e a merenda, e tinha um senhor, o tio mané, que era jovem na época que ele fazia o portão e ajudava a servir a merenda. Na realidade, todo mundo fazia tudo. Na parte administrativa tinha umas fichas das crianças com o endereço, depois quando eu vou tomando pé, eu vejo que muitas crianças, aquele endereço já não era atualizado e tudo mais, tinha algumas crianças que eram de mães que trabalhavam no Paço, então elas traziam as crianças de manhã e depois iam trabalhar. E a creche tinha uma estrutura física que era assim: tinha a creche e o portão que passava pro posto de saúde, porque a ideia era quando as crianças ficassem doentes a gente levasse, só que daí era uma grande confusão, ficava tudo misturado. Eu cheguei e já encontrei essa situação, os funcionários, a hora que eles queriam, eles desciam pra creche, e os funcionários da creche a hora que queriam subiam pra lá, então na hora do almoço, eles vinham almoçar, todo o pessoal do posto de saúde vinha almoçar pra lá, só que quando a gente chega, e eu era muito nova na época, pense, eu tinha 31 anos, daí eu comecei colocar cadeado pra não ir. Nós tínhamos uma vez na semana, o Dr. A. era pediatra das crianças, e ele vinha atender as crianças, então era só numa emergência que eu tinha que correr pra lá, e eu comecei não querer, porque de repente eu procurava uma funcionária e onde estava? Aí estava no postinho. E o que estava fazendo no posto? “Ah, eu não estava bem”. Mas por que não avisou, entendeu? E também não sabia se dali ela saía pra rua, não tinha muito controle disso, não era que eu queria ter controle do funcionário, eu queria ter uma organização no atendimento das crianças. Daí comecei com essa única professora, e a cabeça era de educadora, nunca deixa de ser, né? Eu queria fazer um projeto de atendimento para as crianças. Até então eu tinha trabalhado com criança que ficava só um período, outro incômodo meu quando cheguei lá, eram as crianças pequenininhas que ficava no berçário, não saíam de dentro do berço, e eu falava “não, tem que ter um estímulo”, e cada vez que eu ia conversar com a minha chefe, eu percebia que ela ficava muito incomodada daquelas minhas questões, mas não incomodada pelas crianças, ficava incomodada de eu levar problema pra ela. Até que um dia, uma assistente social foi conhecer uma creche em Campinas que foi umas das primeiras e era ligada à educação, eu falei: “quero conhecer”, e trouxe algumas ideias. Daí fui conhecer uma creche em São Paulo, que hoje nem me lembro qual, tudo com assistente social. A prefeitura cedia um carro, a gente passava o dia, via a rotina deles, como era e ia anotando tudo que eu queria, daí veio uma outra professora, que também veio da promoção, que é a D. e a C., e eu comecei a querer fazer um planejamento, só que esbarra naquilo de não ter pessoas definidas. Quem ia ficar na merenda, quem ia ficar

com as crianças. Eu comecei a querer fazer treinamento, e tudo eu fazia, hoje eu vejo, eu tinha muita vontade e acho que, assim, eu precisava colocar muito empenho, muita força pra fazer aquilo acontecer, e até que um dia eu sentei com a dona I. e falei que tinha muita falta de funcionários, e eles começaram a mandar funcionários assim, fulano está dando problema no Posto do Éden, vamos pôr na creche. Não mandava embora e punha na creche. Então era uma enfermeira que dava problema no posto, a pessoa olhava pra criança e falava assim: “nossa, que veia boa para passar um soro”. Gente, aquilo me... Não tinha aquele olhar do educador. A outra dava problema lá não sei onde e botava na creche, não funcionava lá, botava na creche. Uma vez nós fizemos um passeio, porque era muito próximo do centro esportivo da Vila Gabriel, então de vez em quando a gente tirava as crianças em passeio pra Vila Gabriel. O menino mordeu a mão da pajem, ela não teve dúvida, mordeu a mão do menino, eu tinha uns problemas loucos sabe? E eu fiquei muito aborrecida, uma pajem, nós tínhamos uma cuba para dar banho nas crianças, ela deixou a cuba de inox esquentar tanto que queimou o bumbum do bebê. Eu chorava, eu ia pra casa e não conseguia dormir com tudo aquilo, eu queria fazer alguma coisa, e já trazendo os conhecimentos de fora. E quando eu ficava muito brava, lógico, os funcionários não gostavam né? E eu acho que, assim, tinha que ser alguém como eu, brava que eu era na época, botar bastante energia pra alguma coisa acontecer. Até que um dia a dona I. ficou por aqui, falou assim pra mim: “sente e escreva tudo isso, que eu vou mandar um ofício direto para o Teodoro Mendes”, que era o prefeito na época. Lógico, imatura, não pedi para ninguém corrigir aquele ofício, ele devolveu em vez dele me ajudar, ele corrigiu todos os meus erros de português, eu fiquei com tanta raiva, daí eu fiquei pensando, como eu fui imatura, né? Eu fiz outro ofício, pedi para a N. corrigir, mandei aquele outro com todas as correções que ele fez, porque ele era um grande professor de português, além de advogado. Aí falei pra ele, mais ou menos isso: “Senhor Teodoro, já que você fez todas as correções, e eu espero que eu tenha aprendido, eu estou devolvendo, porque agora eu quero a solução para nossa creche”. Daí.. Até hoje não veio, viu?

Ah, e tinha outro problema, todo mundo que não conhecia creche ia pro juiz, e eu tinha que atender. Ia ficando acumulado, era uma creche. Daí eu comecei a não atender mais pedido do juiz, por minha conta e risco, e não aconteceu nada também. Porque eu falava: “ou eu atendo bem quem está aqui, ou eu vou fazer de conta que eu não existo aqui”. Acho que eu fiquei dois anos e meio nessa creche, e daí também professora que dava problema lá não sei onde, não funcionava, não trabalhava direito, jogava tudo pra creche. E a C. era uma pessoa que era ponta firme, me ajudava na parte administrativa, porque eu não tinha ninguém pra pedir socorro. Até que eu tive uma ideia de fazer um treinamento, nessas visitas que eu fiz, na

creche de Campinas eles tinham um treinamento que vinham pessoas que tinham, por exemplo, um conhecimento em música, tanto para os professores quanto para as pajens, que hoje são as auxiliares de educação, e daí eu montei um projeto e a B., que tinha trabalhado comigo no CECOPE e tinha algum conhecimento musical, aí tinha a C., que tinha tido a primeira escola de educação infantil, ela veio dar um treinamento tanto sobre alimentação quanto a forma de apresentação desses alimentos e falar da experiência dela em creche. Eu sei que, assim, eu peguei algumas pessoas pra falar... Professor da área de ed. física, pra gente passar dois dias falando disso e sensibilizando as pessoas que trabalhavam ali, e daí eu comecei já pedir para dona I. pra ela orientar um pouco as pessoas antes dela mandar pra mim. Que eu e ela sentássemos, conversássemos, entrevistasse, porque se a pessoa não queria ir para uma creche, o conhecimento dela era de enfermagem e ela não queria estar lá, ela ia fazer mais mal, e não era pra mim, era pras crianças, e isso ela começou a aceitar, sabe? Então a gente sentava e conversava com as pessoas, tanto que tivemos uma pessoa, a J., que foi súper importante a experiência dela na área de enfermagem, porque daí ela fazia a triagem das crianças quando entravam, a roupa, como a criança vinha, porque tinha criança que com a roupa que foi no dia anterior, a mãe levava dormia e vinha, o que eu acho assim, uma coisa recorrente até hoje vinha com a mesma fralda, e era fralda de pano, de tecido, não tinha fralda descartável. A criança tinha assadura assim, terrível. E a J. foi assim uma ajuda, e as crianças, quando tinham que tomar antibiótico, alguma coisa, não era afastada, nós que ministravam, então já tive caso de criança que convulsionou no berçário e a mãe era funcionária no postinho, nós saímos correndo com a criança, entregamos para a mãe e horas depois a criança veio a óbito, sorte que não foi com a gente. Então eu ficava com todas essas questões na minha cabeça, mas depois desse treinamento, nós sentamos, eu e as professoras e conseguimos fazer, vamos dizer assim, um esboço de um planejamento de que atividades vamos dar para as crianças. Então a C. ficou com os menores, a D. ficou com os maiores e começamos a trabalhar no berçário com estimulação, tiramos as crianças de lá, porque o solário não era anexo ao berçário, tinha que subir uma rampa... A estrutura física... Era uma creche boa, mas não era muito funcional, daí as pajens começaram a tirar as crianças pro banho de sol, punha os brinquedinhos, as crianças começaram a ficar menos no berço, mesmo lá no berço tinha um espaço que dava comida para os bebês, começou a pôr colchonete para as crianças engatinharem e não ficarem tanto tempo dentro do berço, começou a dar esse estímulo, e esse treinamento que era pros nossos funcionários, era uma coisa de dois dias. A dona I. transformou isso num evento político, fechou a creche dois dias e convidou todas as primeiras-damas da região para vir participar e conhecer. Nós fazíamos



almoço para arrecadar fundo para a creche, saímos pedir frango pra fazer arroz com frango, o pessoal era animado. Onde eu passava eu pedia uma prenda alguma coisa, e durante a reunião de pais eu fazia um sorteio, porque vinha tão poucos pais, depois que eu comecei a fazer esse sorteio começou a dar quórum melhor, era uma tentativa de trazer os pais, participarem de alguma forma, porque quem deixa o filho em creche e mais lá naquela época é porque não tinha tempo nenhum de participar de nada, eu podia inventar reunião de sábado, de final de tarde, de começo de dia, eram sempre os mesmos que arrumam tempo. E ainda tinham mais, quando eu cheguei lá, cada criança entrava um horário, não tinha uma rotina... Às 7h era a grande maioria, depois das 8h, às 9h, às 10h... A própria empregada da mãe do professor M. chegava sempre tarde, lembro até hoje, e eu falava pra ela, e ela falava que tinha horário para entrar lá no prof. M., e a criança ia entrar aquele horário, até que um dia eu determinei que iam entrar às 8h, porque assim tanto nossos funcionários precisavam de um horário quanto as crianças. Pensei: “vou ser demitida”, porque naquela época era CLT, né? E a mãe do prof. M. ligou pra mim e falou tanta coisa, e disse: “vou ligar agora mesmo pro meu filho”, e ele era meu chefe imediato, mas daí não aconteceu nada. Eu emiti antes um comunicado da importância de se ter uma rotina, agora, se a mãe vai entrar às 10h, é um problema da mãe, eu preciso ter as crianças aqui pelo menos até 8h, para todos tomarem café juntos, no mesmo horário, porque se não ficava tudo desandado a rotina da creche, a alimentação. Então a alimentação tinha fatura, mas ali nós não tínhamos segurança nenhuma, várias vezes a creche foi invadida para levar alimentos, e o que tinha aberto eles jogavam pela parede e faziam uma sujeira. Mas eu tinha, assim, funcionárias que também abraçavam a causa, que queriam fazer tudo pela criança, e tinha outras que nem tanto, era um emprego como outro qualquer para elas. E eu tinha que sempre estar buscando essa motivação, que ali era um lugar diferenciado, que atendiam crianças, que nós tínhamos que ter um cuidado diferenciado também com os pais, que já tinham dificuldades. Tinha uma outra questão que de vez em quando, ou de vez em sempre, esqueciam criança lá na creche, então eu e o tio mané tínhamos que pegar a criança, através daquela ficha, daí que eu fui vendo que a ficha não estava atualizada, a gente saía procurar a casa da criança, daí chegava o tio de perna pra cima no sofá assistindo televisão, a mãe fazendo janta e outras crianças maiores brincando, a gente batendo na porta com a criança no colo: “viu, nós viemos entregar”, a mãe fala pro tio: “viu, você não foi buscar a criança?”, e um jogava pro outro assim... Diversas vezes, ainda bem que o mané ficava comigo, porque ali era muito deserto, pra gente subir aquela avenida principal ali, que pegávamos o ônibus ali. Daí eu chegava tarde em casa, pra no outro dia cedo estar na creche, mas, enfim, essa foi a saga até eu fazer concurso para direção, e mesmo

assim, eu também passei em primeiro lugar, mas meu coração dizia pra eu ficar na creche, mas eu já estava muito desgastada, até que eu fui conversar com a N. Eu também não tinha uma vida familiar muito fácil, minha filha doente, eu tive um afastamento de um mês, porque eu não conseguia tirar férias... Pensei muito sobre meus filhos, sobre meu desejo e vontade de abraçar essa causa, de melhorar essa estrutura da creche... Daí quando eu fui conversar com a N. que eu passei em primeiro lugar pra direção, ela falou: “olha, vai ser muito mais tranquilo pra você numa escola que já tenha uma rotina, uma estrutura, que seja só administrar, lá são muitas questões e tudo mais”. Daí que eu deixei a creche e fui trabalhar na rua Chile, a minha sede era o Éden, mas como eu tava em primeiro lugar, podia escolher uma mais perto, daí fiquei na direção até me aposentar no CEI 17.

P: O que você entende por infância, creche e educação infantil?

R: Infância, eu acho que o período que mais precisa de cuidados e que precisa do lúdico para se desenvolver, então precisa de acolhimento e do lúdico, e de cuidado, esse olhar diferenciado, porque eu acho que ali que está construindo o ser humano, os valores morais, principalmente. Hoje quando minha sobrinha e amigas mais novas vêm perguntar que escola eu indico, eu sempre falo: “aquela que esteja mais perto dos seus valores como família, dos seus valores morais”, porque eu acho que o conhecimento se constrói ao longo da vida, acho importante o conhecimento da escola, mas tem que ser um conjunto de coisas.

A creche, eu acho que é o lugar onde tudo isso... É um caldeirão de afetividade para acolher essas crianças e essas famílias e ajudar, um lugar que possa ajudar mesmo essas famílias a ter esse olhar. Muitas vezes dentro da própria família de origem não tem condição de ter esse olhar, eu acho que muito além de acolher nossas crianças, acolher essas famílias. Tem tantas crianças que correm risco dentro da própria família, que esse cuidado há de se ter. Um caldeirão de afetividade, acolhimento, que você vai envolver tanto as crianças... Têm que desenvolver sim a coordenação motora, fina e grossa, os primeiros aprendizados de leitura e escrita e tudo mais, porém eu acho que, assim, se a criança não tiver uma estrutura emocional, não vai conseguir. E onde vai conseguir isso? É na família. Na formação como terapeuta, várias vezes deles testarem em postos de saúde para dar um atendimento às famílias por ser questão de saúde pública, essas questões de violência física, sexual, de maus-tratos e tudo. Eu acho que não ter um olhar só pra criança, mas pra família também.

A educação infantil abrange tudo isso, né? É a base da educação de um ser humano. Eu não fui pra pré-escola, mas eu tive um quintal muito grande, avós muito acolhedoras, apesar da minha mãe ser uma mãe pouco afetiva, eu tive todos os beijos, abraços, carinhos e tal, mas eu tive limites, regras, eu tive esse acolhimento, e eu tive um quintal inteiro para brincar, e eu

brincava na rua, pense a rua Hermelino Matarazzo, era rua de pedra, depois foi paralelepípedo e agora é asfalto, mas a minha infância foi por ali. Mas eu acho que é muito importante esse brincar, quando eu vejo, assim, essas crianças com muitas obrigações... Outro dia fui almoçar com a minha sobrinha e ela me contando do meu sobrinho neto e toda preocupada que já tava no horário dele ir pro tênis, e ele já tinha ido pro inglês depois ele vai pra escola, depois vai pro tênis, e eu ali na minha cabeça ficava pensando: “e o brincar dessa criança?” Porque eu acho que toda construção se dá nesses momentos lúdicos, no brincar, no contato com outra criança de maneira mais espontânea. E quando tem um olhar de uma professora, uma pessoa que tenha o conhecimento, eu acho que pode dar um agilizada em tudo isso. Educação infantil é a base para ter um desenvolvimento saudável, é de muita importância.

## APÊNDICE F – Entrevista Célia

Pesquisadora responsável: Gabriela Aceituno

Orientadora: Profa. Dra. Maria Walburga dos Santos

Título da pesquisa: O PROJETO “CRECHE & VIDA”: História do atendimento a bebês e crianças pequenas na Educação Infantil pública de Sorocaba, SP. (1989 a 1992)

Este roteiro de entrevista episódica é parte da pesquisa de mestrado em educação na linha 1: Formação de Professores e Práticas Educativas do Programa de Pós-Graduação em Educação do Campus Sorocaba. As respostas às questões que se seguem devem ser verdadeiras para que a pesquisa tenha validade. A participação é voluntária e sem riscos de qualquer ordem. A pesquisa tem como objetivo maior contribuir para a melhoria da educação infantil. Agradeço a disponibilidade em participar!

**Nome:** Célia Nardi

**Data de nascimento/idade:** 08/01/1951 - 71 anos    **Sexo/gênero:** feminino

**Cor/raça (de acordo com as categorias do IBGE):** branca

**Formação Inicial:** Letras (português/inglês); Pedagogia

**Formação complementar:** Especialização em Teoria da Literatura; Mestrado em Língua Portuguesa

**Vida profissional:** Professora; diretora de escola; secretária da Educação

**Cargo ocupado no projeto:** Secretaria de Educação e Cultura

**Data da aposentadoria:** 01/04/2001

Entrevista realizada em Agosto/2022

P: Como você chegou na profissão?

Eu comecei dando aula em São Paulo numa escola particular e numa escola estadual, depois eu vim para Sorocaba e comecei no supletivo, na época que o supletivo era para maior de 18 anos, então era curso de adultos mesmo. Eu fui diretora do Anglo, eu dava aula no Anglo, depois fui diretora, mas o Anglo foi concomitante com a Prefeitura. Eu voltei pra Sorocaba em 1986, eu comecei... Quando foi criado o supletivo municipal, eu comecei no Roosevelt, chamava Escola Municipal Presidente Roosevelt, depois foi para o Leonor Pinto Thomaz, na rua IX, a gente ficava num sobradinho, em frente ao ginásio de esporte, depois fomos para o Leonor. Fui assistente de direção, saí da assistência para a Secretaria da Educação, e quando

eu retornei da Secretaria da Educação, depois de 4 anos, eu retornei no final de 1992, teve o primeiro concurso para direção, e eu prestei e fui para a direção do Getúlio. E eu saí do Getúlio quando foi a época de remoção, eu escolhi o Maria de Lourdes Martinez, lá no Santa Bárbara, e foi lá que eu e aposentei em 2001.

Na Secretaria foi assim, eu tinha feito Pedagogia, e quando a Dulcina assumiu, convidada pelo prefeito Pannunzio para ser secretária, ela se informou na faculdade de Filosofia, no curso, ela conhecia o professor Sandano, alguns professores e meu nome surgiu, e ela me convidou, eu não a conhecia, eu entrei como chefe de divisão em 1989, e pegamos todas as alterações da Constituição, nós fizemos o concurso e todos os professores tiveram que fazer concurso para passar de CLT para Estatutário. O prefeito tinha que escolher se todo mundo permanecia CLT ou se passavam a ser estatutário, e ele escolheu estatutário.

P: Relate como foi a sua experiência e sua atuação no projeto “Creche & Vida” (fatos marcantes, contribuições, relação com as famílias e as crianças e a elaboração/implementação do projeto).

R: A primeira coisa que você precisa saber é que eu tenho uma visão geral, porque eu era secretária, e a secretaria era Secretaria da Educação e Cultura, e os três parques municipais, Então aquilo era uma imensidão. Eu analisava, participava das reuniões, mas a execução dos projetos, na verdade, eram feitas pelos especialistas de cada área, a Secretaria era, até hoje, a maior secretaria da Prefeitura, Educação e Saúde, mas a Educação ainda é a maior. E a questão do “Creche & Vida”, ele surgiu... Já era um pensamento que a gente tinha, mas ele surge da obrigatoriedade constitucional, porque a Constituição de 1988 colocou a creche como saindo do Ministério da Assistência Social e passando para a Educação. Então uma outra visão, não era mais aquela visão assistencialista, da criança ficar lá, esperando a mãe chegar, de banho tomado.

Então a gente tinha as creches domiciliares, e foi uma coisa assim... Um trabalho muito bonito que as mães crecheiras faziam, mas assistencialista por princípio, porque o local, a estrutura física, era uma residência, muitas tinham um banheiro só... Uma coisa assim... emergencial. E esse foi um trabalho que a gente teve que fazer com elas, a aceitação delas e a forma como elas passaram a entender a creche, e a gente entendeu também que o espaço físico é importante no processo educativo, e foi aí que a gente começou. Na verdade, a Maria Inês ficou à frente, porque eu nem tinha condições de ficar dia e noite em cima daquilo, um projeto dessa grandiosidade, a gente tinha que se empenhar muito para ele ser muito bom, porque ele era muito caro. Você sai de um sistema e entra em outro muito caro,

quantidade de crianças por educador, o fato de só ter professores, depois colocaram os auxiliares de educação, mas o original mesmo foi feito só com professores e deu certo. Teve um conselho de creche e uma comissão específica para cuidar disso, e elas se reuniam com as diretoras, eu ia em algumas reuniões, porque era um projeto que estávamos dando de tudo pra ele. Maria Inês ficou com a parte pedagógica do projeto, e ela com essa comissão e o Conselho de creche faziam as reuniões com as diretoras, e depois tinha toda uma questão administrativa questão de horários, porque a creche tinha um horário mais longo de atendimento do que a pré-escola e questões de horário estendido, muitas coisas. Ele demorou um pouco até a implementação, depois a construção de creches do jeito que a gente concebe um espaço interativo, foram uns dois anos para ele deslanchar e a própria comunidade aceitar como era. A criança estava na creche domiciliar do ladinho da casa dela e tinha que se locomover até a escola agora, foi um processo bem produtivo, árduo, mas que deu certo, e importante que ele continua até hoje.

A gente começou a imaginar o Vale-Creche, tivemos reunião com algumas indústrias, porque, inclusive, a creche passou a ser obrigatória nas indústrias com mais de 100, 50 funcionárias, não me lembro. E a gente colocou a questão da própria empresa fazer um Vale-Creche, e ter crianças além das crianças dos seus funcionários, ter as crianças ao redor. Aí as coisas vão surgindo em cima daquela ideia inicial vão surgindo outras ideias.

P: O que você entende por infância, creche e educação infantil?

R: Infância: primeiro eu sou muito a favor da infância livre. Eu acho que hoje, com a internet, com os jogos, com os games, né? A infância ficou um pouco trancada, as brincadeiras... Eu acho que se aprendia muito mais com as brincadeiras infantis do que agora. Agora o que falta para a infância é a brincadeira, a brincadeira deixou de existir. Não é só culpa da internet, é muito culpa da internet, mas é pela própria situação, por exemplo, eu trabalhava dia e noite, meus filhos iam e voltavam da escola sozinhos, e hoje você não pode deixar uma criança ir sozinha, voltar sozinha. E nessa ida e volta, nessa autonomia que elas perderam, porque na verdade elas perderam autonomia, a infância, as crianças podiam brincar na rua, podiam andar sozinhas, hoje não pode. Então eu acho que a infância hoje tá muito trancada, elas perderam toda parte lúdica da infância, até pela quantidade de brinquedos que tem hoje. Os brinquedos estão muito prontos, eu acho que tudo que é muito pronto te diminui a chance de aprender mais. O “Creche & Vida” me marcou muito, e eu acho que marcou todo o pessoal da SEDU, não era da SEDU ainda era SEDUC Secretaria de Educação e Cultura.

Creche: tem que ser especificamente um lugar extremamente lúdico e educativo, eu acho que até o ato de você dar banho na criança, tudo isso é uma fase que tem que ser respeitada, que tem que ser tratada de forma educacional, a criança tem que estar aprendendo alguma coisa com aquilo, embora você não esteja claramente ensinando, mas pela atitude, porque você sabe como aquilo funciona a criança aprende.

Creche está inserida na educação infantil, feita com conhecimento, com carinho, com amor à profissão, não o sacerdócio, eu não acho que a educação seja um sacerdócio, mas se você aprender muito você consegue educar muito, ensinar muito, transmitir conhecimento, no sentido de transmitir conhecimento mesmo.

## **APÊNDICE G – Entrevista Maria Inês**

Pesquisadora responsável: Gabriela Aceituno

Orientadora: Profª. Dra. Maria Walburga dos Santos

Título da pesquisa: O PROJETO “CRECHE & VIDA”: História do atendimento a bebês e crianças pequenas na Educação Infantil pública de Sorocaba, SP. (1989 a 1992)

Este roteiro de entrevista episódica é parte da pesquisa de mestrado em educação na linha 1: Formação de Professores e Práticas Educativas do Programa de Pós-Graduação em Educação do Campus Sorocaba. As respostas às questões que se seguem devem ser verdadeiras para que a pesquisa tenha validade. A participação é voluntária e sem riscos de qualquer ordem. A pesquisa tem como objetivo maior contribuir para a melhoria da educação infantil. Agradeço a disponibilidade em participar!

**Nome:** Maria Inês Moron Pannunzio

**Data de nascimento/idade:** 30/11/1946 - 76 anos    **Sexo/gênero:** feminino

**Cor/raça (de acordo com as categorias do IBGE):** branca

**Formação inicial:** Magistério / Filosofia

**Formação complementar:** Especialização em Filosofia; Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura; Especialização em Bioética; Especialização em Educação, Arte e as Novas Tecnologias

**Vida profissional:** Professora

**Cargo ocupado no projeto:** Primeira-dama

Entrevista realizada em Agosto/2022

P: Como você chegou à profissão?

Eu comecei como professora de pré-escola, era o parque infantil naquela época, fiz concurso, fiquei dois anos dando aula no PI, que eram crianças de 4 a 6 anos, daí eu casei, fui pra São Paulo, tive que deixar meu trabalho, daí em São Paulo eu trabalhei numa escola de padres, a escola Santo Agostinho, eu dei aula pro 2º ano e depois eu dei aula em escola do estado, dei aula de história e de psicologia em duas escolas do estado lá em São Paulo. Depois minha filha nasceu, eu pedi afastamento e resolvi ser mãe em tempo integral, eu tive três filhos e só



voltei para a escola quando minha terceira filha foi para a escola também, com 2 anos. Eu voltei e fui dar aula no Viva a Vida, uma escola infantil que tinha aqui em Sorocaba, e os meus três filhos foram juntos, porque eram muito próximos um do outro, por isso que esse período eu resolvi ficar integralmente ali com eles. Depois fomos todos para a escola, fiquei um ano lá no Viva a Vida e depois fui para Ose, fiquei um ano lá na Ose, depois fui dar aula lá no universitário e comecei a dar aula também nas escolas municipais. Eu dava aula de Filosofia, de História, de História da Educação, fui meio polivalente, e depois eu continuei, fui dar aula na faculdade. Teve esse período que eu trabalhei com as creches, daí eu fui dar aula na faculdade, no IMAPES, e terminei no IMAPES, foi um período bem interessante. Eu comecei lá na pré-escola e terminei lá na universidade.

Eu dava aula de Filosofia da Educação pro magistério, então eu tinha um envolvimento grande, a gente estudava muito Piaget, naquela época Paulo Freire e Piaget eram as grandes referências, e daí coincidentemente, eu estava nessas três escolas dando aula... Três não, porque depois na rede municipal eu fiquei em três escolas na rede, eu dava aula no Achilles, no Getúlio e no Leonor para cumprir a carga horária todinha. Daí meu marido assumiu a prefeitura e eu queria fazer algum trabalho relacionado às crianças, às creches, que é um assunto que sempre me empolgou bastante, eu sempre li muito sobre a creche, até porque eu tinha algumas preocupações. Aí eu fui visitar as creches, a história você já sabe, naquele momento as creches passaram para a educação.

Porque a primeira-dama normalmente se responsabiliza pelo social, e eu, na verdade, fiz a opção desde o começo que eu queria trabalhar com a educação. Na verdade, eu não comecei com creche, eu comecei com alfabetização de adultos. Por que eu comecei com alfabetização de adultos? Porque naquele momento tinha o Mobral, que era uma educação tecnicista, não tinha nada ver com o que a gente discutia da educação libertadora de Paulo Freire, daí então, como a prefeitura iria assumir, não era mais o governo do estado que iria bancar o Mobral, mas eram as prefeituras, juntamente com a Secretaria da Educação, meu marido diz: “você, que gosta desse assunto, veja com ela como vocês vão resolver essa situação, porque a gente tem que acreditar no projeto que a gente vai investir”. Ah, foi ótimo, porque estava com Paulo Freire e Piaget na cabeça, então foi uma experiência interessantíssima. A gente fez um projeto de alfabetização de adultos com a secretária, que era a Dulcina, e aí eu fiz um projeto baseado na pedagogia libertadora de Paulo Freire, e esse projeto a Dulcina leu e gostou muito. Só que antes de implantar esse projeto, eu levei para um amigo meu que era educador e pedi para ele ler o projeto, e ele deu uma ideia ótima para mim, porque ele disse: “olha, eu, se fosse você, não começaria com esse projeto em todos os

bairros, começa num bairro, começa como um projeto-piloto e se der certo vocês ampliam”. Foi a melhor coisa que podia acontecer, daí a gente começou lá na Vila Barão, no prédio da Vila Barão, acho que era o Sesi da Vila Barão. Começou lá esse projeto de alfabetização de adultos, que era o Alpha Vida. E durante aquele ano, a gente trabalhou só com voluntárias, chamei as esposas dos secretários e perguntei quem gostaria de trabalhar comigo no projeto, nós íamos dar as aulas no sábado à tarde e o projeto seria piloto naquele ano. E foi muito interessante, porque na prática a alfabetização libertadora de Paulo Freire não é tão simples assim. Porque o Paulo Freire partiu de uma realidade, e nós estávamos com outra realidade, e não estava tão fácil assim. Daí em São Paulo eles também estavam trabalhando num projeto de alfabetização de adultos, e eu fui conversar com eles, e foi ótimo, porque eles me disseram “nós também tivemos as mesmas dificuldades e nós mudamos”. quando eles falaram isso pra mim, eu pensei “que maravilha”, eram as questões que eu estava tendo, que não estava dando certo na prática, aquela educação libertadora, de começar com a palavra que tinha sentido pra eles e, a partir dessa palavra, eles iam construindo outras palavras que tinham sentido para eles. E daí, como a gente estava lendo sobre alfabetização, era Emilia Ferreiro falando, eu estava estudando Emilia Ferreiro porque eu dava aula para alunos do Magistério e eu precisava estar muito por dentro dessas questões. E a gente começou a introduzir uma alfabetização baseada na Emilia Ferreiro, como em São Paulo já estavam fazendo, sem deixar de lado a Educação Libertadora de Paulo Freire. A gente fez uma adaptação do método de Paulo Freire, e a gente buscou os conhecimentos de Emília Ferreiro, e fizemos uma proposta diferenciada, mais construtivista. Foi muito interessante, porque, quando eu fui pra São Paulo e eles já tinham escrito essa experiência deles, eu fui lendo na estrada e eu disse: “Meu Deus, é a mesma coisa que eu estou sentindo”. Porque eu estudava Paulo Freire, estudava Piaget, estudava Emilia Ferreiro, então eu estava com as mesmas questões, parece que eu que tinha escrito aquele material. Então a partir daquela experiência minha, nós mudamos, e no ano seguinte, por isso que essa ideia de piloto foi fantástico, e com o projeto pequeno deu pra gente repensar o projeto. E no ano seguinte, daí sim abrimos inscrições em vários bairros e o projeto Alpha Vida deslanchou e foi bastante significativo, porque daí a Prefeitura bancava um projeto que era da Prefeitura, e nós estávamos muito conscientes. Ao mesmo tempo, o que foi acontecendo... Os professores, como eu oferecia cursos para quem ia trabalhar no Alfa Vida, falando de Emilia Ferreiro, falando de alfabetização libertadora, falando de Piaget, construtivismo, as professoras que trabalhavam na pré-escola, nas escolas municipais, queriam cursos também, e daí foi muito interessante. Ao mesmo tempo, eu fui conhecer as creches, que eu já te contei, naquela noite eu nem dormi, porque eu fiquei muito preocupada,

pra mim criança quem tinha que cuidar era a mãe. Então naquele momento as creches estavam na Assistência Social, e eu, como esposa do prefeito, esse trabalho de assistência eu tinha que fazer. E a Dona I., que era responsável, ela veio me chamar se eu queria conhecer as creches, então ao mesmo tempo que eu estava com o Alpha Vida, eu fui conhecer as creches, era meu papel, vamos dizer assim. Esperava-se que a esposa do prefeito tivesse uma vinculação com a assistência social, e daí eu fui visitar e fiquei muito preocupada com as creches. Fiquei pensando: “ai, meu Deus, não pode ser uma coisa tão paradinha a creche”. Naquele momento nós tínhamos três creches em Sorocaba, quando soubemos também que as creches estavam passando para Educação e isso tinha sido conseguido pela Constituinte, tinham sentido a importância de que a creche fosse para a educação.

P: Relate como foi a sua experiência e sua atuação no projeto Creche & Vida (fatos marcantes, contribuições, relação com as famílias e as crianças e a elaboração/implementação do projeto).

R: Quando as creches foram para a educação, eu quis estudar e saber por que a creche foi para a educação, e o envolvimento foi muito grande, porque eu não tinha gostado daquele atendimento de creche. As creches eram muito limpas, os brinquedos quase sempre guardados, as crianças muito limpinhas, de banho tomado esperando já às 15h30 as mães que chegavam, porque as mães começavam a chegar, assim que saíam do trabalho, elas iam para creche, então às 15h30, 16h já tinha mãe pegando criança na creche, então elas ficam esperando, não tem atividade, isso me incomodou muito. Daí o que nós fizemos, nós fomos conhecer o pessoal que trabalhou com essa questão de levar a creche para a educação, de tirar a creche da assistência social e levar para a educação, porque a proposta era educativa, e daí nós fomos, esse pessoal que trabalhava na creche da assistência social foi comigo pra gente fazer um projeto pras creches também, e a gente foi pra São Paulo, fomos conversar com quem tinha trabalhado na elaboração de toda proposta para creche na educação, recebemos um material fantástico lá, estudamos aquele material. Fomos conhecer creche numa proposta educativa, fomos a Curitiba conhecer. Então a gente teve um envolvimento muito grande, estudamos muito. Não fui eu, nós estudamos. As meninas que estavam na assistência social vieram comigo, mesmo a Dona I. continuou na assistência social, mas dando o maior apoio para que elas viessem, porque eram elas quem entendiam de creche, ninguém mais entendia, e a gente precisava desse no hall das meninas na educação. E a gente fez o projeto “Creche & Vida”, já tinha o Alpha Vida e agora o “Creche & Vida”. E é o “&” pertencimento mesmo, lugar de vida, lugar de alegria, lugar de atividade e educativo, creches educativas.

Eram três creches e no final do mandato do meu marido eram 17 creches, inclusive construiu uma creche especialmente para os filhos dos funcionários municipais lá no Paço, e essa creche... Nós fomos visitar a creche da USP, conhecer o espaço da creche da USP, o arquiteto da Prefeitura foi junto para saber como que era esse espaço da creche para que as nossas creches tivessem aquele espaço, que as crianças pudessem se comunicar, as crianças menores com as maiores, as interações sociais pudessem acontecer na creche, porque sabíamos que isso era importante, não era para isolar as crianças do berçário das maiores, mas era para que houvesse uma interação entre elas nesse processo de construção de conhecimentos e de seres humanos, porque ali na creche eles estão se construindo, e eu, que antes achava que mãe que tinha que cuidar da criança nos primeiros meses de vida, fui lendo, estudando e entendendo a importância da creche e por que a creche foi para a educação. Porque a creche é um espaço muito significativo na vida da criança. Claro que a mãe e a família continua sendo súper importante, mas a creche possibilita que a criança tenha contato com outras crianças, e isso pra ela é importantíssimo, elas interagem de formas diferentes com outras crianças e outros adultos além do pai e da mãe, isto possibilita novas interações, construções de novos conhecimentos, então isso é muito rico para as crianças. Mas, deixar bem claro, creche tem que ter qualidade no atendimento, se for depósito de crianças, daí não dá pra gente defender, daí é melhor que a criança fique em casa. Mas, se a creche for nessa proposta educativa, que tem um projeto pedagógico, que os professores... Porque eu acredito que os profissionais têm que ser professores preparados que tenham esse conhecimento do que as crianças de 0 a 5 anos e 11 meses precisam para que possam oferecer. Precisam conhecer sobre desenvolvimento infantil e as fases do desenvolvimento, para que essas crianças sejam atendidas nas suas necessidades. Agora, se você começa... O que acontece hoje, como a demanda é muito grande e nem sempre o número de creches foi crescendo de acordo com essa demanda, e as mães precisam trabalhar e precisam de creche, elas cobram muito da prefeitura as vagas em creche, quando não tem vaga elas acionam judicialmente a prefeitura para que ofereça essas vagas, e o prefeito tem que atender, e quando o prefeito atende, vai colocando criança na creche, e a creche vai ficando um depósito de crianças, porque não temos tantas creches pelo número de crianças. Parece-me, pelo que eu andei acompanhado, que no período de pandemia as mães preferiram até não levar as crianças nas creches, e essa demanda de vagas em creche teve um período de tranquilidade. Então uma preocupação muito grande que eu tenho é que a creche vire um depósito de crianças, porque muitas crianças você não consegue dar um atendimento de qualidade, e com muitas crianças o custo de uma criança na creche, se você só colocar profissionais preparados e que tenham

conhecimento em pedagogia, que tenham conhecimento de desenvolvimento infantil, de nutrição como a criança precisa, o custo de uma criança na creche fica cara, e o prefeito também não constrói o número de creches que se faz necessário, claro que ele depende de governo estadual, governo federal, mas é responsabilidade do município. Educação de 0 a 5 anos e 11 meses é responsabilidade do município, então o prefeito tem que entender o que é creche, creche não é direito da mãe, creche é tão importante para a criança que na Constituição está como direito da criança. Agora, como a mãe que trabalha, ela precisa da creche, daí o ideal seria que o empregador viabilizasse essa vaga na creche, pagando o valor de uma criança na creche, daí seria a Prefeitura, o poder público junto com o privado dando conta do atendimento dessas crianças, porque só a Prefeitura, só o poder público fica muito difícil oferecer todas as vagas que o município demanda, que precisa. E o ideal seria que todas as nossas crianças tivessem vaga em creche, assim como hoje é obrigatório na pré-escola que a criança tenha uma vaga nós precisamos também que isso aconteça de 0 a 3 anos e 11 meses, e esse atendimento da primeiríssima infância é importantíssimo, agora, tem que ter qualidade, porque ela não fica em casa, ela vai pra creche. Naquele momento o que nós fizemos, o “Creche & Vida”, os professores faziam curso antes de assumir uma vaga creche, e eu quem oferecia esses cursos. Só depois de entender as fases de desenvolvimento, o que as crianças precisam, o que se entende por um espaço educativo... Não é transformar a creche em uma escolinha, não é isso, mas é oferecer para as crianças espaços ou ambientes em que elas possam estar construindo conhecimentos inerentes àquela fase, àquele momento que ela está vivendo. Não é ficar transformando creche em escola, creche não é escola e pré-escola. Creche é creche, e esse nome “creche” a gente tem que valorizar, tem que valorizar essa identidade da creche, creche não é pré-escola e não é escola. Então não vou transformar aquelas crianças em pequenos leitores, não é isso não. Mas é criar um ambiente favorável para que ela possa estar se construindo e construindo conhecimentos, interagindo com outras crianças e outros adultos, brincando... Ela brinca, brincadeira.

E tanto no Alpha Vida como no “Creche & Vida” tinha reuniões semanais, os professores ganhavam por esse período que eles iam pra reunião, e eu estava presente nessas reuniões num primeiro momento, porque eles tinham que fazer relatórios, eles escreviam, faziam portfólio, na verdade, eles escreviam como tinha sido aquela semana, relatavam as facilidades e as dificuldades, na nossa reunião nós conversamos sobre essas facilidades e essas dificuldades, e tentávamos encaminhar de uma forma mais correta possível aquelas atitudes, aqueles comportamentos, aquelas dificuldades que elas tinham. E isto nós fazíamos em conjunto, não eu como dona da verdade, mas eu, com as meninas que já tinham

conhecimento de creche, com outros profissionais que estavam junto conosco, nós discutíamos junto com os profissionais e íamos tentando esclarecer as dificuldades. O Alpha Vida tinha reunião semanalmente e o “Creche & Vida” também, na medida que o número foi ampliando, aí tinha uma pessoa que ficava coordenando essas reuniões e depois nós nas reuniões, então eu estava sempre junto, se não com todos pelo menos com alguns integrantes da equipe pra gente saber o que estava acontecendo e como as coisas caminhavam. Agora, o custo de uma criança na creche naquele momento era alto, tanto que o prefeito que assume depois, a primeira coisa que vai fazer vai ser questionar que os profissionais da creche tenham que ser professores.

Nós fazíamos assim: o professor trabalhava cinco horas, quatro horas com crianças e uma hora em que ele ficava em interação com o professor que entrava à tarde, porque nós achávamos interessante que houvesse uma continuidade de atendimento. Então os dois trabalhavam quatro horas, mas tinham uma hora em comum, e o professor da tarde ficava sabendo o que aconteceu de manhã para que ele desse continuidade, saber como as crianças estavam para que houvesse uma continuação no período da tarde. Então foi um projeto, eu diria para você, ideal. Tudo que nós aprendemos com os cursos, com os livros que lemos, com tudo de pedagogia que sabíamos naquele momento, nós tentamos colocar nas nossas creches, e claro que as creches eram espaços grandes, espaços que ficaram, como é que eu diria, para Prefeitura também era um espaço que demandava um custo alto, e os profissionais da creche, professores trabalhando cinco horas, daí houve até um questionamento de quem trabalhava em pré-escola ganhava diferente de quem trabalhava em creche, porque elas trabalhavam um período a mais. Então alguns ajustes precisavam ser feitos, mas todo projeto... Quando você implanta um projeto, na medida que ele vai se efetivando, os problemas vão aparecendo. Agora, na época do meu marido, claro que eu ia diariamente no ouvido dele e explicava a importância de tudo isso. Então ele e a secretária da Educação, também educadora, na época que eu dava aula na OSE ela também dava, ela dava aula de História da Educação e eu de Filosofia da Educação, então nós tínhamos uma proximidade muito grande naquilo que nós fazíamos, e depois foi a Célia Nardi que também entendia muito o que a gente pensava em termos de educação, e ela também muito envolvida com tudo isso. Claro que como secretária, ela tinha outras frentes de trabalho, eu como esposa do prefeito e eu tinha feito a opção pela educação e não pela promoção social, eu tinha uma disponibilidade do meu tempo para trabalhar com essas questões, com a questão da creche e do Alpha Vida. Então foi um envolvimento... Tanto que no segundo mandato dele, ainda em campanha, quando alguém vinha me perguntar qual seria meu trabalho, eu dizia “creche”, em

primeiro lugar é creche, porque eu queria dar continuidade. E daí você me pergunta: “Deu continuidade no segundo mandato?”. O segundo mandato foi mais difícil, o primeiro foi maravilhoso em termos de trabalho, de creche, de construção de creche, foi maravilhoso. Os outros prefeitos não deram continuidade em termos de construção de creches, nesse mesmo atendimento, queriam até voltar com as mães crecheiras, e esse de agora já até falou de mães crecheiras. Não é mãe crecheira que a gente precisa, é de educadores. Educadores que entendam que uma criança de uns meses, por exemplo, de 7, 8 meses, ela precisa de colo, precisa de carinho. Isso não significa que o professor não saiba dar. Agora há a possibilidade, com o tempo a gente foi amadurecendo, você pode preparar profissionais que estejam junto com o educador, então tem o professor e tem o auxiliar, para o professor não ficar sozinho tem o auxiliar de creche, mas que também tem que fazer curso preparatório para poder assumir a creche. Então o meu desejo era esse, que a gente tivesse curso preparatório para profissionais de creche. Nós até montamos um curso, eu tenho até curso montado, oferecemos para a prefeitura, mas não dá continuidade, porque como eu sou esposa de um outro prefeito, não é interessante dar continuidade, percebe? Nós temos um grupo, tínhamos antes da pandemia, um grupo de estudos que estudava somente o atendimento da primeiríssima infância, tamanha importância desse atendimento. Participamos de congresso, tudo mais, e elaboramos curso de creche para profissionais de creche, então se a Prefeitura não quer, a gente vai oferecer para quem tiver interesse, abrimos um curso creche, as pessoas ligavam para se inscrever e perguntavam é pago? É. Então as pessoas não fazem. O que o professor espera? Que a Prefeitura, que a escola particular pague para eles o curso. Levamos para a região esse curso para ver se alguém se interessava em comprar, mas o pessoal pensa que em creche não precisa haver investimento.

Então a gente precisa de um prefeito que acredite, que entenda, ou uma esposa de prefeito que fique falando a importância da creche e a importância do atendimento à primeiríssima infância, acho que isso é fundamental. E um atendimento de qualidade. Depósito de crianças não é o que a gente quer e não é o que as nossas crianças precisam, e se você investe, se o prefeito entende que o investimento em creche vai resultar em jovens mais equilibrados mais tarde, e pessoas mais preparadas, crianças que acompanhem depois um ensino de qualidade. Então você faz um investimento em creche, porque você está investindo nessas crianças que é o adulto de amanhã, o jovem de amanhã na cidade. Agora, é um investimento a longo prazo, você não colhe os frutos de imediato. E as mães, não todas, mas algumas, elas não querem saber se o atendimento é de qualidade, elas querem a vaga na creche. Quando a gente acabou com as mães crecheiras, ficamos sabendo de um espaço que tinha duas senhoras que

tomavam conta de crianças, acabamos com as mães crecheiras e não queríamos mais esse tipo de atendimento para nossas crianças da nossa cidade, chamamos essas duas senhoras para saber do atendimento, ficamos sabendo pelas mães das crianças que tinha um rapaz que ajudava a dar banho nas crianças, você acredita? Duas senhoras, que cuidavam de crianças, as mães deixavam as crianças lá, e ia um rapaz ajudar e ajudava a dar banho nas crianças. Olha, até o profissional de creche pode dar banho nas crianças, como o pai pode dar, mas num espaço que as pessoas não têm preparo para trabalhar, elas não tinham nem dinheiro, a comida, o pão que elas davam para criança era da padaria, elas pediam e a padaria dava o pão para elas darem para as crianças, e elas faziam um sopão que as mães colaboraram para dar para as crianças, isso não é o que as nossas crianças precisam. Mas tinha uma mãe que, quando a gente ofereceu lugar na creche para ela tirar a criança de lá, sabe o que ela disse? “Eu entro às 6h na Coca-Cola, às 5h eu bato na janelinha e elas recebem meu filho.” Então para a mãe que trabalha, se a gente pensar na mãe que trabalha, ter um lugar para deixar a criança tá ótimo, que a criança não se machuque já está bom. Só que as crianças não precisam só disso. Ela precisa crescer num ambiente saudável. Que garantias a ente tem quando tem duas senhoras de idade cuidando, eram muitas crianças, numa casa pequena, com um único banheiro, sem condições de higiene, elas não tinham empregada, assim como a mãe crecheira, elas cuidavam de cinco... Acho que eram cinco, e elas podiam ter dois filhos... Elas não tinham empregada, uma casa pequena, um único banheiro. Uma vez nós fomos na casa da mãe crecheira, o marido estava deitado com duas crianças na cama, não pode né? Não é da família. Com tantas coisas que acontecem hoje em dia, não pode, não é tão simples. A geladeira, a Prefeitura mandava comida para as crianças, enchia a geladeira dela de frutas, e tudo isso, agora, ela não tinha como pôr as coisas dela na geladeira, ela tinha que fazer sopa para as crianças, e a alimentação da casa qual era? Era a comida que a Prefeitura mandava para as crianças, você acha que essa mãe com casa para limpar, roupa para lavar, marido que ia almoçar, ela tinha condições de fazer suco para as crianças 10h... Você acha? Sabe, falar de criança, a gente tem que falar de atendimento de qualidade, falar em creche é creche educativa com qualidade, e não é escola, não é transformar creche em escola, é entender o desenvolvimento infantil e o que as crianças precisam, é oferecer esse ambiente saudável para que elas cresçam, interagindo, brincando, curiosas e querendo conhecer e tendo alguém ali com elas que possam estimulá-las favoravelmente. Que seja uma fase infantil saudável. Agora, o depósito de crianças não dá, não posso compactuar com isso. Para mim foi muito apaixonante... Sabe quando você investe toda sua paixão, todo seu conhecimento, todo seu estudo naquilo? E meu marido naquele momento e a secretaria da



Educação também foram muito favoráveis, as condições foram favoráveis. Na segunda administração dele, não tinha dinheiro, governo estadual não mandava dinheiro, governo federal, o momento era de crise. Eu comecei trabalhando com creche, mas logo no começo já sofri um processo, porque falaram que a esposa do prefeito queria falar de creche, porque eu fiz uma reunião com todo pessoal de creche, e eu continuo achando que diretora de creche tem que dominar o pedagógico, se a diretora entende do pedagógico ela viabiliza para que as coisas aconteçam na creche, agora, se ela fica responsável só pelo administrativo e tem um profissional, que é o coordenador pedagógico na creche, o que acontece? A parte pedagógica fica por conta dele, mas, para que as coisas aconteçam, depende da diretora, se ela não está tão envolvida, ela não faz acontecer, e o coordenador pedagógico não tem essa autonomia para fazer acontecer. Então, a parte administrativa não tem que ficar com a diretora, eu penso, principalmente em creche. A parte administrativa pode ter um auxiliar da diretora, a vice-diretora que faz isso, a diretora é responsável pelo andamento pedagógico da creche, é isso que interessa. E o que acontece? Elas estão sempre saindo, porque tem que ir sempre na prefeitura levar isso, levar aquilo, comprar, elas fazem compras... Isso não é papel da diretora, sinto muito. Porque se ela não viabiliza o pedagógico, o pedagógico acaba não acontecendo. Na primeira reunião que eu fiz com elas, eu falei “não”, que a gente ia tirar o orientador pedagógico, mas que eu acreditava que a diretora tem que ser responsável pelo pedagógico, daí eu mexi num vespeiro, daí fizeram um processo contra a minha pessoa, nem puseram meu nome, puseram: esposa do prefeito falou isso, isso, isso. Daí meu marido falou: “Acho que vai complicar sua vida, ter que responder processo agora.” Daí, eu fiquei responsável pelas creches conveniadas na segunda administração. Trabalhei com elas, fazíamos reuniões semanais, ia para as creches conveniadas, porque na creche mesmo eu não tive espaço, elas se fecharam e eu não tive espaço para trabalhar. Foi isso que aconteceu.

P: O que você entende por infância, creche e educação infantil?

Vou começar pela creche. Creche é um espaço educativo muito importante para as crianças, é súper importante que as crianças possam frequentar as creches e é um espaço de crescimento, é um espaço onde elas vão interagir com outras crianças, com outros adultos, e isso é extremamente importante para elas. Creche é esse espaço para mim, um espaço de interações, de relações, de conexões, elas vão estabelecer novas conexões, mais amplas, mais significativas, desde que o profissional, agora eu já englobo, desde que o profissional tenha conhecimento do que é infância, do que é esse período que as crianças estão na creche, quais são as demandas dessas crianças, para que ele possa estimular essas crianças nas suas

necessidades. Ela tá vivenciando um período da vida dela e o profissional tem que entender, ela entra na creche ela ainda não engatinha, ela ainda não anda, ela ainda não fala... Mas o que o profissional que trabalha com as crianças de 0 a 1 anos, o que ele precisa saber desse desenvolvimento para que ele possa oferecer as condições favoráveis para que no término de 1 ano essa criança esteja desabrochando... Essa criança possa estar ou engatinhando ou andando já, e já pronunciando as palavras, porque o primeiro ano de vida ela foi construindo a linguagem, então ela fala porque houve um processo de construção. O profissional de creche tem que entender isso, entender quais são esses momentos, como é que ele se faz presente sem ser, como eu diria... Estar presente na vida das crianças de uma forma significativa, estimulando, mas de uma forma que essas crianças se descubram e descubram o mundo, a vida e as outras pessoas, é um processo mesmo de descobrir o mundo e se descobrir nesse mundo. A primeiríssima infância é um período riquíssimo do desenvolvimento e é um período em que a gente tem que fazer grandes investimentos. Então os políticos precisam entender o que é esse período na vida das crianças, e entender que creche é direito das crianças e acaba sendo também da mãe que trabalha, claro, não vamos deixar a mãe desassistida, mas em primeiro lugar é direito da criança, e esse direito tem que ser atendido. É direito porque é um lugar de crescimento, é um lugar favorável que deve ser saudável e por isso mesmo que não pode ser depósito de crianças.

A educação, de uma forma geral, assim, de 0 a 6 anos, eu acho que a gente vive um momento hoje de muita estimulação com a televisão, com os celulares, a gente tá vivendo um momento em que as pessoas estão muito envolvidas com o que tem no celular, o que tem na televisão e mesmo as crianças, então eu acho que nesse período da primeira e da primeiríssima infância, se nós pudermos evitar esse contato com celulares... Por isso mesmo o profissional de creche não pode ficar com seu celular na mão enquanto está com as crianças, porque é um estímulo para que a criança também use o celular, então eu acredito que, nesse período de desenvolvimento infantil, nem ficar assistindo televisão, muitas vezes eu visitei creches e as crianças estavam assistindo programas infantis. Tem muitos programas infantis e programas saudáveis, mas não deixa de ser um estímulo a mais, porque quando ela fica em casa ela já vai assistir, no sábado, no domingo, no feriado, quando ela não vai à escola, ela assiste televisão, então, se nós pudermos tirar a televisão, os celulares da creche e da pré-escola, eu acho que é saudável. O celular é importantíssimo, mas na vida da criança ele não é saudável, ele vicia. Ler uma história é muito mais saudável do que assistir na televisão, eles crescem achando que a leitura não é importante. Precisamos ter um cuidado muito grande, as crianças absorvem tudo, as sinapses estão acontecendo no cérebro. Então a gente tem que entender o

desenvolvimento do cérebro, tudo isso pra gente poder trabalhar com criança, se não fica um assistencialismo, fica “ai, não vejo a hora de ir embora”, fica olhando no relógio. Não é só gostar, tem que gostar, mas tem que saber, tem que conhecer para que você ofereça para ela o que ela precisa, se não, não é espaço educativo. Eu não abro mão da creche como um espaço educativo e local de interação e conexão com a vida, com a natureza. Quando eu fui para a Itália conhecer Reggio Emilia, as pesquisas que essas crianças fizeram... Sabe esse matinho que dá uma florzinha amarelinha? Matinho mesmo... Lá na Europa eles não cortam o mato como a gente corta, porque cresce muito essa florzinha amarelinha. Projeto de pesquisa das crianças era observar essas florzinhas, colher essas florzinhas, discutir se essas florzinhas devem ser colhidas ou não, fazer projetos de arte com as florzinhas, desenhar as florzinhas. Foi uma coisa lindíssima, e o material, a florzinha, a grama. Isso é contato com a natureza, valorizar a natureza. Agora, se você fica numa sala fechada, você não tá valorizando a natureza, o sol, a chuva, a água da chuva. A professora tem intencionalidade, as crianças não têm, mas a professora tem. A professora cria as condições para que as crianças possam estar elaborando um projeto, desenvolvendo um projeto a partir daquilo.

## APÊNDICE H – Entrevista Patrícia

Pesquisadora responsável: Gabriela Aceituno

Orientadora: Profa. Dra. Maria Walburga dos Santos

Título da pesquisa: O PROJETO “CRECHE & VIDA”: História do atendimento a bebês e crianças pequenas na Educação Infantil pública de Sorocaba, SP. (1989 a 1992)

Este roteiro de entrevista episódica é parte da pesquisa de mestrado em educação na linha 1: Formação de Professores e Práticas Educativas do Programa de Pós-Graduação em Educação Do Campus Sorocaba. As respostas às questões que se seguem devem ser verdadeiras para que a pesquisa tenha validade. A participação é voluntária e sem riscos de qualquer ordem. A pesquisa tem como objetivo maior contribuir para a melhoria da educação infantil. Agradeço a disponibilidade em participar!

**Nome:** Patrícia

**Data de nascimento/idade:** 18/12/1970 51 anos    **Sexo/gênero:** feminino

**Cor/raça (de acordo com as categorias do IBGE):** branca

**Formação inicial:** Magistério; Pedagogia

**Formação complementar:** Especialização em Educação Infantil e Psicopedagogia

**Vida profissional:** Professora

**Cargo ocupado no projeto:** Professora

**Data da aposentadoria:** 01/2021

Entrevista realizada em Novembro/2022

P: Como você chegou à profissão?

Eu fiz o magistério primeiro, antes da faculdade, porque lá em 1990, para dar aula, você tinha que ter o magistério, não era obrigado a faculdade. A Prefeitura de Sorocaba tinha três creches na rede: Brigadeiro Tobias, Maria do Carmo e Vila Jardini, só tinham essas três creches na rede. E no governo do Pannunzio, a esposa dele, que é a Maria Inês Pannunzio, na época eles começaram a pensar sobre passar a creche da promoção social para a educação. Então, quando eles efetivaram esse projeto, eles colocaram professores nas creches, até então as crianças não eram atendidas por professores, eram atendidas por regentes maternas, que hoje são os auxiliares de educação. E daí ficava, por exemplo, dependendo da faixa etária, um professor e um ou dois regente maternal, e o professor respondia pela parte pedagógica.

As crianças ficavam o dia todo e um período era atendido por professor e no outro ficava com o regente maternal, isso em 1990. Agosto de 1990 é a data que iniciou a inserção das creches na Secretaria da Educação, ela passou da promoção social para a educação, para ter caráter educativo. Na verdade, seguindo a lei né? Na Constituição já havia esse inciso de que tinha que ser com caráter educativo. E aí passou por diversas mudanças, teve ano que teve professor na creche, um por turma, teve ano que os dois períodos teve professor, então as crianças eram atendidas por professor de manhã e à tarde, e sempre acompanhada de regente maternal, ou estagiários... Passou por vários nomes esse cargo de auxiliar o professor. Porque a creche atendia crianças de 3 meses a 6 anos, no ano que completava 7 anos ia pro fundamental. E depois desse tempo, foi visto que não dava certo professor nos dois períodos e voltou professor em um período só, que é a formação que tem até hoje. Um professor por turma, tem professor em todas as turmas. Teve uma época que tinha professor a partir dos 3 anos, não tinha professor nos menores, no berçário e na creche 1, depois voltou a ter professor em todas as turmas. Hoje as creches atendem até 3 anos, depois vão para pré-escola.

P: Relate como foi a sua experiência e sua atuação no projeto “Creche & Vida” (fatos marcantes, contribuições, relação com as famílias e as crianças e a elaboração/implementação do projeto).

No início, a Prefeitura de Sorocaba ofereceu um curso para os professores que se interessassem para fazer... Eram 120 dias mais ou menos, que foi lá em janeiro de 1990. Esse curso foi ministrado pela Maria Inês Pannunzio, e ela trazia pessoas que falavam sobre creche, inclusive tinha no curso professores que trabalhavam já na creche, mas como regente maternal. Então ali ela explicou como era o dia a dia na creche, tinha um livrinho chamado “Creche & Vida”, que tinha hora do banho, hora de comer, então tinha ainda um olhar bastante forte para o cuidar, porém, inserindo o trabalho pedagógico do professor nesse contexto do cuidar. Então foi feito esse curso primeiro, depois foi feita uma prova com esses participantes e foram tirados 14 professores que iriam ser distribuídos nas creches, em início a creche Lopes de Oliveira (CEI 63), que era uma creche que iria começar 100% com professor que a Prefeitura estava reformando. Só que, como a reforma demorou muito, eles resolveram chamar os sete primeiros professores dessa prova para oferecer as creches já existentes, Brigadeiro Tobias, Maria do Carmo e Vila Jardini. Eu fui pra Vila Jardini nessa época, de início eu comecei a trabalhar numa sala de crianças de 2 aninhos. E era assim: sem a presença dos professores, as crianças que estavam na creche eram levadas para a pré-escola, as crianças em idade da pré-escola iam para ser atendidos por professores, normalmente as

creches tinham escolas ali perto. Com a chegada dos professores, eles perceberam que não precisavam mais, e os professores foram transferidos para essas salas com crianças nessa faixa etária. Nessa fase tinha professores volantes nas etapas de crianças menores, depois de um tempo que foi tendo professor em todas as turmas. E não foi fácil da gente tirar o olhar, principalmente das famílias, das pessoas atendidas, da parte do cuidar especificamente. A creche, ela, por muito tempo, passou ainda sendo vista como um ambiente de cuidado, para a mãe que trabalha, tanto que a briga das famílias era ter creche para quem trabalha, e por muito tempo as vagas foram definidas assim, era prioridade para os pais que trabalham, porque não tinha vaga para todo mundo. Depois, com o passar do tempo, com um trabalho nosso enquanto professor, a gente foi conseguindo mostrar a importância do trabalho pedagógico na creche, a importância disso para o desenvolvimento infantil, desde pequeninhos, desde o berçário. Aí depois começaram a vir as matrículas na creche por ordem judicial, os pais tiveram conhecimento da lei, que é para todos, e começaram vir as matrículas assim, e não precisou mais ter essa condição de os pais terem que trabalhar para pôr as crianças na creche.

As formações que nós tínhamos no “Creche & Vida” eram, se eu não estou enganada, mensais, e a gente contava com o que estava o trabalho, como nós vimos a questão da presença do professor... Isso tinha com nós, professores, e com os diretores também. Então essas formações eram muito importantes, era um feedback pra saber onde precisava estar ajustando alguma coisa com relação ao trabalho.

Quando eu comecei a trabalhar, eu tinha 18, 19 anos. Eu nunca tinha trabalhado na minha vida, na verdade. Cheguei na creche primeiro com as crianças menores, depois fui para as crianças menores, e eu tava recém-saída do Magistério, e já no primeiro ano da faculdade, então eu estava com a parte teórica, vamos dizer assim, caminhando, e a experiência que eu tinha era dos estágios e o estágio e a sala de aula são muito diferentes, assim como a parte teórica e a prática. Você tem que ter o conhecimento, sem dúvida, mas não basta ter o conhecimento se você não desenvolver a sua prática. E o meu trabalho eu sempre busquei voltar para o brincar, que a criança tivesse um aprendizado através do brincar, através do lúdico, do concreto. Porque teve uma época na rede que a gente se deparou com uma tentativa de escolarização na educação infantil, mais ou menos na época que o pessoal começou a trabalhar o construtivismo, teve um pessoal que perdeu um pouco o rumo de como trabalhar... 8 ou 80, entendeu? E eu sempre procurei trabalhar isso, na construção do conhecimento através do lúdico, através do brincar, do concreto mesmo. Até eu me aposentar eu procurei fazer isso, porque eu acredito que é desta forma que a criança

aprende melhor, e é dessa forma que para nós professores o retorno para você avaliar se está atingindo o objetivo é muito mais claro, você vê acontecer. Então, não que não tenha que ter papel, mas estou falando pra você no sentido de uma creche que hoje atende até 3 anos, dos 4 aos 5 você vai inserir o papel, de uma forma lúdica. Agora, para as crianças menores de 3, eles não têm foco nisso, o foco são as atividades práticas, as vivências. Então eu usei e uso muito isso, inclusive na pandemia. A pandemia ela veio trazer uma leitura totalmente diferente, porque, pense você numa sala de aula, você recebendo um comunicado que hoje, por exemplo, uma quarta-feira, a partir de segunda-feira você vai começar a dar aula a distância para seus alunos de 3 anos. Então você fica ali... “Nossa, como vamos fazer isso?”. Nunca passamos por isso. Eu não queria perder meu foco de trabalho, então eu tentei criar coisas... Na internet hoje em dia tem muita coisa pronta, mas eu não queria isso, eu queria manter o vínculo com as crianças, e vínculo a gente mantém com presença, então eu mesma comecei a gravar vídeos. Eu pensava numa atividade de pular objetos, por exemplo. Daí eu montava aqui na minha casa, colocava os objetos, minha filha gravava pra mim, daí eu fazia, eu pulava os objetos na gravação, falando com meus alunos, como eu fazia em sala de aula mesmo. Na sala de aula a minha aula sempre foi assim, eu sempre fiz a atividade com eles, pra eles verem como faz. Eu faço, não peço para outra criança fazer, eu mesma faço. Porque para a criança é muito importante isso de ver o professor fazer, estimula eles. E deu súper certo, funcionou muito bem, a minha sala era a única da escola que recebia 100% de retorno dos pais, eles mandavam vídeos das crianças fazendo, vinham recadinhos das crianças e deu súper certo. E mais ainda que isso me provou que o brincar, o concreto, o lúdico, se você focar a aprendizagem nisso é importante. O chão da escola está inserido nisso. Foi uma construção que eu fiz com os meus anos de trabalho, os 30 anos que eu estive em sala de aula ininterruptos.

P: O que você entende por creche, infância e educação infantil?

Eu vejo que ainda nós estamos caminhando na questão da importância da infância, muitas pessoas ainda não dão importância a essa fase da vida, o quanto a criança aprende e se desenvolve em todos os aspectos. A formação do ser humano está dentro da infância. E a creche, por trabalhar com crianças bem pequenas, a partir dos 3 meses, ela tem um privilégio para nós, professores, que temos o prazer de trabalhar com essa faixa etária, porque no ambiente da creche a gente consegue oferecer muito para as crianças dentro desse desenvolvimento infantil, porque ali você consegue priorizar o brincar, a troca entre as crianças, inclusive de faixas-etárias diferentes, e isso agrega muito, a convivência deles é muito próximo, no sentido de estarem juntos por anos, e quanto mais nova a criança, mais

próxima das famílias nós, professores, somos, é interessante isso. A criança começa no berçário, então você vai percebendo que os pais vão criando vínculos com os professores e que são muito importantes para o desenvolvimento da criança, porque a gente consegue manter uma troca com eles. O primeiro laço que você estabelece com as famílias é o da confiança, a partir do momento que, com seu trabalho, você consegue estabelecer essa laço de confiança com os pais, todo os demais vêm de maneira mais simples, mais fácil. Porque os pais confiam no professor. Eu já fui mãe, já tive meus filhos na creche, então eu sei do que eu tô falando. Você precisa confiar muito no ambiente e no profissional que está ficando com seu filho. A parceria da família com a escola, na creche, é muito forte porque o cuidar caminha junto. Por exemplo, uma criança que tem febre, você tem que entrar em contato com a família, e as crianças pequenas são muito vulneráveis, porque estão criando resistência ainda. Então você cuida dessa criança nesse sentido, e os pais têm uma gratidão de você ter esse olhar, de perceber que está com febre, de avisar se aconteceu alguma coisa. E pra mim, eu não poderia trabalhar em outro lugar que não fosse a creche, eu me identifico muito com a creche, eu acho que eu tô na melhor parte da educação infantil. Meu olhar é esse, que a creche é a melhor parte da educação infantil. Sabe aquela história: quando você constrói uma casa, você começa pelo alicerce; se o alicerce não for muito bem feito, quando você fizer as paredes, em algum momento, ela pode ceder. E assim a gente vê a criança na educação infantil: é na educação infantil que a gente cria esse alicerce, a base para todos os demais aprendizados da criança. Se nós professores de creche não fizermos muito bem feito esse alicerce, inclusive a gente participa na formação da personalidade da criança junto com a família, a gente não vai ter feito um bom trabalho lá na frente, porque, quando as crianças forem para o primeiro ano, muitas das dificuldades que as crianças podem ter estão relacionadas àquilo que deixou de ser trabalhado na educação infantil. Por isso que eu tenho essa visão que a educação infantil, a creche principalmente, é a base, é o alicerce. A educação infantil, o período da pré-escola, ela complementa, né? pega os anos finais. E é extremamente prazeroso, tanto que eu me aposentei e continuei dando aula.



## **APÊNDICE I – Roteiro de entrevistas**

Pesquisadora responsável: Gabriela Aceituno

Orientadora: Profa. Dra. Maria Walburga dos Santos

Título da pesquisa: O PROJETO “CRECHE & VIDA”: História do atendimento a bebês e crianças pequenas na Educação Infantil pública de Sorocaba, SP. (1989 a 1992)

Este roteiro de entrevista episódica é parte da pesquisa de mestrado em educação na linha 1: Formação de Professores e Práticas Educativas do Programa de Pós-Graduação em Educação do Campus Sorocaba. As respostas às questões que se seguem devem ser verdadeiras para que a pesquisa tenha validade. A participação é voluntária e sem riscos de qualquer ordem. A pesquisa tem como objetivo maior contribuir para a melhoria da educação infantil. Agradeço a disponibilidade em participar!

**Nome:**

**Nome fictício:**

**Data de nascimento/ Idade: Sexo/gênero:**

**Cor/raça (de acordo com as categorias do IBGE):**

**Formação Inicial:**

**Formação complementar:**

**Vida profissional:**

**Cargo ocupado no projeto:**

**Data da aposentadoria:**

1. Como você chegou na profissão?
2. O que você entende por infância, creche e educação infantil?
3. Relate como foi a sua experiência e sua atuação no projeto “Creche & Vida” (fatos marcantes, contribuições, relação com as famílias e as crianças e a elaboração/implementação do projeto).
4. Considerações.

## ANEXO A - Tabela de funcionários da Secretaria de Educação

Tabela - Funcionários da Secretaria da Educação

CARGO	Nº de funcionários
Agente Infantil	12
Agente Infantil - Readaptado	3
Ajudante Geral	1
Assist. de Admin. II	1
Assist. de Admin. I	2
Assist. Social	4
Assistente de Secretaria e Expediente	5
Autônomos - Prof. Eventual	1.498
Aux. de Administração	132
Aux. de Educação	1.440
Aux. de Educação - Readaptado	16
Aux. de Educação CLT	31
Aux. de Serviços Operacionais	23
Chefe de Divisão	8
Chefe de Seção	17
Contador	1
Coordenador Administrativo	2
Diretor de Área	1
Diretor de Escola Designado	16
Diretor de Escola N/I	63
Diretor de Escola N/II	67
Diretor de Escola N/III	13
Diretor de Escola N/IV	2
Estagiário Nível Superior	480
Fonoaudiólogo	2
Gestor de Desenv. Administrativo	4
Gestor de Desenv. Educacional Pedagógico	8
Gestor Planej. e Execução	1
Inspetor de Alunos	215
Inspetor de Alunos CLT	3
Motorista	1
Nutricionista	6
Of. Administ.	1
Orient. Pedagógico. N/I	41
Orient. Pedagógico. N/Ii	59
Orient. Pedagógico. N/III	4
Orient. Pedagógico. N/IV	2
Orientador Pedagógico Designado	8

CARGO	Nº de funcionário
Peb I N/I CLT	6
Peb II N/I CLT	2
Pebi N/A	14
Pebi N/I	569
Pebi N/II	1.484
Pebi N/III	24
Pebi N/IV	2
Pebi, N/A - Readaptado	2
Pebi, NI - Readaptado	7
Pebi, NII - Readaptado	24
Pebii N/I	80
Pebii N/II	54
Pebii N/III	6
Pebii N/IV	1
Pebii, NII - Readaptado	5
Psicólogo	3
Regente Maternal	1
Secretário	1
Secretário de Escola	50
Superv. de Ensino Designado	1
Superv. Ens. N/I	4
Superv. Ens. N/II	5
Superv. Ens. N/III	10
Tec. de Controle Administrativo	15
Terapeuta Ocupacional	2
Vice-Diretor Designado	7
Vice-Diretor N/I	22
Vice-Diretor N/II	21
Vice-Diretor N/III	4
Vice-Diretor N/IV	1

Fonte: <https://leideacesso.etransparencia.com.br>. Acesso em: abr. 2022